

MATTOS
da Bahia
3º Tomo
Que contem poezias judi=
ciais, correções
de picarôs,
e desenvolturas
do Poeta¹

¹ Códice 005-09-009610-7 da Coleção Celso Cunha

**/1/ POEZIAS IUDICIAES
QUEIXA-SE**

O Poeta

em que o mundo vae errado,
e querendo emendâ-lo,
o tem por empreza difficultosa.

Soneto

Carregado de mim ando no mundo,
E o grande pezo embarga-me as passadas,
Que como ando por vias desuzadas,
Faço o pezo crescer, e vou-me ao fundo.

O remedio será seguir o immundo
Caminho, onde dos mais vejo as pizadas,
Que as bestas andaõ juntas mais ornadas,
Do que anda só o engenho mais profundo

/2/ Não he facil viver entre os insanos,
Erra, quem presumir, que sabe tudo,
Se o atalho não soube dos seus dãos.

O prudente varaõ ha de ser mudo,
Que he melhor neste mundo mar de enganos
Ser Louco c'os demais, que ser sisudo.

Expoem

esta doutrina
com miudeza, e entendimento claro,
e se resolve a seguir
Seu antigo dictame.

Decimas

1

Que nescio, que era eu entãõ,
quando cuydava, o não era
traz o tempo, a idade, a era
Podéram mais que a razaõ:
fiy-me na discriçaõ,
e perdi-me, em que me pez,
e agora dando ao travez,
vim no cabo a entender
/3/ que o tempo veyo a fazer,
o que a razaõ nunca fez.

2

O tempo me tem mostrado,
que por me não conformar
cõm o tempo, e c'o lugar
estou de todo arruinado:
na politica de estado
nunca houve principios certos,
e posto que homens expertos
alguns documentos deram
tudo, o que nisto escrevêram,
sãõ contingentes acêrtos.

3

Muytos por vias erradas
tem acêrtos muy perfeytos,
muytos por meytos direyτος
naõ daõ sem erro as passadas:
cousas tam disparatadas
obra-as a sorte importuna,
que de indignos he colúna,
e se me ha de ser preciso
lograr fortuna sem siso,
eu renunció a fortuna.

/4/ [4]

Para ter por mim bons fados
escuso discretos meytos,
que há muytos burros sem freyos,
e muy bem afortunados:
Logo os que andaõ bem livrados,
naõ he própria diligencia,
he o cêo, e sua influencia,
saõ forças do fado puras,
que põem mentidas figuras
no theatro da prudencia.

5

Diques de agua cercâram
esta nossa cidadela,
todos se molhâram nella,
e todos tontos ficâram
desta agua fonte de asma,
fiques saõ da fantezia
por meu mal, pois nestes tratos
entre tantos insensatos
por sisudo eu sô perdia.

6

Vinhaõ todos em manada
hum simples, outro doudete,
/5/ este me dava hum moquete
aquelloutro huma punhada:
tã que sou pessoa honrada,
e hum homem de entendimento;
qual honrado, ou qual talento!
forma-me pondo num trapo,
vi-me tornado hum farrapo,
porque hum tollo fara cento.

7

Considerey logo entã
os baldões, que padecia,
vagarosamente hum dia
com toda a circumspeçaõ:
assentes por conclusãõ
ser duro de os corrigir,
e livrar do seu poder,
dizendo com grande magua:
Se me naõ molho nesta agua,
mal posso entre estes viver.

8

Eya, estamos na Bahia,
onde agrada a adulaçaõ,
onde a verdade he baldaõ,
e a virtude hyocrezia:
/6/ Sigamos esta harmonia
de tam fatua consonancia,
e inda que seja ignorancia
seguir erros conhecidos,
sejam-me a mim permittidos,
se em ser besta está a ganancia.

9

Alto pois com planta presta
me vou ao Dique botar,
e ou me hey de nella afogar,
ou tambem hey de ser besta:
do bico do péé à testa

Lavey as carnes, e os ossos:
ey los vem com alvoroços
todos para mim correndo,
ey los me abraçaõ, dizendo,
agora sim, que he dos nossos.

10

Dey por besta em mais valer,
hum me serve, outro me presta;
naõ sou eu de todo besta,
pois tratey de ó parecer:
assim vim a merecer
favores, e aplausos tantos
/7/ pelos meus nescios encantos,
que emfim, e por derradeyro
fuy gallo do seu polleyro
e lhes dava os dias santos.

11

Ja sou na terra bem visto,
louvado, e engrandecido,
já passey de aborrecido
ao auge de ser bem quisto:
ja entre os grandes me alisto,
e amigos saõ, quanto topo,
estou fabula de tropo
vendo faltar animais,
e fallando eu que elles mais,

bebemos todos n'um copo.

12

Seja pois a conclusaõ,
que eu me pus aqui a escrever,
o que devia fazer,
mas que tal faça, isso nãõ:
decrete a divina mãõ,
influaõ malignos fados,
seja eu entre os desgraçados
exemplo da desventura:
/8/ nãõ culpem minha cordura,
que eu sey, que sãõ meus peccados.

Defende

o Poeta

por seguro, necessario, e recto

Seu primeyro intento

Sobre satyrizar os vicios.

Tercetos

Eu sou aquelle, que os passados annos

Cantey na minha lyra maldizente

Torpezas do Brazil, vicios, e enganos.

E bem que os decantey bastantemente,

Canto segunda vez na mesma lyra

O mesmo assunto em plectro differente.

Ja sinto, que me inflama, ou que me inspira

Fhalia, que Anjo he da minha guarda

Dés que Apollo mandou, que me assistíra.

Arda Bayona, e todo o mundo arda,

Que à quem de profissaõ falta à verdade.

Nunca a Dominga das verdades tarda

/9/ Nenhum tempo exceptua a christandade

Ao pobre pegureiro do Parnaso

Para fallar em sua liberdade.

A narraçãõ ha de igualar ao caso,

E se talvez ao caso não iguala

Naõ tenho por Poeta, o que he Pegaso.

De que pode servir callar, que calla,

Nunca se ha de fallar, o que se sente?

Sempre se ha de sentir, o que se fala!

Qual homem pôde haver tam paciente,

Que vendo o triste estado da Bahia,

Naõ chore, naõ suspire, e naõ lamente?
Isto faz a discreta fantezia:
 Discorre em hum, e outro desconcerto,
 Condéna o roubo, increpa a hypocrezia.
O negro, o ignorante, o inexperto,
 Que naõ elege o bom, nem mau reprova,
 Por tudo passa deslumbrado, e incerto.
E quando vê talvez na doce trova
 Louvado o bem, e o mal vituperado,
 A tudo faz focinho, e nada aprova.
Diz logo prudentaço, e repousado,
 Fulano he hum satyrico, he hum louco,
 De lingua má, de coração damnado.
/10/ Nes[cio]: Se disso entendes nada, ou pouco,
 Como mofas com sizo, e algazaras
 Musas, que estimo ter, quando as invoco?
Se souberas fallar, tambem falláras,
 Tambem satyrizaras, se souberas,
 E se foras Poeta, poetizáras.
A ignorancia dos homens destas eras
 Sisudos faz ver huns, outros prudentes,
 Que a mudez canoniza bestas feras.
Há bons, por naõ poder ser insolentes,
 Outros há, comedidos de medrosos,
 Naõ mordem outros naõ, por naõ ter dentes.
Quantos há, que os telhados tem vidrosos,
 E deyxão de atirar sua pedrada
 De sua mesma telha receosos.
Huma só natureza nos foy dada:
 Naõ creou Deos os naturáes diversos,
 Hum só Adaõ formou, e esse de nada.
Todos somos ruins, todos perversos,

Só nos distingue o vicio, e a virtude,
De que huns saõ començais, outros adversos.
Quem mayor à tiver, do que eu ter pude,
Esse só me censure, esse me note,
Callem-se os mais, chiton, e haja saude.

/11/ Pondo

os olhos
primeiramente na sua cidade
conhece, que os Mercadores
Saõ o primeyro movel da ruina, em que arde
pelas mercadorias inuteis, e enganosas.

Soneto.

Triste Bahia! oh quam de similhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mim empenhado,
Rica te vi eu ja, tu a mim abundante.
A ti trocou-te a maquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foy me trocando, e tem trocado
Tanto negocio, e tanto negociante.
Déste em dar tanto açúcar excellente
Pelas drogas inuteis, que abelhuda
Simples aceytas do Sagaz Brichote.
Oh se quizera Deos, que de repente
Hum dia amanhecêras tam sisuda,
Que fora de algodaõ o teu capote!

/12/ Descreve

com mais individuação
a fiducia, com que os estranhos
sobem a arruinar sua republica.

Romance

Senhora Dona Bahia,
nobre, e opulenta cidade,
madrasta dos Naturais,
e dos Estrangeyros madre.
Dizey-me por vida vossa,
em que fundais o dictame
de exaltar, os que ahi vem,
e abater, os que ahi nascem?
Se ó fazeis pelo interesse,
de que os estranhos vos gabem,
isso os Payzanos fariam
com duplicadas vantagens.
E supposto que os louvores
em bocca propria não cabem,
se tem força esta sentença,
môr força terá a verdade.
/13/ O certo he, Patria minha,
que fostes terra de alarves,
e inda os resabios vos duram
desse tempo, e dessa idade.
Haverá duzentos annos,
(nem tantos podem contar-se)
que ereis huma aldeya pobre,
e hoje sois rica cidade.
Entaõ vos pizavaõ Indios,

e vos habitavaõ cafres,
hoje chispais fidalguias,
arrujando personagens.

A essas personagens vamos,
sobre ellas será o debate,
e queyra Deos, que ó vencer-vos
para envergonhar-vos baste.

Say hum Pobrete de Christo
de Portugal, ou do Algarve
Cheyo de drogas alheyas
para da hi tirar gáges:

O tal foy sotta tendeyro
de hum christaõ novo em tal parte,
que por aquelles serviços
ó despachou a embarcar-se.

/14/ Fez lhe huma carregaõ
para haver de sustentar-se.

/15/ Casa-se o meu Mataxim,
põem duas Negras, e hum Pagem,
huma rede com dous Minas,
chapeo de sol, casas grandes.

Entra logo nos pilouros,
e say do primeyro lance
vereador da Bahia,
que he notavel dignidade.

Ja temos o Canastreyro,
que inda fede à seus beyrames,
methamorfozio da terra
transformado em homem grande:
e eys aqui a personagem.

Vem outro do mesmo lote
tam pobre, e tam miseravel

vende os retalhos, e tira
comissãõ com couro, e carne.

C'o principal se levanta,
e tudo emprega no Iguape,
que hum engenho, e trez fazendas
o tem feyto homem grande;
e, eys aque a personagem.

Dentre a chusma, e a canalha
da maritima bagagem
/16/ fica as vezes hum christaõ,
que apenas benzer-se sabe:

Fica em terra resolutõ
a entrar na ordem mercante,
troca por covado, e vara
timaõ, balestilha, e mares.

Armalhe a tenda hum ricaço,
que a terra chama Magnate
com pacto de parceria,
que em direyto he sociedade:

Com isto o Marinheyraz
do primeyro jacto, ou lance
bota fora o cú breado,
as mãõs dissimula em guantes.

Vende o cabedal alheyo,
e dê com elle em Levante,
vay, e vem, e ao dar das contas
diminue, e não reparte.

Prende aqui, prende acolá,
nunca falta hum bom compadre,
que entretenha o acredor,
ou faça esperar o Alcayde.

Passa hum anno, e outro anno,

esperando, que ele pague,
/17/ que huns lhe daõ, para que ju[re],
e outros mais para que engane.

Nunca paga, e sempre come,
e quer o triste Mascate,
que em fazer a sua estrella
ó tenhaõ por homem grande.

O que elle fez, foy furtar,
que isso faz qualquer bribante,
tudo o mais lhe fez a terra
sempre propicia aos infames:
e eis aqui a personagem.

Vem hum clerigo idiota,
desmayado como hum jalde,
os vicios com seu bioco,
com seu rebuço as maldades:

Mais santo do que Mafoma
na crença dos Teus Arabes,
letrado como um Matullo,
e velhaco como um Frade:

Hontem simples sacerdote,
hoje huma gram dignidade,
hontem salvage notorio,
hoje encuberto ignorante.

Ao tal Beato fingido

/18/ he força, que o povo aclame,
e os do governo se obriguem,
pois edifica a cidade.

Chovem huns, e chovem outros
com officios, e lugares,
e o Beato tudo apanha
por sua muyta humildade.

Cresce em dinheyro, e respeyto,
vay remettendo as fundagens,
compra toda a sua terra,
com que fica homem grande,
e eis aqui a personagem.

Vem outros zotes de requiem,
que indo tomar o character
todo o reyno inteYRO cruzam
sobre a chanca viandante.

De huma provincia para outra
como Dormedarios partem,
caminhaõ como camellos,
e comem como salvages:

Mariollas de missal,
Lacayos missa cantante,
Sacerdotes ao burlesco,
ao serio ganhões de altares.

/19/ Chega hum destes, toma amo,
que as capellas dos Magnates
Taõ rendas, que Deos creou
para estes orate frates.

Fazem lhe certo ordenado,
que he dinheyro na verdade,
que o Papa reserva sempre
das ceas, e dos jantares.

Naõ se gasta, antes se embolça,
porque o Reverendo Padre
he do Santo Nicomedes
meritissimo confrade;
e eis aqui a personagem.

Vem isto os Filhos da terra,
e entre tanta iniquidade

saõ tais, que nem inda tomaõ
licença para queyxa-se.

Sempre vem, e sempre faltaõ,
athe que Deos lhes depare,
quem lhes faça de justiça
esta satyra à cidade.

Tam queymada, e destruida
te vejas, torpe cidade,
como Sodoma, e Gomorra
/20/ duas cidades infames.

Que eu zombo dos teus vizinhos,
sejam pequenos, ou grandes
gozos, que por natureza
nunca mordem, sempre latem.

Que eu espera entre Paulistas
na divina Magestade,
que a ti Sam Marçal te queyme,
e Sam Pedro a mim me guarde.

Julga

prudente, e discretamente
aos mesmos por culpados
em huma geral fome
que houve nesta cidade
pelo desgoverno da Republica,
como estranhos nella.

Decimas

1

Toda a Cidade derrota
esta fome universal,
huns dão a culpa total
/21/ á camara, outros á frota:
a frota tudo abarrota
dentro nos escutilhões
a carne, o peyxe, os feyjões,
e se a camara olha, e ri,
porque anda farta athe aqui,
he cousa, que me não toca:

Ponto em bocca.

2

Se dizem, que Marinheyro
nos precede a toda a Ley,
porque he serviço d-El Rey,
concedo, que está primeyro,
mas tenho por mais inteyro:
o concelho, que reparte
com igual mão, igual arte
por todos jantar, e cea:

mas frota com tripa cheya,
e povo com pança occa!

Ponto em bocca.

3

A fome me tem ja mudo,
que he muda a bocca esfaymada;
mas se a frota não traz nada,
/22/ por que razaõ leva tudo?
que o Povo por ver sisudo
largue o couro e largue a prata
à huma frota patarata,
que entrando co' a vela cheya,
o lastro, que traz de areya,
por lastro de açúcar troca:

Ponto em bocca.

4

Se quando vem para cá,
nenhum frete vem ganhar,
quando para lá tornar,
o mesmo não ganhará:
quem o açúcar lhe dá,
perde a cayxa, e paga o frete,
porque o anno não promette
mais negocio, que perder
o frete, por se dever,
a cayxa, porque se choca:

Ponto em bocca.

5

Elles tanto em seu abrigo,
e o Povo todo faminto,
ele chora, e eu não minto,
/23/ se chorando volo digo:

tem-me cortado o embigo
este nosso general,
por isso de tanto mal
lhe não ponho alguma culpa;
mas se merece desculpa
o respeyto, a que provoca,

Ponto em bocca.

6

Com justiça pois me torno
â camara nõ Senhora,
que pois me trespassa, agora,
agora leve o retorno,
praza a Deus, que o caldo morno,
que à mim me fazem cear
da má vacca do jantar
por falta do bom pescado
lhe veja em cristeis lançado;
mas se a saude lhes toca:

Ponto em bocca.

/24/ No Anno

de 1686

diminuíram aquelle valor, que se havia erguido á moeda, quando o Poeta estava na côrte, onde entãõ com seu alto juizo sentio mal do arbitrista, que assim aconselhára á El Rey, que foy o Provedor da moeda chamado Nicolao de tal, á quem fez aquella celebre obra intitulada “Marinículas” o que claramente se deyxá ver nestes versos.

Sendo pois o alterar da moeda
o a sopro, o arbitrio, o ponto, o ardil,
de justiça a meu ver se lhe devem
as honras, que teve Ferraz, e Soliz.

Agora com experiencia dos males, que padece a Republica nestas alterações, se jacta de o haver estranhado entao: julgando por causa total os ambiciosos estrangeyros inimigos dos bens alheyos.

1

Trataõ de diminuir
dinheyro a meu pezar,
/25/ que para a cousa baxar
o melhor meyo he subir:
quem via tam alto ir,
como eu vi ir a moeda,
lhe pronosticou a queda,
como eu lha pronostiquey:
dizem, que o mandou El Rey,
quer creais, que não creais.
Naõ vos espanteis, que inda lá vem mais.

2

Manda-o a força do fado,
por ser justo, que o dinheyro
baxe á seu valor primeyro
depois de tam levantado:

o que se vir sublimado
por ter mais quatro mangavas,
haõ de pezá-lo as oitavas,
e por leve haõ de engeytâ-lo:
e se com todo este aballo
por descontentes vos dais,
Naõ vos espanteis, que inda la vem mais.

3

As pessoas, de quem Pezo,
haõ de ver como o ferrolho,
/26/ val pouco tomado a olho,
val menos tomado a pezo:
os que prezo, e que desprezo
todos serám de uma casta,
e só moços de canastra
entre veras, e entre chanças
com pezos, e com balanças
vaõ ajustiçar is naus:
Naõ vos espanteis, que inda lá vem mais.

4

Porque como em Maranhão
mandaõ novellos á graça,
assim vos por esta traça
mandareis o algodaõ:
haverá permutaçãõ,
como ao principio das gentes,
e todos os contrahentes
trocarám droga por droga,
pam por sal, lenha por voga,
vinhas por canaveáes:
Naõ vos espanteis, que inda lá vem mais.

5

Virá a frota para o anno,
e que leve vos agouro
/27/ Senaõ tudo a pezo de ouro,
a pezo tudo de engano:
naõ he o valor deshumano,
que á cada oitava se dá
da prata, que corre cá,
pelo meu fraco conceyto,
mas ao cobrar fiel direyto,
e obliquo, quando pagais;
Naõ vos espanteis, que inda lá vem mais.

6

Bem merece esta cidade
esta afflição, que a assalta,
pois os dinheyros exalta
sem real auctoridade:
eu se hey de faltar verdade,
o agressor do delicto
devia ser só o afflicto:
mas se estaõ tam descañçados,
talvez que sejaõ chamados
nesta frota, que esperais:
Naõ vos espanteis, que inda la vem mais.

/28/ TORNA
a definir o Poeta
os maos modos de obrar
na governança da Bahia,
principalmente
na quella universal fome,
que padecia a cidade.

EPILOGOS

1

Que falta nesta cidade?.. Verdade.
Que mais por sua deshonra?... Honra.
Falta mais que se lhe ponha?... Vergonha.

O demo a viver se exponha,
por mais que a fama a exalta,
numa cidade, onde falta
verdade, honra, vergonha.

2

Quem á poz neste socrocio?... Negocio.
Quem causa tal perdição?... Ambição.
E o mayor desta loucura?... Uzura.

Notavel desaventura
de hum povo nescio, e sandeo,

/29/ que não sabe, que o perdeu
Negocio, Ambição, Uzura.

3

Quais são seus doces objectos?... Pretos.
Tem outros bens mais macissos?... Mestiços.
Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,

dou ao demo a gente asnal,
que estima por cabedal
Pretos, Mestiços, Mulatos.

4

Quem faz os cirios mesquinhos?... Meyrinhos.

Quem faz as carinhas fardas?... Guardas

Quem as tem nos aposentos?... Sargentos.

Os cirios lá vem aos centos,
e a terra fica esfaymando,
porque os vão atravessando
Meyrinos, Guardas, Sargentos.

5

E que justiça a resguarda?... Bastarda.

He gratis distribuida?.. Vendida.

Que tem, que a todos assusta?... Injusta.

Valha nos Deos, o que custa,
O que El Rey nos dá de graça,
/30/ que anda a justiça na praça
Bastarda, Vendida, Injusta.

6

Que vay pela clerizia?... Simonia.

E pelos membros da Igreja?... Inveja.

Cuydey, que mais se lhe punha?... Unha.

Sazonada caramunha?
Enfim que na Santa Sé
O que se pratica, he
Simoniam, Inveja, Unha.

7

E nos Frades há manqueyras?... Freyras.

Em que occupaõ os Serões?... Sermões.

Naõ se occupaõ em disputas?... Em Putas.

Com palavras dissolutas

me concluy na verdade,
que as lidas todas de hum Frade
São Freyras, Sermões, e Putas.

8.

Oaçucar ja se acabou?... Baxou.
E o dinheyro se extinguiu?... Subio.
Logo ja convaleceo?... Morreo.

 Á Bahia aconteceu,
 o que à hum doente acontece,
 /31/ cay na cama, o mal lhe cresce
 Baxou, Subio, e Morreo.

9

A camara não acode?... Não póde.
Pois não tem todo o poder?... Não quer.
He, que o governo a convence?... Não vence.

 Quem haverá, que tal pense,
 que huma camara tam nobre
 por ver-se misera, e pobre
 Não pode, não quer, não vence.

Por aviso celestial

daquela grande peste, que chamáram Bicha
como se tratou nas poezias discretas do 1º Tº
a fl. 298 appareceo hum funebre, e horroroso, e ensanguentado cometta no
anno 1689 poucos
dias antes do estrago. Assentavaõ
geralmente, que annunciava es-
terelidade, fomes, e mortes:
porem variavaõ nos su-
geytos dellas, como
cousa lutava.

/32/ **O Poeta**

applica
como mais prudente
contra os que se assinalavaõ
em escandalos naquelle tempo.

Soneto

Se de esteril em fomes dá o cometta,
Naõ fica no Brazil viva creatura,
Mas ensina do juizo a escriptura,
Cometta naõ ó dar, senaõ trombeta.
Naõ creyo, que tais fomes nos prometta
Huma estrella barbada em tanta altura;
Prometterá talvez, e por ventura
Matar quatro Seyões de imprealeta.
Se viera o cometta por coroas,
Como presume muyta gente tonta,
Naõ lhe ficára Clerigo, nem Frade.
Mas elle vem buscar certas pessoas:
Os que roubaõ o mundo c'o a vergonta,
E os que á justiça faltaõ, e à verdade.

/33/ Pertende

agora (posto que em vaõ)
desenganar aos Sebastianistas,
que applicavaõ o dito cometta
à vinda do Encuberto.

Soneto

Estamos em noventa era esperada
De todo o Portugal, e mais conquistas,
Bom anno para tantos Bestianistas,
Melhor para illudir tanta burrada.
Ve-se huma estrella palida, e barbada,
E deduzem agora astrologistas
A vinda d'hum Rey morto pelas listas,
Que não sendo dos Maos he estrellada.
Oh quem à hum Bestianista peerguntára,
Com que razaõ, ou fundamento espera
Hum Rey, que em guerra n'África acabára!
E se com Deos me dà; eu lhe dicera,
Se ó quiz restituir, não o matára,
E se o não quis matar, não o escondera.

/34/ Por occasiã

do dito cometta
reflectindo o Poeta os movimentos
que universalmente inquietavaõ
o mundo naquella idade,
o sacode geralmente
com esta crizi.

Decimas

1

Que esteja dando o Francez
camoezas ao Romano,
castanhas ao castelhano,
e cynsas ao Portuguez:
e que estejaõ todos trez
em huma scisma quieta
reconhecendo esta treta
tanto a vista, sem á ver:
Será; mas porem a ser
effeytos são do cometta.

2

Que estaja o Inglez muy quedo,
e o Holandez muy ufano,
/35/ Portugal cheyo de engano,
Castella cheya de medo:
e que o Turco viva ledoo
vendo à Europa inquieta,
e que cada qual se metta
em huma cova a temer,
tudo será: mas a ser
effeytos são do cometta.

3

Que esteja o Francez com bando,
e a India padecendo,
Italia olhando, e comendo,
Portugal rindo, e chorando:
e que ós esteja enganando,
quem sagaz ós inquieta,
Sem que nada lhe prometta!
Sera: mas com mais razaõ
Segundo a minha opiniaõ
effeytos saõ do cometta.

4

Que esteja Angolla de graça
Marzagaõ cay não cay,
/36/ o Brazil feyto cambray,
quando Holanda feyta caça:
e que jogue o pafia pafia
com nosco o Turco Mahometa
e que assim nos accometta
será, pois he tam ladino:
porem segundo imagino,
effeytos saõ do cometta.

5

Que venhaõ os Francinhotes
com engano sorateyro
a levar-nos o dinheyro
por troco de assobiotes
nos levem a fiveleta!
não sey se nisto me metta!
porem sem meter-me em todas,
digo, que estas cousas todas
efeytos saõ do cometta.

6

Que venhaõ homens estranhos
as direytas, e as esquerdas
/37/ trazer-nos as suas perdas,
e levar os nossos ganhos!
e que sejamos tamanhos
ignorantes, que nos metta
em dibuxos a gazeta!
Será, que tudo he peyor:
mas, porem seja, o que for,
effeytos são do cometta.

7

Que havendo tantas maldades,
como experimentado tamos,
tantas novidades vemos,
naõ havendo novidades:
e que estejaõ as cidades
todas, postas em dieta,
mao he: porem por decreta
permissaõ do mesmo Deos,
\se naõ são peccados meus,
effeytos são do cometta.

8

Que se vejaõ sem razaõ
no extremo, em que se vem,
hum tostaõ feyto hum vintem,
e huma pataca hum tostaõ;
/38/ e que estas mudanças vaõ
fabricadas a curveta,
sem que a ventura prometta
nunca nenhuma melhora!
Sera: que pois o ceo chora,
effeytos são do cometta.

9

Que o reyno em hum estaleyro
esteja, enesta occasiã
haja pam, ãõ haja pam,
haja, ãõ haja dinheyro:
e que se tome em Aveyro
todo o ouro, e prata invecta
por certa via secreta;
eu ãõ sey, como isto he:
porem ja que assim se vé,
effeytos sãõ do cometta.

10

Que haja no mundo, quem tenha
guizados para comer,
e traças para os haver,
ãõ tendo lume, nem lenha:
e que sem renda mantenha
carro, carroça, caretta,
/39/ e sem ter adonde os metta,
dentro em si tanto accomode!
póde ser: porem se póde,
effeytos sãõ do cometta.

11

Que andem os officiais
como fidalgos vestidos,
e que sejaõ presumidos
os humildes como os mais:
e que ãõ possaõ os tais
cavalgar sem a maleta,
e que esteja tam quieta
a cidade, e o povo mudo!
Será: mas sendo assim tudo

effeytos são do comêta.

12

Que se vejaõ por prazeres,
sem depararem nas fomes
as mulheres feytos hoomes,
e os homes feitos mulheres:
e que estejaõ os misteres
enfronhados na baeta,
sem ouvirem a trombeta
do povo, que he hum clarim!
/40/ Será: porem sendo assim
effeytos são do cometta.

13

Que vista, que rendas tem,
galas vistosas por traça,
supposto que bem mal faça,
inda que mal, fará bem:
mas que vista, quem não tem
mais que huma pobre sargeta,
que lhe vem pela estafeta
por milagre nunca visto!
Será: porem sendo isto
effeytos são do cometta.

14

Que não veja, o que ha de ver
mal no bem, e bem no mal,
e se metta cada qual,
no que não se ha de meter:
que queyra cada hum ser
capitaõ sem ter gineta,
sendo ignorante, profeta,
sem ver, que foy, e quem he!

Sera: mas pois se não vê,
effeytos são do cometta.
/41/ Que o pobre, e rico namore,
e que com esta porfia
o pobre alegre se ria,
e que o rico triste chore:
e que o presumido more
em palacio sem boleta,
e por não ter, que lhe metta,
o tenha cheyo de vento!
póde ser: mas ao intento
effeytos são do cometta.

16

Que ande o mundo, como anda,
e que ao som do seu desvello
huns baylem ao saltarello,
e os outros a sarabanda:
e que estando tudo abanda,
sendo eu hum pobre Poeta,
que nestas cousas me metta
sem ter licença de Apollo!
Será: porem se eu sou tollo,
effeytos são do cometta.

/42/ **Torna**
o Poeta
a dar outra volta ao mundo
com esta segunda

CRISI

1

Que ande o mundo mascarado
jogando com nosco o entrudo,
e que cada qual sisudo
ande atraz delle esgaldado!
que nenhum desenganado
este patifaõ conheça,
e que lhee quebre a cabeça
para ter delle victoria!

Boa historia

2

Mas que alguns queyraõ viver
vida tam bruta, e tam fera,
como que se não houvera
mais que nascer, e morrer:
que estes mesmos queyraõ ver
tam nobres, tam absolutos,
/43/ como desbocados brutos
correndo pela carreyra!

Boa asneyra.

3

Que hajaõ Turcos bellicosos
filhos da perversidade,
havendo na christandade
Monarcas tam poderosos:
que não se juntem zelosos

para prostrar seus furores,
mandando-se embayxadores
de eloquencia persuasoria!

Boa historia.

4

Mas que hajaõ com mais extremos
entre christaõs baptizados
sacrilelgos, renegados,
impios, judeos, e blasfemos:
que algum christaõ (como vemos)
dos tais seja muyto amigo,
tendo tam grande perigo
de pegar-se lhe a manqueyra!

Boa asneyra.

5

/44/ Que tantas almas pereçaõ
hoje entre gentios varios,
por não haver Missionarios,
que em convertê-los mereçam:
que muytos não se offereçam
para esta santa conquista,
bem que o inferno o resista
com sugestaõ disuasoria!

boa historia.

6

Mas que muytos professores
da Ley catholica, e santa
se mettaõ pela garganta
dos infernos tragadores:
que por huns tristes amores,
ou por huns negros tostões
vaõ para eternos tições

lá na hora derradeyra!

Boa asneyra.

7

Que muytos salvar-se esperem,
os bens alheyos devendo,
e huma occasiaõ retendo,
porque emendar-se não querem:
/45/ e que ja mais considerem,
que deyxar a occasiaõ
he para huma confissaõ
circunstancia obrigatoria:

Boa historia.

8

Mas que quando alguns resolvaõ
confessar os seus delictos,
que hajaõ tantos imperitos
confessores, que os absolvaõ:
que com elles se resolvaõ
no estidio, que merecéram,
porque estes tais absolvéram
sem disposiçaõ inteyra:

Boa asneyra.

9

Que no estado secular,
onde houve mais de mil santos,
haja hoje tantos, e tantos,
que se não sabem salvar:
que estes não queyraõ cuydar
na celestial ventura,
havendo huma pena dura,
eterna, e cominatoria!

/46/ Boa historia.

10

Mas que nas religiões
alguns Frades maos letrados
sejaõ de Deos reprovados
pelas suas eleyções:
que andem com perturbações
por amor das prelazias,
e depos de breves dias
se achem na estigia cadeyra

Boa asneyra.

11

Que algum Frade, que se cobre
na santa comunidade,
no tempo, que he pobre frade,
naõ queyra ser frade pobre:
que ao mesmo tempo lhe sobre
o dinheyro equivalente
para alcançar facilmente
a valia impetratoria!

Boa historia.

12

Mas que hum Frade de mais fundo
por causa de certos mandos
/47/ se queyra metter em bandos,
qual se fora vagabundo:
que podendo ir cá do mundo
ao céo vestido, e calçado,
vá descalço, e remendado
para huma infernal leoneyra!

Boa asneyra.

13

Que haja pregador noviço,

que estude alheyos sermões,
só para juntar dobrões,
porque os ajunta por isso:
que cuyde de muyto remissio,
que podera bem pregar
sem theologia estudar,
ou sem saber a oratoria!

Boa historia.

14

Mas que hajaõ mais pregadores,
que estudando resolutos,
naõ tratem de colher frutos,
porem so de escolher flores:
que sendo estes tais doutores
preguem conceytos galantes,
/48/ bem como os representantes
na comedia prasenteyra!

Boa asneyra.

15

Que os rusticos montanhezes
naõ saybaõ nunca a doutrina,
porque tambem nunca à ensina
o Paroco à seus freguezes:
que lhes diga muytas vezes
patranhas, e historias tantas,
mas nunca as palavras santas,
e a doutrina exortatoria!

Boa historia.

16

Mas que Amarilles muy vãa
sayba muyto bem de cor
toda a cartilha do amor,

naõ a doutrina christãa:
que se vá pela manhã
na quaresma a confissãõ,
e por naõ saê-la entãõ
vá para casa a carreyra

Boa asneyra.

17

/49/ que o Juiz pelo respeyto
profira a sentença absorto,
fazendo o direyto torto,
mas isto a torto, e direyto,
que cuyde, que póde o feyto
no agravo, ou na appellação
melhorar na relação
só pela conservatoria!

Boa historia.

18

Mas que o Juiz de sciencia
por causa de alguns respeytos
naõ faça exame nos feytos,
por forrar o da consciencia:
que o tal com muyta insollencia
por descuydo, ou por preguiça
naõ reforme esta injustiça
da sentença lisongeyra!

Boa asneyra.

19

Que Juizes metecaptos
sabendo jurisprudencia
castiguem huma innocencia
como o fez Pontio Pilatos:
/50/ que para certos contractos

o reo, que à si se condéna
absolvaõ de culpa, e pena
com huma inter locutoria!

Boa historia.

20

Mas que outtos com vozes mudas
levados da vil cobiça
vendaõ a mesma justiça,
como á vendeo o máo Judas:
que com razões tartamudas
indo de mal em peyor
naõ dem conta ao confessor
da sentança trapasseyra!

Boa asneyra.

21

Que o letrado lisongeyro
venda, fazendo negaçãs
em almoeda as trapassas,
e por muyto bom dinheyro:
que diga, que he verdadeyro
porque tem famosas partes
pelas suas grandes artes,
pela cota dilatoria!

/51/ Boa historia.

22

Mas que Ministro o suporte,
porque isto na alçada cabe,
ou pelo que elle só sabe,
tantas dilações naõ córte:
que primeyro chegue a morte,
e o juizo universal,
do que a sentença final

de huma demanda ligeyra!

Boa asneyra.

23

Que hajaõ causas inda assim
na Legacia peyores,
porque entre reos, e entre autores
saõ causas, que não tem fim:
que se conseguis o fim
de vir em breve hum rescrito,
o tempo seja infinito,
e eteerna huma compulsoria!

Boa historia.

24

Mas que alguns com tal porfia
queyram com Rayvas internas,
/52/ sendo a parte post eternas
demandas na legacia:
que hajaõ muytos cada dia,
que gastem seus beneficios
simples nestes exercicios
pregando huma, e outra ladeyra!

Boa asneyra.

25

Que haja escrivães, que mal lem
letra, que bem se soletra,
e que fazendo m;á letra,
com tudo escrevaõ muy bem:
que à este dando o parabem
as alviçaras lhe peçaõ,
e à est'outro logo despeçaõ
com ficçaõ consolatoria!

Boa historia.

26

Mas que haja algum, que trabalha
toda a vida sem proveyto
e que logo façaç hum pleyto
sobre dá cá aquella palha:
que queyra em civil batalha
perder a fazenda, e vida
/53/ nas trapassa consumida,
com quem lhe faz amoedeyra!

Boa asneyra.

27

Que andem muytos em conjuro
para cometterem vicios,
roubando nos seus officios,
e com cartas de seguro:
que estes, dos quais eu murmuro,
naõ vaõ todos a enforçar,
só porque sabem roubar
com sua astucia notoria!

Boa historia

28

Mas que andem muytos espertos
esganados como galgos,
por parecerem fidalgos,
sendo ladrões encubertos:
que estando estes mesmos certos,
que os conhecem muyto bem,
naõ se lhes dem de ninguem,
nem isto lhes de canceyra!

Boa asneyra

29

/54/ Que hajao medicos, que trataõ

só de jogos, e de amores,
sendo como os caçadores,
que vivem só, do que mataõ:
que estes, que não se recataõ,
venhaõ com pressa exquisita,
vam-se, e está feyta a visita
de pois da purga expulsoria!

Boa historia.

30

Mas que outros, que põem a raza,
e se prezaõ de estafermos,
não ó tomando aos enfermos.
Só tomem o pulo á casa:
que haja enfermo , que se abraza
em febre, e dores mortáes,
e que se cure com táes,
que so estudaõ na frasqueyra!

Boa asneyra.

31

Que hajaõ Poetas occultos
nas sombras da poezia,
fugindo da luz do dia,
e que estes se chamem cultos;
/55/ que sendo loucos, e estultos,
por natural tenebrosos
queyraõ, que os chame Lustrosos
a fama cebratoria!

Boa historia.

32

Mas que muytos ós defendaõ
pelos teus genios bem raros
chamando-os bellos, preclaros,

supposto que os não entendaõ:
que os tais imitar pertendaõ
a poezia de Angolla,
cuja catinga os consola,
qual mandioca negreyra!

Boa asneyra.

33

Que hajaõ muytos pertendentes,
só porque tem prendas boas
nas arcas, não nas pessoas,
que à todos fazem presentes:
que consigaõ diligentes,
quanto quer o seu intento,
por lhes dar merecimento
a carta comendatoria?

/56/ Boa historia.

34

Mas que outros mil alentados,
que andavam pelas campanhas
fazendo muytas façanhas,
andem tam esfrangalhados:
que sendo huns pobres coyitados
queyram pertender tambem,
não se lhes dando à ninguem,
que andassem pela fronteyra

Boa asneyra.

35

Que hum marido perdulario
perca o dote da mulher,
e depois de pouco ter,
gaste mais do necessario:
que suponha temerario

depois a gritar com ella
fazendo lhe a remoella
com a praga imprecatoria!

Boa historia.

36

Mas que outro com tanto estudo
ame a mulher, que lhe agrada,
/57/ que o marido mande nada,
mas que a mulher mande tudo:
que se ponha muy sisudo
em casa a lizongéa-la,
e que depois vá gabá-la
á seus amigos na feyra!

Boa asneyra.

37

Que hum Pay à seu filho ensine
a ser vingativo, e vaõ,
porem nunca a ser christaõ,
nem na cartilha ó doutrine:
que o tal Pay se determine
à levâ-lo por seu rogo
rapaz a casa do jogo
a por-se na pasmatoria!

Boa historia.

38

Mas que outro mais exquisito,
se o filho só andar ousa,
ó permitta: he bella cousa!
Sendo rapaz: he bonito!
que ó deyxee de pequenito
andar em más companhias,
/58/ para que ele em breves dias

vá cair na ratoeyra!

Boa asneyra.

39

Que o Pay pela descendencia
do filho, ou do seu augmento
metta a filha num convento
freyra da conveniencia:
que não faça consciencia,
se à casá-la o persuade,
de lhe forçar a vontade,
e com ordem peremptoria!

Boa Historia.

40

Mas que o Pay, que filha tem
unica, á não vá casar,
por se não desapossar,
se dote lhe pede alguém:
que faça com tal desdem,
que a filha ande as furtadelas
buscando pelas janelas
alguem, que traz cabelleyra!

Boa asneyra.

41

/59/ Que os Pays andem pelos cantos
namorando de contino,
e queyraõ com este ensino
que os seus filhos sejaõ santos:
que elles entaçã façã prantos,
se os vem mortos numa briga,
vindo de casa da amiga,
e da amante parlatoria!

Boa historia.

42

Mas que hajaõ Pays de tal sorte,
que seo filho ó quer roubar,
ó não dexem castigar
para escarmento da côrte:
que se o Ministro de Pôrte
ó quer desterrar, entãõ
o Pay chorando o perdaõ
lhe solicite, e requeyra!

Boa asneyra.

43

Que a May desde pequenina
ensine a filha a ser vãa,
naõ a doutrina christaa,
sendo christãa sem doutrina:
/60/ que á costume de menina
à moda, ao donayre, à gala,
elle ensine por ama-la
athe cantiga amatoria!

Boa historia.

44

Mas que outra May sem cautella
a filha crie com vicio
sem outro algum exercicio
mais, do que ó pôr-se a janella:
que queyra, que huma donzella
seja honesta, e recolhida,
quando não tem outra vida
mais do que ser janelleyra!

Boa asneyra.

45

que alguns quyraõ senhoria,

quando aos tais (como se vê)
o tratá-los de mercê
fora muyta cortezia:
que ande pois a fidalguia
vendida assim por dinheyro,
como trigo no terreyro,
só porque há nisso vangloria!

/61/ Boa historia.

46

Mas que outros tendo tostões
pelo jogo, ou pela dama
arrastados pela lama
andem como huns pedinhões:
que gastassem seus dobrões,
porque quizeram jogar,
e só para namorar
com a patifa terceyra!

Boa asneyra.

47

Que alguns tnto por seu mal
vistaõ, (por não ser cõmunds)
de altos, e ricos tissuns,
destruindo o cabedal:
que com porfia fatal
se mostrem nisso empenhados,
sendo a noyte os seus guizados
azeytonas, e chicoria!

Boa historia.

48

Mas que outros mil a porfia
por toda a vida o dinheyro
/62/ ajuntem, que o seu herdeyro

ha de gastar num so dia:
que andem com melancolia
sem comer, e sem cear
para poder ajuntar
todos cheyos de lazeyra!

Boa asneyra.

49

Que hajaõ muytos alheistas,
que pelos costumes seus
naõ crem, no que dice Deos
pelos quatro Evangelistas:
que só viram Dogmatistas,
cuydando por seu prazer,
que ha só nascer, e morrer
naõ crendo no inferno, e gloria!

Boa historia.

50

Mas que outros (como se vê)
sejaõ com hypocrezia
só christaõs por cortezia,
ou fieis de meya fé:
que inda que febre lhes dê,
naõ tratem d confissaõ,
/63/ cuydando, que escaparám
com a amiga a cabeceyra!

Boa asneyra.

51 Que alguns fantasticos vaõs,
aos quais o vicio consome,
sendo só christaõs no nome,
queyram nome de christaõs:
que aos cêos levantando as maos
esperem com muyta fé,

que Deos os salve, sem que
obra tenhaõ meritoria!

Boa historia.

52

Mas que hypocritas sandeos
andem pezado, e no cabo
à todos leve o diabo
pelo caminho de Deos:
que pelos rosarios seus
queyram ser homens de conta,
sem cuydar na estreyta, e pronta,
que haõ de dar da vida inteyra!

Boa asneyra.

53

/64/ Que hajam certas mercancias,
naõ de cousas temporáes
mas de outras espirituáes,
que se chamaõ Simonias:
que haja, quem todos os dias
com modo bem peregrino
seja ladraõ ao divino
com tam falsa narratoria!

Boa historia.

54

Mas que o rico prebembado,
que postilhou nas escollas,
naõ pague as suas esmollas
ao pobre necessitado:
que por amor do cunhado,
ou por causa dos sobrinhos
venha a cair de focinhos
na sempiterna esterqueyra!

Boa asneyra.

55

Que o rico despreze o pobre,
só porque tem mais vintens,
sendo o pobre inda sem bens
talvez mais honrado, e nobre:
/65/ que por ter dous reis de cobre,
se finja, que vem dos Godos,
quando conhecemos todos,
que he de estirpe pescatoria!

Boa historia.

56

Mas que o pobre, que não tem,
que comer, ou que gastar,
nem tem sangue, nem solar,
seja soberbo tambem:
que não tenha hum só vintem,
e se inche como pirúm,
conhecendo cada hum,
que fora a May taverneyra!

Boa asneyra.

57

Que alguns tanto a gastar venhão
na vida de toda a sorte,
que depois chegando a morte,
com que enterrar-se não tenhaõ:
que estes tais, que assim se empenhaõ
em todo o gosto, e prazer,
naõ cuydem, que haõ de morrer,
nem tenhaõ disso memoria!

/66/ Boa historia.

58

Mas que outros com muyta lida
edifiquem mausoleos,
mas não morada nos ceos,
vãos na morte, e vãoos na vida:
que a soberba sem medida
fique em pedras estampada,
e a pobre d'alma coytada
que peneye na fogueyra!

Boa asneyra.

59

Que aquelles, que não tem renda,
e uzaõ porem de tramoyas,
possuaõ telas, e joyas,
como o que tem a comenda:
que com estes não se entenda,
inda que estejaõ culpados
na lisonja laudatoria!

Boa historia.

60

Mas que outros com muytos bens
andem (não sey como o diga)
/67/ com a sella na barriga
sem ter hum par de vintens:
que padecendo vayvens
gastem tudo como tollos,
e em doces, e bolinhollos
despejem sua algibeyra!

Boa asneyra.

61

Que os lizongeyros sem leys
nos palacios muyto prontos
aos Reys se vão com mil contos,

por ter mil contos de reis:
que sendo pouco fieis
tenhaõ gloria, e tenhaõ graça
com tam verdadeyra traça,
e mentira adulatoria!

Boa Historia.

62

Mas que o pobre jovial
chocarreyro de vis traças
queyra com fingidas graças
entrar na graça real:
que quando elle nada val,
entre assim no valimento,
/68/ para o seu requerimento
com a gracinha grosseyra!

Boa asneyra.

60

Que haja ingratos descuydados,
os quais nunca as graças daõ
do beneficio, ou pensaõ,
sendo huns beneficiados:
que estes andem retirados,
de quem lhes faz tanto bem,
porque as graças lhe não dem,
que he ley remuneratoria!

Boa historia.

61

Mas que outros muyto peyores
(quando tal lhes não merecem)
finjaõ, que elles não conhecem
os seus mesmos bem feytores:
que tendo alguns acredores

queyraõ livrar do perigo
pelo bem feytor antigo
com a supplica embusteyra!

Boa asneyra.

62

/69/ Que hajaõ muytos, que se pintaõ
de verdadeyra piedade,
os quais fallando verdade
nunca fallaõ, que não mintaõ:
que estes mesmos não consintaõ,
que os enganem, mas primeyros
se intitulam verdadeyros
com mentira defensoria!

Boa historia.

66

Mas que tenhaõ fatal ira,
se os apanhaõ, tendo pronta
a verdade por afronta,
e por credito a mentira:
que com rayva, que delira,
façaõ na razaõ teymosa
a verdade mentirosa,
e a mentira verdadeyra!

Boa asneyra.

67

que juradores parleyros
hajaõ, que sem medo algum
pela manhã em jejum
comaõ diabos inteyros:
/70/ que elles sejaõ os primeyros,
(bem que a verdade não digaõ)
que o bom credito consigaõ

para toda a rogatoria!

Boa historia.

68

Mas que haja algum, que imprudentemente
dê crédito à seus clamores,
vendo, que são juradores,
pois que mais jura, mais mente:
que logo tam facilmente
se creya com tal loucura,
o que dizem, sendo a jura
da mentira pregoeyra!

Boa asneyra.

69

Que hajam muytos, que murmurem
daquelles, que estaõ ausentes,
e os que ali se achaõ presentes,
que callados os aturem:
que advertidos não procurem
mudar de conversaçã
fugindo à murmuraçã
de huma lingua infamatoria!

/71/ Boa historia.

70

Mas que outros mil sem receyos
não vejaõ por ter antolhos
a grande trave em seus olhos,
vendo a palha nos alheyos:
que estando estes proprios cheyos
de lepra, co que se tingem,
olhem para a alheya impingem,
tendo tam grande coceeyra!

Boa asneyra.

71

Que versistas a milhares
queyraõ só por seu regallo
andar no alado cavallo,
devendo ser alveytares:
que intentem por singulares
todo o aplauso, que mais campã,
e depois sayaõ na estampa
com huma desmpatoria!

Boa historia.

72

Mas que estes de tam mã vea,
quando a ignorancia lhes sobra,
/72/ saindo mal da sua obra,
se mettaõ em obra alheya:
que quando essoutra recrea,
por inveja à satyrizem,
e que todo o mundo avisem
da satyra frioleyra!

Boa asneyra.

73

Que hajaõ mil de escurnicoques,
que com satyricos modos
zingando estejaõ de todos,
e que naõ temaõ mil coques:
que faltando com remoques,
elles naõ queyraõ ser tidos
por tolleyrões, e atrevidos,
tendo huma lingua irrisoria!

Boa historia.

74

Mas que outros muytos Orates

da veneravel igreja
façaõ casa de serveja
com risos, e disbarates:
que pareçaõ bonifrates,
as cabeças maneando,
/73/ e acenem de quando em quando
à dama, que está fronteyra!

Boa asneyra.

75

Que alguém junte cabedais
para testar, ao que em breve
diga: o diabo te leve,
porque não deyxastes mais:
e que, à quem com razões tais
ao diabo os encomenda,
deyxeste a sua fazenda
a principal, e accessoria!

Boa historia.

76

Mas que outro rico avarento
(bem que ouro, e prata lhe sobre)
não sayba dar nada ao pobre
com moedas cento a cento:
que deyxeste em seu testamento
tudo ao mais rico vizinho,
ou quando muyto ao sobrinho,
para andar numa liteira!

Boa asneyra.

77

/74/ Que hajaõ muytos, que as centenas
entre os amigos, e socios
façaõ tem os seus negocios,

comettendo mil onzenas:
que conhecendo-se as penas,
que pelo direyto tem,
naõ os demande ninguem
c'uma carta citatoria!

Boa historia.

78

Mas que o outro em confiança
diga, que vende o seu trigo
mais barato à seu amigo,
mettendo lhe entaõ a lança:
que o tal lhe faça a fiança
por ser amigo leal,
roubando-lhe o cabedal
essa amizade onseneyra!

Boa asneyra.

79

Que haja, quem faltando as leys
seja traydor por hum rogo,
naõ se lhe dando no jogo
nem de Roques, nem de Reys;
/75/ que tenha ambições crueis
sabendo, que inda que cresça,
naõ levantará cabeça
pela ley impetratoria!

Boa historia.

80

Mas inda que se atropelle,
e de tal se naõ desvie,
que haja, quem delle se fie,
e quem se troça por elle:
que naõ tema a sua pelle

vendo, que lha surrarám
só pela sua ambição
tam fatal, e interesseyra!

Boa asneyra.

81

Que hajaõ muytos pandilheyros,
os quais as mil maravilhas
saybaõ fazer as pandilhas,
que em castlla são fulleyros:
que só por interesseyros
sejaõ ladrões muy honrados,
porque isto he graça illusoria!

/76/ Boa historia.

82

Mas que outros sabendo bem
que ha no jogo esta destreza,
so por huma subtileza
entreguem tudo, o que tem:
que o cabedal todo dem
ao tal, que nesta conquista
os está roubando a vista
de espacio, mais a ligeyra!

Boa asneyra.

83

Que andem muytos namorados
qual ave de rama em rama
atraz de huma, e outra Dama
morrendo por seus peccados:
que por ter estes cuydados
andem toda a noyte escura
só por dizer com ternura
à Dama a jaculatoria!

Boa historia.

84

Mas que alguém pague as espias
para ter ter Freyras devotas,
/77/ e depois de mil derrotas
ande pelas portarias:
que ande este todos os dias
com cargas, e sem carroto,
e tendo-se por discreto
seja oburrinho da feyra!

Boa asneyra.

85

Que os adulteros adorem
à alheya mulher, que vem,
e não queyram, que tambem
outros a sua namorem:
que entã neste caso implorem
à Justiça, ou à vingança,
e não queyram sem tardança
outra acção accusatoria!

Boa historia

86

Mas que huma mulher casada,
sendo o Marido hum corisco,
pondo-se a tamanho risco
seja louca enamorada:
que se acaso alguém lhe agrada,
cõm marido turbulento
/78/ busque o seu divertimento
como huma mulher solteyra!

Boa asneyra.

87

Que ande o moço em mau estado
podendo nos annos seus
ser desposado com Deos,
e não c' o demo amigado:
que não tenha outro cuydado,
mais que em viver absoluto,
tratando só como bruto
desta vida transitoria!

Boa Historia.

88

Mas que o velho, que renova
os seus vicios namorando
vá fallar à Dama, quando
anda cõs pés para a cova:
que este mesmo com corcova
queyra ser galan narcizo
motivando a gente à rizo,
cacundo em grande maneyra!

Boa asneyra.

89

/79/ Que hajaõ muytos medianeyros
do mal, que chamaõ francez,
os quais em bom portuguez
dos peccados são terceyros:
que estes muyto lambareyros
tenhaõ com todos caida,
e levem tam boa vida,
sendo tam crinatoria!

Boa historia.

90

Mas que estes pobres tollinhos,
de que tantos há no mundo,

cayaõ no inferno profundo
pelas culpas dos visinhos:
que por tam feyos caminhos
sejaõ solicitadores,
e se façaõ lavradores
de huma infernal sementeyra!

Boa asneyra.

91

Que os valentões arrojados
andem feytos tranca ruas
com suas espadas nuas,
comendo a gente a boccados:
/80/ que os Ministros alentados
se ós prendem, quais delinquentes,
digaõ, que estaõ innocentes
na sentença executoria!

Boa historia.

92

Mas que outros andem de noite,
morando perto o Juiz,
roubando, como se diz,
dando em todos muyto açoyte:
e naõ haja, quem se afoyte
com quadrilhas a agarrâ-los,
para hum algoz cavalgá-los
com capuz, e com colleyra!

Boa asneyra.

93

que alguns, bem que os naõ encanta
a musica celestial,
gastem todo o cabedal
em bons passos de garganta:

que os tais com gula, que espanta,
se o mundo fora guizado
ó coméram de hum bocado,
qual pequena pepitoria!
/81/ Boa historia.

94

Mas que haja, que facilmente
dinheyro fie dos tais,
que vay para o vos reães
Logo todo em continente:
que o credor cuyde contente,
que bem empregando está,
estando o dinheyro ja
em casa da confeyteyra!

Boa asneyra.

95

Que andem muytos a porfia,
que merecem muyto açoyte,
fazendo do dia noyte,
da noyte fazendo dia:
que durmaò com demazia
the o dia anoyteceer,
querendo assim bem viver,
mas com vida implicatoria!

Boa historia.

96

Mas que outros com muyto espanto
trabalhem sempre a porfia,
/82/ isto todo o santo dia,
inda sendo o dia santo:
que tenhaõ trabalho tanto
para poder ajuntar,

naõ tendo para testar
nem herdeyro, nem herdeyra!

Boa asneyra.

97

Que haja alguns que se consomem
inda com vicio mais feyo,
que por naõ comer o alheyo
logo de inveja se comem:
que sua ambiçaõ naõ domem,
e que dos outros o augmento
aos tais sirva, de tormento
com pena meditoria!

Boa historia.

98

Mas que outros, que se desfazem,
porque naõ tem sendo nobres,
façaõ muyto por ser pobres,
isto porque nada fazem:
que com fome estes se abracem,
que tanto mal occasiona,
/83/ sendo a preguiça potrona
da pobreza companhiara!

Boa asneyra.

99

Que alguem que aqui consome
com a satyra abundante,
diga, que está muy picante,
mas quem se queyma, alhos come:
que este por si mesmo à tome,
quando eu fallando bem claro,
à ninguem hoje declaro
nesta carta monitoria!

Boa historia.

100

Mas que outros por varios modos
satyrizem muyto bem,
e sem monir à ninguem,
queyraõ declarar à todos:
que estes tais com mil apoddos
assim queyraõ ganhar fama,
quando a dez outros se infama,
levantada tal poeyra1

Boa asneyra.

101

/84/ Que haja sem livros letrado,
homem, que he pobre, com teyma,
poeta, sem muyta fleyma,
e sem muleta aleyjado:
que haja sem funda quebrado,
estudante sem estudo,
cavalheyro sem escudo,
e mestre sem palmatoria!

Boa historia.

102

Mas que haja nos fracos ira,
e nos que saõ pobres gula,
que haja medico sem mula,
e fidalgo com mentira:
que haja espingarda sem mira,
sem thesoura cirurgiaõ,
com partidos mata saõ,
e sem contas mercieyra!

Boa asneyra.

103

E que eu tambem queyra emfim
no poetico exercicio,
que entre outros do mesmo officio
algun diga bem de mim:
/85/ que não tema algum mal sim,
que fiscalize os meus versos,
e com apoddos diversos
diga, que tem muyta escoria!

Boa historia.

104

Mas que eu mesmo furibundo
nisto, que hoje aqui pertendo,
quando a mim me não entendo,
intente emendar o mundo:
que não tendo muyto fundo,
para que possa fallar,
quando mais para emendar,
fundar tais accentos queyra!

Boa asneyra.

106

Que os consoantes se acabem,
tendo eu muyto, que escrever,
e de outros mais que dizer,
para que nenhuns se gabem:
que as cousas, que aqui não cabem,
eu as haja de callar,
porque ás não pode explicar
minha Musa exhortatoria!

/86/ Boa historia.

106

Mas que eu fizesse hoje estudo
para cousas importantes,

por estereys consoantes,
que naõ podem dizer tudo:
que algum diga carrancudo,
quando escrevo para todos,
que naõ falto em cultos modos,
mas em fraze corriqueyra!

Boa asneyra.

Novas
do mundo
que lhe pediu por carta
hum amigo de fora em occasião da frota.

Soneto.

França está muy doente das ilhargas.
Inglaterra tem dores de cabeça.
Purga-se Holanda, e temo lhe aconteça
Ficar debilitada com descargas.
/87/ Alemanha lhe applica ervas amargas,
Botois de fogo, com que convaleça.
Espanha não dê, que este mal cresça.
Portugal tem saude, e forças largas.
Morre Constantinopla, está unvida.
Veneza engorda, e toma forças dobres,
Roma está bem, e toda a Igreja boa.
Europa anda de humores mal regida.
Na America arribáram muytos pobres.
Estas as novas são, que ha de Lisboa.

Ajuiza
as diferenças,
e total divorcio
de Portugal com Castella
profetizadas muyto antes pelos prudentes.

Motte

Portugal, e mais Castella
nunca foram bem casados;
agora estão separados,
dizem, que as causas deo ella.

/88/ Gloza

1

Tam por força, e sem razaõ
naõ pode haver bem casados,
nem de animos encontrados
nem de animos encontrados
se fez perfeyta uniaõ:
quiz casar Dona Ambição
por traças, e com cautella,
mas ouvindo delle, e della
o mundo as cousas, a fama
diz, que haõ de brigar na cama
Portugal, e mais Castella.

2

Porem ja depois de feyto
este invalido contrato
Portugal pelo máo trato
conhece as causas do effeyto:

que se huns casaõ por respeyto,
outros de amor obrigados,
Castella so por cruzados
se casou com Portugal,
mas como a causa foy tal,
Nunca foram bem casados:

[3]

/89/ Foy por força recebido
o Noyvo de outro jurado,
e se ficou mal casado,
justamente he dividido:
veyo a ser restituído
por caminhos ão cuydados,
porque bens ão esperados
tem differente valia,
e estes, que a fortuna unia,
Agora estaõ separados.

4

O tempo desordenado
se ordenou em caso tal,
ficou livre Portugal
com clandestino julgado:
que se por caso ha intentado
desquitar-se com cautella,
foy o ver-se livre della
por inspiraçaõ divina,
porem de Espanha a ruina,

Dizem, que as causas deo ella.

/90/ Em tempo

que governava
esta cidade da Bahia
o Marquez das Minas
ajuiza o Poeta
com subtileza de homem sagaz, e entendido
o fogo selvagem,
que por meyo da urbanidade
se introduzio em certa casa.

1

Cançado de bos pregar
cultissimas profecias,
quero das cultenarias
hoje o habito enforçar:
de que serve arrebentar,
por quem de mim não tem magua?
verdades direy como agua,
porque todos entendais
os laldinos, e os buçais
a Musa praguejadora.

Endendeis-me agora?

/91/ O fallar de intercadencia
entre silencio, e palavra,
crer, que atesta se vos abra,
e encayxar-vos, que he prudencia:
alerta homens de sciencia,
que quer o xisgaravis,
que aquillo, que vos não diz
por lho impedir a rudeza,
avaleis madureza,
sendo ignorancia traydora.

Endenteis-me agora?

3

Se notriz ao mentecapto
á compra do conselheyro,
o que nos custa dinheyro,
isso nos say mais barato:
e se da mesa do trato,
da bolça, ou da companhia
virdes levar senhoria
mesticos deputados,
crede, que nos seus cruzados
sangue esclarecido mora.

Entendeis-me agora?

/92/ Se hoje vos falta de perna,
quem hontem não pôde ter
ramo, de quem descender
mais que o da sua taverna:
tende paciencia interna,
que foy sempre D. Dinheyro
poderoso cavalheyro,
que com poderes iguáes,
faz iguáes aos desiguáes,
e conde ao villaõ cad' hora.

Entendeis-me agora?

5

Se na comedia, ou saynete
virdes, que hum D. Fidalgote
lhe dá no se camarote
a xicara de sorvete:
havey dô do cuytadete,
pois n'uma xicara só
seu dinheyro bebe em pô,

que o senhor (cousa he sabida)

lhe dá a chupar a bebida,

para chupâ-lo n'um hora.

Entendeis-me agora?

6

/93/ Não reputeis por favor,

nem tenhais por maravilha

vê-lo jogar a espadilha

cõ Marquez, cõ gram senhor:

porque como he perdedor,

e mofino adredemente,

e faz hum sangue excellente

à qualquer dos ganhadores,

qualquer daquelles senhores

por fidalgo igual ó adora.

Entendeis-me agora?

Com vista
clara
sacode os entremettidos,
mencionando alguns de seus patricios,
que mais o enfadavaõ.

1

Como nada vem,
e andaõ sempre aos tombo,
querem os Mazombos,
que eu cegue tambem:

/94/ naõ temo ninguem,
e se os Matulões
haõ medo as prizões,
eu sou de corona
forro minha cona.

2

Olhem para a terra,
que está nestes annos
gafa de maganos,
que El Rey os desterra:
o pano da serra
em sedas trocour,
quem lá sempre andou
em huma atafona:
forro minha cona.

3

Verám hum sandeo,
que quer sem disputa
ser filho da puta,
por naõ ser judéo:

se habitos perdeo
por ser christaõ novo,
a mim todo o povo
de velho me abona;
/95/ forro minha cona.

4

Aquelle he de ver,
que apuros aquelles
explica por elles,
quanto quer dizer:
naõ posso soffrer,
que hum tangurumanga
uze de pendanga
com lingua asneyrona:
forro minha cona.

5

Verám hum jumento
de figura rara,
que anda sempre avara,
por lhe darem vento:
notavel portento
neste tal se enxerga,
pois traz axemberga
a barba capona:
forro minha cona.

6

Verám hum villaõ
nãdo na montanha,
/96/ farto de castanha,
faminto de pam:
e se bem a maõ
com bois, e arado

cultivou o grado
de Flora, e Lamona:
forro minha cona.

7

Clerigo verám,
que porque em Cantabra
nasceo de uma cabra,
cresceo à cabraõ:
tam fino ladraõ,
que lhe a Filja alheya
com ser cananea
furta à May putona;
forro minha cona.

8

Verám hum Doutor
em Judá nascido
mais entremetido,
que hum grande ledor:
grande assistidor
da Igreja festeyra,
/97/ que ao longe lhe cheyra
como mangerona:
forro minha cona.

9

Verám hum galego
grande salvajolla,
veste amariolla,
anda ao palacego:
fidalgo noroego
com cruz de calvario,
que hum certo falsario
nos peytos lhe entona;

forro minha cona.

10

Verám o innocente,
que fidalgo vay,
a May diz somente:
à este impertinente
Lembre lhe o Godim
do Pay matachim,
e a May vendelhona;
forro minha cona.

11

/98/ Verám hum Pasguate
menstro de ouro, e prata,
que sendo huma pata,
he filho de hum gatto
a renda de hum Prato
poz por seu regallo
hum burro a cavallo
de sella mamona:
forro minha cona.

12

Entre outros ladrões
verâm hum letrado
na mente graduado
de quatro asneyrões:
na cara pontões
na idea nem ponho,
e ou toto, ou não tonto
de rico blazona:
forro minha cona.

13

Verám hum alvar

fidalgo tendeyro,
que o Pay, capateyro
lhe fez o solar:
/99/ conego ultramar
por duas patacas
ferrou honte atacas,
e hoje se entona:
forro minha cona.

14

Verám outro zote,
á quem Satanaz
por culpas de atraz
fraá galeote:
e tal sacerdote:
só grega a doutrina
da ley culatrina,
que ensina, e abona:
forro minha cona.

15

Verám hum Guineo
Moço a salvajado,
fidalgo estirado
por quedas, que deo:
o Goes lhe metteo
sogro de seu geyto
a torto, e direyto
nobreza sevona;
/100/ forro minha cona.

16

Verám hum gavacho
com sede tamanha,
que á palma se ganha

ao mayor borracho:
becca sem empacho,
que no mar cahio,
e o mar lhe fugio
por ser borrachona;
forro minha cona.

17

Verám outro sim
entregue ao diabo
hum esfolla rabo
sobre colomim:
mao villaõ ruim,
duas caras traz
ambas muyto más,
que tudo inficiona;
forro minha cona.

18

Verám burundangas,
que ao mundo o podia
/101/ vender a Bahia
trez mil bugigangas:
figurões de mangas,
que não vi em meus dias
nas tapeçarias
de Raza, e Pamplona.
forro minha cona.

Satyriza
o Poeta
alegoriacamente
alguns ladrões,
que mais se asignalavaõ
na Republica,
abominando a variedade,
e o modo de furtar.

Romance.

Hontem, Nise, a prima noyte
vi sobre o vosso telhado
assentados em cabbido
cinco, ou seis formosos gattos.

/102/ Estava a noyte muy clara,
fazia hum luar galhardo,
e por que tudo vos diga,
estava em em vos cuydando.

O Presidente, ou Deam
na cumieyra sentado
era hum gatto macilento
barbiruço, e carichato.

Os demais em boa ordem
pela cumieyra abaxo
lenadeyros de si mesmos
lavavam punhos, e rabos.

Tam profundo era o silencio,
que não se ouvia hum miao,
e o Deam ó interrompeo
dando hum mio acatarrado.

Tucio, tucio, e não pôde
articular hum miao,
que de puro penitente
traz sempre o peyto cerrado.

Eis que hum gatinho reynol
muy estitico, e muy magro
relambido de feyções,
e de tono afalsetado:

/103/ Quiz por primeyro fallar,
e faltara em todo o caso,
se outro gatto casquiduro
lhe naò saira aos embargos.

Eu sou gatto de hum meyrinho
(dice) que pelos telhados
vim fugindo a todo o trote
do poder de hum saybaõ quantos.

Com que venho a concluir,
que servindo à tais dous amos
hey de fallar por primeyro,
porque sou gatto dos gattos.

Falle, disse o Presidente,
pois lhe toca por anciano;
e elle tomando lhe a venia,
foy o seu conto contando.

Em casa deste Escrivaõ
me criei com tal regallo,
que os demais gattos de casa
eram com migo huns bixanos.

Mas cresci, e aborreci,
porque se cumpra o adagio,
que o official do mesmo officio
he inimigo declarado.

/104/ Foy-me tomando tal odio,
porque foy vendo, e notando,
que era capaz eu de dar-lhe
athe no officio hum gataço.
Topou-me em huns entre forros,
e tirando-me porraços,
eu lhe miava os narizes,
quando ele me enchia os quartos.

Fugi, como tenho dito,
e me acolhi ao sagrado
de huma vara de justiça,
que he velha couto de gattos.

Say meu amo aos prendimentos,
e eu fico em casa encerrado
por caçador de balcões,
onde jejuo o trespasso.

Porque em casa de hum Meyrinho
nas suas arcas, e armarios
he quaresma toda a vida,
e temporas todo o anno.

Naõ posso comer ratinhos,
porque cuydo, e naõ me engano,
que de meu amo saõ todos
os parentes, ou payzanos.

/105/ Porque os ratinhos do Douro
saõ grandissimos velhacos:
em Portugal saõ ratinhos,
e cá no Brazil saõ gattos.

Eu sou gatto virtuoso,
que apuro jejum sou magro,
naõ como, por naõ ter que,
naõ furto, por naõ ter quando.

E como sobra isto hoje,
para me terem por santo,
venho pedir, que me ponhão
no calendario dos gattos.

Acabada esta parlenda
muy ethico do espinhaço
sobre amuleta das pernas
se levantou outro gatto:

Dizendo; ha annos, que sirvo
na casa de hum Boticario,
que a recipe de pancadas
me tem os bofes purgado.

Queyxa-se, que lhe comi
hum boyão de unguento branco,
e bebi lhe a mesma noyte
hum cangiraõ de ruybarbo.

/106/ Diz bem, porque assim passou;
mas eu fiquey tam passado
como de tal solutivo
dirá qualquer mata sanos.

Fiquey de humores exangue,
tam escorrido, e exhausto,
que não sou gatto de humor,
porque nem bom, nem mao gasto.

Supplico ao Senhor Cabbido,
que de hum homem tam malvado
me vingue com ter saude,
por não gastar os empastos.

Apenas este acabou,
quando se ergueo outro gatto,
e entoando o jube domine
dice humilde, e miruvado:

Meu amo he hum Alfayate
gerado sobre hum telhado
na mayor força do inverno,
alcoviteyro dos gattos.

He pardo rajado em preto,
ou preto embutido em pardo,
malhado, ou ja malhadiço
do tempo, em que fora escravo.

/107/ Tam caçador das orellas,
tam meador dos retelhos,
que com onças de retros
brinca qual gatto com ratos.

E por que eu com dous fios
joguey o çapateado,
houve de haver por tam pouco
huma de todos os diabos.

Estrugio-me apuros gritos,
e plantou-me no pedrado;
elle pelo cabo he cam,
e eu fiquey gatto por cabo.

Que de verdades dicera
a estar menos indignado!
mas para fallar de hum cam
he muy suspeytoso hum gatto.

Pelo menos quando eu corto,
nunca dobro a tela em quatro,
por dar hum colete ao demo,
e outro a mim pelo trabalho.

Nem menos peço dinheyro
para retroz, e ó não gasto,

/108/ porque o gavetaõ do cisco
me dá o retroz necessario.

Naõ sizo covado, e meyo
por dar hum colete ao diabo,
nem vendo de tela fina
retalhis de trez palmos.

Tudo emfim se ha de saber
no universal cadafalso,
que no tribunal de Deos
naõ se estilaõ secretarios.

Requeyro á vossas mercés,
que me ponhaõ com outro amo,
porque com este hey de estar
sempre como cam com gatto.

A vista deste Alfayate
dice o cabbido espantado,
somos nos gattos mirins,
que inda agora engatinhamos.

O gatto tome outro amo
em qualquer convento honrado,
seja fundador Barbonio,
ou sacristaõ môr do Carmo.

A proposito do que
se foy erguendo outro gatto,
e amortalhado de maõs
armou os lombos em arco:

E dizendo o jube domine
se poz em terra prostrado:
e eu dice logo: me matem,
se naõ he dos Franciscanos.

Sou gatto do refeitório,
dice, ha trez, ou quatro annos,
pagem do refectoreyro,
do dispenseyro criado.

Frey Custodio da cosinha,
e dey má conta do cargo,
porque vizando rassões,
fuy guardiaõ dos traçalhos.

Eu era por outro tempo
muy gordo, e muy mafado,
porque os da esmolla entã vinhaõ
despejar-me em casa os sacos.

Mas hoje, que ja da rua
vem cõs bolços despejados,
veyo a ser o refeitório
huma Thebaida de gattos.

/110/ Naõ póde o pam das esmollas
manter tantos remendados,
que em lhe manter as antigas
(sendo infinitas) faz arto.

Dey com isto entizicar-me,
e esturgar-me do espinhaço,
naõ tanto ja de faminto,
quanto de escandalizado.

Naõ posso viver entre homens,
que se remendaõ seus panos,
he mais por nos enganar,
que porque lhes dure o anno.

E hoje, que na casa nova
gastaõ tantos mil cruzados,
saõ gattos de mayor dura,
pois de pedra, e cal saõ gattos.

Palavras naõ eram ditas,
quando zonindo, e sylvando
sentiram pelas orelhas
hum chuveyro de bastardos.

E logo atraz disso hum tiro
de hum bacamarte atacado,
que disparou de hum quintal
hum malfazejo soldado.

/111/ Descompoz-se a audiencia,
e cada qual por seu cabo
pela campanha dos ares
foram de telha em telhado.

E depois que legua e meya
tinha cada qual andado,
parando, olhavam atraz
attonitos, e assustados.

E vendo-se desunidos,
confusos, desarranchados,
uzáram de contra senha
miáo aqui, ali miáo.

Mas depois, que se juntáram,
dice hum gatto castelhano,
cada qual à su cabana,
que hoje de boa escapamos.

Chuviscou naquelle instante
e safaram-se de hum salto,
porque sempre da água fria
tem medo o gatto escaldado.

/112/ Sacode
a outros,
que peccavaõ na presunçaõ,
e atrevimento indigno.

Letras

1

Hum vendelhaõ baxo, e vil
de cornos por huma tenda,
e confiado, em que os venda,
corre por todo o Brazil:
para mim de tantos mil
lhe mandey, que me guardasse,
de verdade não faltasse
sem sobroço, e com sojorno,
hum corno.

2

Para o alcayde ladraõ
com despejo, e sem temor,
que na mão leva o Doutor,
na barriga a Relaçãõ:
indo a casa de hum sansaõ
entra audaz, e confiado,
/113/ e faz penhora no estado
da mulher, e seus adornos:
dous cornos.

3

Para o Escrivaõ falsario,
que sem chegar lhe a pouzada,
dando a parte por citada,
dâ fé, e cobra o sellario:
e sendo o feyto ordinario,

como corre a revelia,
say a sentença num dia
mais amarga que piornos
 trez cornos.

4

Para o julgador orate
ignorante, e fanfarraõ,
que sendo Conde de Unhaõ,
ja quer ser Marquez de Unhate:
e por qualquer dôte, ou date
revolve do envez hum feyto,
e assola a torto, e direyto
a cidade, e seus contornos:
 quatro cornos.

5

/114/ Para o Judas Macabeo,
que porque notribu estriba,
foy de capitaõ a Escriba,
e de Escriba a Farizeo:
pois no officio se metteo
a effeyto só de comer,
suffragios, que em vez de ós ter,
quer antes arder em fornos
 cinco cornos.

6

Para o bebado mestiço,
e fidalgo atravessado,
que tendo o pernil tostado,
cuyda, que he branco castiço:
e de flatos enfermiço:
se ataca de geribita,
crendo, que os flatos lhe quita,

quando os vomita em retornos
seis cornos.

7

Para o Conego observante
todo o dia, e toda a hora,
cuja carne he peccadora
das completas por diante:
/115/ cara de disciplinante,
queyxadas de penitente,
e qualquer gimbo corrente
serve para seus sobornos
sette cornos.

8

Pa as Damas da Cidade
Branças, Mulatas, e Pretas,
que com sortilegas tretas
roubaõ toda a liberdade:
e equivocando a verdade
dizem, que são hum feytiço,
naõ ó tendo em o cortiço
tanto como caldos mornos
oito cornos.

9

Para o Frade confessor,
que ouvindo hum peccado horendo
se vay pasmado benzendo,
fugindo do peccador:
e sendo talvez peyor
do que eu, naõ quer absolver-me,
talvez porque inveja ver-me
com tam torpes desadornos:
/116/ nove cornos.

10

Para o Pregador, horrendo,
que a Igreja estergindo a gritos,
nem elle entende os seus ditos,
nem eu tambem os entendo:
e a vida, que está vivendo,
he lá por outra medida,
e á mim me giza huma vida
mais amarga, que piornos:
dez cornos.

11

Para o Santo da Bahia,
que murmura do meu verso,
sendo elle tam perverso,
que a saber fazer faria:
e quando a minha Thalia
lhe chega às mãos, e ouvidos
faz na cidade alaridos,
e vay gostâ-la aos contornos
mil cornos.

/117/ **Santigua-se**
o Poeta
contra outros pataratas
avarentos, injustos,
hypocritas, murmuradores,
e por varias maneyras viciosos,
o que tudo julga em sua patria.

Letras

1

Destes, que campaõ no mundo
sem ter engenho profundo,
e entre gabos dos amigos
os vemos em papa figos
sem tempestade, nem vento:

Anjo bento.

2

De quem com letras secretas
tudo, o que alcança he por tretas,
baculejando sem pejo
por matar o seu dezejo
desde a manhaã athe a tarde:

Deos me guarde.

/118/ Do que passeia farsante
muyto prezado de amante,
por fora luvas, galões,
insignias, armas, bastões,
por dentro pam bolorento:

Anjo bento.

4

Destes beatos fingidos
cabibaxos, encolhidos,

por dentro fatães maganos,
sendo nas caras huns vanos,
que vazem do vicio alarde:

Deos me guarde.

5

Que vejamos tezo andar,
quem mal sabe engatinhar,
muy inteYRO, e presumido,
ficando o outro abatido
com mayor merecimento:

Anjo bento.

6

Destes avaros mofinos,
que poem na mesa pepinos
de toda a iguaria izenta,
/119/ com seu limaõ, e pimenta,
porque diz, que queyma, e arde:

Deos me guarde.

7

Que pregue hum douto sermaõ
hum alarve, hum asneyraõ,
e que esgrima em demazia,
quem nunca ja na sophia
soube pôr hum argumento:

Anjo bento.

8

Deste Santo emmascarado,
que falla do meu peccado,
e se tem por Santo Antonio,
mas em lutas cõ demonio
se mostra sempre cobarde:

Deos me guarde.

9

Que atropellando a justiça
s'p com virtude postiça
se premeie o delinquente,
castigando o innocente
por hum leve pensamento:

Anjo bento.

/120/ **Contra**
outros satyridados
de varias penas,
que o attribuiaõ ao Poeta,
negando lhe a capacidade de louvar

Epigramas.

Sahio a satyra má,
e empurraram-ma os preversos,
que nisto de fazer versos
eu só tenho geyto cá:
n'outras obras de talento
eu só sou o asneyraõ,
em sendo satyra, entaõ
eu só tenho entendimento.

2

Acabou-se a Sé, e envolto
na obra o sette carreyras
enfermou de caganeyras,
e fez muyto verso solto:
tu, que o poeta motejas,
sabe, que andou acertado
/121/ que p6or na obra louvado
he costume das Igrejas.

3

Correm-se muytos carneyros
na festa das Onze mil,
e eu com notavel ardil
naõ vou ver os cavalleyros:
naõ vou ver, entaõ se espantem,
que algum testemunho temo,

sou velho, pelo que gemo,
naõ quero, que m'õ levantem.

4

Querem-me aqui todos mal,
mas eu quero mal à todos,
elles, e eu por nossos modos
nos pagamos tal por tal:
e querendo eu mal à quantos
me tem odio tam vehemente,
o meu odio he mais valente,
pois sou só, e elles saõ tantos.

5

Algum amigo, que tenho,
(se he, que tenho algum amigo)
me aconselha, que, o que digo,
/122/ ó calle com todo o empenho;
este me diz, diz-me estoutro,
que me naõ fie daquelle,
que farey, se me diz delle,
que me naõ fie aquell'outro.

6

O Pelado com bons modos
visitou toda a cidade,
he cortezaõ na verdade,
pois nos visitou à todos:
visitou a pura escrita
o Povo, e seus comarcaõs,
e os réos de muy cortezaõs
haõ de pagar a visita.

7

A Cidade me provocca
com virtudes tam cómuas:

há tantas cruces nas ruas,
quantas eu faço na bocca:
os diabos à seu centro
foy cada hum por seu cabo,
nas ruas não há hum diabo,
há os das portas adentro.

8

/123/ A Damas de toda a cor
como tam pobre me vem,
as mas lastima me tem,
as menos me tem amor:
o que me tem admirado
he, declarem-me o puleyro
logo acabado o dinheyro,
deviam ter-mo contado.

Queyxa-se

a Bahia

por seu bastante Procurador,
confessando, que as culpas, que lhe increpaõ,
naõ saõ suas,
mas sim dos viciosos moradores,
que em si alverga.

Romance

Ja que me poem à tormento
murmuradores nocivos,
carregando sobre mim
sual culpas, e delictos:
/124/ Por credito de meu nome,
e naõ por temer castigo,
confessar quero os peccados,
que faço, e que patrocino.
E se alguem tiver amal
descobrir este sigillo,
naõ me infame, que eu serey
pedra em posso, ou seyxo em rio.
Sabey, cêo, sabey, estrellas,
escutay, flores, e lirios,
montes, serras, peyxes, aves,
lua, sol, mortos, e vivos:
Que naõ há, nem póde haver
desde o Sul ao Norte frio
cidade com mais maldades,
nem provincia com mais vicios:
Do que sou eu, porque em mim

recopilados, e unidos
estã juntos, quantos tem
mundos, e reynos destintos.

Tenho Turcos, tenho Persas
homens de nação impios
Majores, Armenios, Gregos,
infieis, e outros gentios.

/125/ Tenho ouzados Mermidorios,
tenho Judeos, tenho Assirios,
e de quantas castas ha,
muyto tenho, e muyto abrigo.

E se não digaõ aquelles
prezados de vingativos,
que santidade tem mais,
que hum Turco, e hum Mahabito?

Digam Idolatras falsos,
que estou vendo de contino,
adorarem ao dinheyro,
gula, ambição, e amoricos.

Quantos com cappa christãa
professaõ o judaismo,
mostrando hypocritamente
devoção à ley de Christo!

Quantos com pelle de ovelha
saõ lobos enfurecidos,
ladrões, falsos, e aleyvosos,
embusteyros, e assassinos!

Estes por seu mao viver
sempre pessimo, e nocivo
saõ, os que me accusaõ damnos,
e poem labeos inauditos.

/126/ Mas o que mais me atormenta,

he ver, que os contemplativos,
sabendo a minha innocencia,
daõ à sua mentir ouvidos.

Athe os mesmos culpados
tem tomado por capricho,
para mais me desarmarem,
porem pela praça escritos.

Onde esvem sem vergonha
naõ só brancos, mas mestiços,
que para os bons sou inferno,
e para os maos paraizo.

Oh velhacos insolentes,
ingratos, mal procedios,
se eu sou esse, que dizeis,
por que naõ largais meu sitio?

Por que habitais em tal terra,
podendo em melhor abrigo?
eu pego em vos! eu vos rogo!
respondey! dizey, maldidos!

Mandey acaso chamar-vos
ou por carta, ou por aviso?
naõ viestes para aqui
por vosso livre alvedrio?

/127/ A todos naõ dey entrada,
tratando-vos como a filhos!
que razaõ tendes agora
de defamar-me atrevidos!

Meus males de quem procedem?
naõ he de vos? claro he isso:
que eu naõ faço mal à nada
por ser terra, e matto arisco.

Se me lançais má semente,

como quereis fruyto limpo?
lançay-a boa, e vereis,
se vos dou cachos opimos.

Eu me lembro, que algum tempo
(isto foy no meu principio)
a semente, que me davaõ,
era boa, e de bom trigo.

por cuja causa meus campos
produziaõ pomos lindos,
de que ainda se conservaõ
alguns remotos indicios.

Mas depois que vos viestes
carregados como ouriços
de sementes invejosas,
e legumes de maos vicios:

/128/ Logo decliney com vosco,
e tal volta tenho tido,
que, o que produziu rosas,
hoje só produz espinhos.

Mas para que se conheça,
se fallo a verdade, ou minto,
e quanto os vossos enganos
tem defamado meu brio:

Confessar quero de plano,
o que encubro por servir-vos
e sayba, que me moteja,
os premios, que ganho nisso.

Ja que fuy tam pouco attenta,
que a luz da razaõ, e o siso
naõ so quiz cegar por gosto,
mas ser do mundo ludibrio.

Vos me ensinastes a ser

das inconstancias arquivo,
pois nem as pedras, que gero,
guardam fé aos edificios.

Por vosso respeyto dey
campo franco, e grande auxilio
para que se quebrantassem
os mandamentos divinos.

/129/ Cada hum por suas obras
conhecerá, quem eu xingo,
sem andar escogitando,
para quem se aponto o tiro.

Preceyto

1º

Que de quilombos que tenho
com mestres superlativos,
nos quais se ensinaõ de noyte,
os calundus, e feytiços.

Com devoçaõ os frequentaõ
mil sugeytos femininos,
e tambem muytos barbados,
que se prezaõ de narcizos.

Ventura dizem, que buscaõ;
naõ se vio mayor delirio!
eu, que os ouço, vejo, e callo
por naõ poder diverti-los.

O que sey, he, que em tais danças
Satanaz anda mettido,
e que só tal padre mestre
póde ensinar tais delirios.

/130/ galan desfavorecido,
que deixe de ir ao quilombo
dançar o seu bocadinho

E gastaõ bellas patacas
com os mestres de caximbo,
que saõ todos jubilados
em depennar tais patinhos.

E quando vaõ confessar-se,
encobrem aos padres isto,
porque ó tem por passa tempo,
por costume, ou por estilo.

Em cumprir as penitencias

rebeldes saõ, e remissos,
e muyto peyor se as tais
saõ de jejuns, e cilicios.

A muytos ouço gemer
com pezar muyto excessivo,
naõ pelo horror do peccado,
mas sim por naõ consegui-lo.

Preceyto

2º

No que toca aos juramentos,
de mim para mim me admiro
/131/ por ver a facilidade,
com que os vão dar à juizo.

Ou porque ganhaõ dinheyro,
por vingança, ou pelo amigo,
e sempre juram conformes,
sem discrepam do artigo.

Dizem, que fallaõ verdade,
mas eu pelo que imagino,
nenhum, creyo, que à conhece,
nem sabe seus aforismos.

Athe nos confissionarios
se justificaõ mentindo
com pretextos enganosos,
e com rodeyos fingidos.

Também aqueles, à quem
daõ cargos, e daõ officios,
supponho, que juraõ falso
por consequencias, que hey visto.

Promettem guardar direyto,
mas nenhum segue este fio,
e por seus rodeyos tortos
saõ confusos labyrintos.

Honras, vidas, e fazendas
vejo perder de contino,
/132/ por terem como em viveyro
estes falsarios mettidos.

Preceyto

3º

Pois no que toca a guardar
dias Santos, e Domingos:
ninguem vejo em mim, que ós guarde
se tem, em que ganhar gimbo.

Nem aos miseros escravos
dam tais dias de vazio,
porque nas leys do interesse,
he preceyto prohibido.

Quem ós vê ir para o templo
com as contas, e os livrinhos
de devoção, julgará,
que vaõ por ver à Deos Trino:

Porem tudo he mero engano,
porque se alguns escolhidos
ouvem missa, he perturbados
desses, que vaõ por ser vistos.

E para que não pareça,
aos que escutaõ, o que digo,
que há mentira, no que fallo
/133/ com a verdade me explico.

Entra hum destes pela Igreja,
sabe Deos com que sentido,
e faz hum signal da cruz
contrario ao do cathecismo.

Logo se põem de joelhos,
não como servo rendido,
mas em forma debesteyro
c'um pé no chaõ, outro erguido.

Para os altares não olha,
nem para os Santos no nicho,
mas para quantas pessoas
vão entrando, e vão saindo.
Gastaõ nisto o mais do tempo,
e o que resta divertidos
se põem em conversaçãõ,
com os que estaõ mais propinquos.
Naõ contaõ vidas de Santos,
nem exemplos ao divino,
mas sim muyta patarata,
do que naõ há, nem tem sido.
Pois se há sermaõ, nunca ó ouvem,
porque ou se póem de improviso
a cuxilar como negros,
/134/ ou se vão escapulindo.
As tardes passaõ nos jogos,
ou no campo divertidos
em murmurar dos governos,
dando leys, e dando arbitrios.
As mulheres saõ peyores,
porque se lhes faltam brincos
manga avolã, broxe, troço,
ou saya de labyrinthos,
Naõ querem ir para a Igreja,
seja o dia mais festivo,
mas em tendo estas alfayas,
saltaõ mais do que cabritos.
E se no Carmo repica,
ey las lá vão rebolindo,
o mesmo para Sam Bento,
Collegio, ou Sam Francisco.

Quem ás vir muyto devotas,
julgará sincero, e lizo,
que vaõ na missa, e sermaõ
a louvar à Deos com hymnos.

Naõ quero dizer, que vaõ,
por dizer mal dos Maridos,
aos amantes, ou talvez

/135/ cair em erros indignos.

Debaxo do parentesco,
que fingem pelo appellido,
mandando lhes com dinheyro
muytos, e custosos mimos.

Preceyto

4º

Vejo, que morrem de fome
os Pays daquelles, e os Thios,
ou porque os vem lavradores,
ou porque trataõ de officios.

Pois que direy dos respeytos,
com que os tays meus mancebinhos
trataõ esses Pays depois
que deyxãõ de ser meninos?

Digam-no quantos ò vem,
que eu não quero repeti-lo,
a seu tempo direy como
criam estes morgadinhos.

Se algum em seu testamento
cerrado, ou nuncupativo
à algum parente encarrega
sua alma, em legados pios:

/136/ Trata logo de enterrã-lo
com demonstrações de amigo,
mas passando o requiescat
tudo se mette no olvido.

Da fazenda tomaõ posse
athe do menor caquinho;
mas para cumprir as deyxas
adoece de fastio.

E desta ommissãõ não fazem
escrupulo pequenino,
nem se lhes dá, que o defunto
arda, ou pene em fogo activo.

E quando chega a apertá-los
o tribunal dos residuos,
ou mostraõ quitações falsas,
ou movem pleytos renhidos.

Contados saõ, os que daõ
à seus escravos ensino,
e muytos nem de comer,
sem lhes perdoar serviço.

Oh quantas, e quantos há
de bigode fernandino,
que athe de noyte as escravas
pedem sellarios indignos.

/137/ Pois no modo de criar
aos filhos parecem symios,
causa porque os não respeytaõ,
de pois que se vem crescidos.

Criam-nos com liberdade
nos jogos, como nos vicios,
persuadindo lhes, que saybaõ
tanger guitarra, e machinho.

As Mays por sua imprudencia
saõ das filhas desperdicio,
por não haver refestella,
onde as não levem com sigo,

E como os meus aves saõ
muyto coados, e finos,
se não hà grande recato,
tem as donzellas perigo.

Ou ás quebranta de amores
o ar de algum recadinho,
ou plo frio da barra
saem cõ ventre crescido.

Entaõ vendo-se opiladas,
se naõ he do Santo vinclo,
para livrarem do achaque,
buscaõ certos abortinhos.

/138/ Cada dia o estou vendo,
e com ser isto sabido,
contadas saõ, as que deyxãõ
de amar estes precipicios.

Com o dedo a todas mostro,
quanto indica o vaticinio,
e se naõ querem guardã-lo,
naõ culpem meu domicilio.

Preceyto

5º

Vamos ao quinto preceyto,
Santo Antonio vá commigo,
e me depare algum meyo,
para livrar do seu risco.

Porque suposto que sejaõ
quietos, mansos, benignos,
quantos, pizam meus oiteyros,
montes, valles, e sombrios;

Pode succeder, que esteja
algum aspid escondido
entre as flores, como diz
aquele proverbio antigo.

Faltar não quer à verdade,
/139/ nem dar ao mentir ouvidos,
o de Cezar de-se à Cezar,
o de Deos à Jesu Christo.

Naõ tenho brigas, nem mortes,
pendencias, nem arruidos,
tudo he paz, tranquillidade,
cortejo com regozijo:

Era dourada parece,
mas não he como eu à pinto,
porque debaxo deste ouro
tem as fezes escondido.

Que importa não dar aos corvos
golpes, catanaras, tiros,
e que se sirvaõ de ornato
espadas, e cotõs limpos?

Que importa, que não se enforquem

os ladrões, e os assassinos,
os falsarios, maldizentes,
e outros a este tonilho?

Se debaxo desta paz,
deste amor falso, e fingido
ha fezes tam venenosas,
que o ouro he xumbo mofino?

He vamos hum mortal odio,
/140/ sendo todo o insentivo
a cubiça do dinheyro,
ou inveja dos officios.

Todos peccaõ no dezejo
de querer ver seus patricios
ou da pobreza arrastados,
ou do credito abatidos.

E sem outra causa mais
se daõ a dextro, e sinistro
pela honra, e pela fama
golpes crueis, e infinitos.

Nem ao Sagrado perdoaõ,
seja Rey, ou seja Bispo,
ou Sacerdote, ou Donzella
mettida no seu retiro.

A todos emfim daõ golpes
de enredos, e mexiricos
tam crueis, e tam nefandos,
que os despedaçaõ em cisco.

Pelas mãos nada; porque
naõ sabem obrar no quinto:
mas pelas linguas naõ ha
leões mais enfurecidos.

E destes valentes fracos

/141/ nasce todo o meu martirio;
digaõ todos, os que me ouvem,
se fallo verdade, ou minto.

Preceyto

6º

Entremos pelos devotos
do nefando Deos Cupido,
que tambem esta semente
naõ deyx a lugar vazio.

Naõ posso dizer, quais saõ
por seu numero infinito,
mas só digo, que saõ mais
do que as formigas, que crio.

Seja solteyro, ou casado,
he questaõ, he ja sabido
naõ estar sem ter borracha
seja do bom, ou mau vinho.

Em chegando a embebedar-se
de sorte perde os sentidos,
que deyx a mulher em couros,
e traz os filhos famintos:

Mas a sua concubina
hade andar como hum palmito,
/142/ para cujo effeyto empenhaõ
as botas com seus atilhos.

Ellas por naõ se occuparem
com costuras, nem com bilros,
antes de chegar aos doze
vendem o Signo de Virgo.

Ouçõ dizer vulgarmente
(naõ sey, se he certo este dito)
que fazem pouco reparo
em ser caro, ou baratinho.

O que sey, he, que em magotes

de duas, trez, quatro, cinco
as vejo todas as noytes
sair de seus escondrigios.

E como hà tal abundancia
desta fruyta no meu sitio,
para ver se hà, quem às compre,
daõ pelas ruas mil giros.

E he para sentir, o quanto
se dà Deos por offendido
naõ só por este peccado,
mas pelos seus conjuntivos:

Como saõ cantigas torpes,
bayles, e toques lascivos,
/143/ venturas, e fervedouros,
páo de forca, e pucarinhos.

Quero entregar ao silencio
outros excessos malditos,
como do Pay Carumbà,
Ambrozio, e outros pretinhos.

Com os quais estas formosas
vaõ fazer infames brincos
governados por aquelles,
que ás trazem n'um cabresto.

Preceyto

7º

Já pelo setimo entrando
sem alterar o tunilho,
digo, que quantos ò tocaõ,
sempre ò tiveram por critico.

Eu sou, a que mais padeço
de seus affeytos malignos,
porque todos meus desdouros
pelo settimo tem vindo.

Naõ fallo (como lá dizem)
ao ar, ou libere dicto,
pois diz o mundo loquaz,
/144/ que encubro mil latrocinios.

Se he verdade, eu ó naõ sey,
pois acho implicancia nisto,
porque o furtar tem dous verbos
hum furor, outro surripio.

Eu naò vejo cortar bolças,
nem sair pelos caminhos,
como fazem nas mais partes,
salvo alguns negros fugidos.

Vejo, que a forca, ou picota
pga os altos de vazio,
e que o carrasco naõ ganha
nem dous reis para cominhos.

Vejo, que nos tribunáes
ha vigilantes Ministros,
e se houvéra em mim tal gente,
andára a sogr em contino.

Porem se disto não há,
com que razaõ, ou motivo
dizem por ahi, que sou
hum covil de latrocinios?
Será por verem, que em mim
he venerado, e querido
Santo Unhate, irmão de Caco,
/145/ porque faz muytos prodigios.
Sem questaõ deve de ser,
porque este Unhate maldito
faz huns milagres, que eu mesma
não sey, como tenho tino.
Póde haver mayor milagre
(ouça bem, quem tem ouvidos)
do que chegar hum reynol
de Lisboa, ou lá do Minho:
Ou degradado por crimes
ou por moço ao Pay fugido,
ou por não ter que comer
no lugar, onde he nascido:
E saltando no meu cais
descalço, roto, e despido,
sem trazer mais cabedal,
que piolhos, e assobios:
A penas se offrece à Unhate
de guardar seu comprimisso,
tomando com devoçaõ
sua regra, e seu bentinho:
Quando humas casas aluga
de preço, e valor subido,
e se põem em tempo breve
/146/ com dinheyro, e com navios?

Póde haver mayor portento,
nem milagre encarecido,
como de ver hum Mazombro
destes dá do meu pavio,

Que sem ter eyra, nem beyra,
engenho, ou juro sabido
tem amiga, e joga largo
veste sedas, poem polvilhos?

Donde lhe vem isto tudo?
Cay do céu? tal não affirmo;
ou Santo Unhate lhó dá,
ou do Calvario he prodigio.

Consultem agora os sabios,
que de mim fazem corrilhos,
se estou illeza da culpa,
que me dão sobre este artigo.

Mas não quero repetir
a dor, e o pezar, que sinto
por dar mais hum passo avante
para o oitavo supplicio.

Preceyto

8º

/147/ As culpas, que me daõ nelle,
saõ, que em tudo quanto digo,
me aparto do verdadeyro
com animo he mentido.

Muyto mais he, do que fallo,
mas he grande, barbarismo,
quererem, que pague a albarda,
o que comette o burrinho.

Se por minha desventura
estou cheya de percitos,
como querem, que haja em mim
fê, verdade, ou fallar lizo?

Se como atraz declarey,
se puzera côbro nisto,
a verdade apparecera
cruzando os braços commigo.

Mas como dos tribunais
proveyto nenhum se há visto,
a mentira está na terra,
a verdade vay fugindo.

O certo he, que os mais delles
tem por gala, e por capricho
naõ abrir a bocca nunca
sem mentir de ficto a ficto.

/148/ Deyxar quero os pataratas,
e tornando à meu caminho,
quem quizer mentir á faça,
que me naõ toca impedi-lo.

Preceyto

9º e 10º

Do nono não digo nada,
porque para mim he vidro,
e quem o quizer tocar,
vá com o olho sobre aviso.

Eu bem sey, que tambem trazem
o meu credito perdido,
mas valha sem sello ex causa,
ou lhos ponhaõ seus maridos.

Confesso, que tenho culpas,
porem humilde confio,
mais que em riquezas do mundo,
da virtude n'um raminho.

10º

Graças a Deos que cheguey
a coroar meus delictos
com o decimo preceyto,
no qual tenho delinquido.

/149/ Dezejo, que todos amem,
seja pobre, ou seja rico,
e se contentem co'a sorte,
que tem, e estaõ possuindo.

Quero finalmente, que
todos, quantos tem ouvido,
pelas obras, que fizerem,
vaõ para o céu direytinhos.

Fingindo

o Poeta

que acode pelas honras da Cidade,
entra a fazer justiça
em seus moradores,
signalando lhe os vicios,
em que alguns delles se depravavaõ.

Decimas

1

Huma Cidade tam nobre,
huma gente tam honrada
veja-se hum dia louvada
desde o mais rico ao mais pobre:

/150/ cada pessoa o seu cobre,
mas se o diabo me atiaça,
que indo a fazer lhe justiça,
algum saya a justiçaçar,
naõ me poderám negar,
que por direyto, e por ley
esta he a justiça, que manda el Rey.

2

O Fidalgo de solar
se dá por envergonhado
de hum tostaõ pedir prestado
para o ventre sustentar:
diz, que antes ó quer furtaç
por manter a negra honra,
que passar pela deshonna,
de que lhe neguem talvez;

mas se o virdes nas galaz
com honras de vice rey,
esta he a justiça, que manda El Rey.

3

A donzella embiocada
mal trajada, e mal comida
antes quer na sua vida
ter saya, que ser honrada:
/151/ he publica amancebada
por manter a negra honrinha,
e se lh'o sabe a visinha,
e lho ouve a clerezia
daõ com ella na enxovia,
e paga a pena da ley;
esta he a justiça, que manda el Rey.

4

A casada com adorno,
e o Marico mal vestido,
crede, que este tal Marido
pentêa monho de corno:
se dicer pelo contorno,
que se soffre a Fr. Thomaz,
por manter a honra ó faz,
esperay pela pancada,
que com carocha pintada
de Angolla hade ser vis rey:
esta he a justiça, que manda El Rey.

5

Os letrados Peralvilhos
citando o mesmo Doutor
a fazer de Reo, e Autor
comem de ambos os carrilhos:

/152/ se se diz pelos corrilhos
sua prevaricação,
a desculpa, que lhe daõ,
he a honra de seus parentes,
e entonces os requerentes
fogem desta infame grey:
esta he a justiça, que manda El Rey.

6

O Clerigo julgador;
que as causas julga sem pejo,
naõ reparando, que eu vejo,
que erra a ley, e erra o Doutor:
quando vem de Monsenhor
a sentença revogada
por saber, que foi comprada
pelo gimbo, ou pelo abraço,
responde o Juiz madraço,
minha honra he minha ley:
esta he a justiça, que manda El Rey.

7

O Mercador avarento,
quando a sua compra estende,
no que compra, e no que vende,
tira duzentos por cento:
/153/ naõ he elle tam jumento,
que naõ sayba, que em Lisboa
se lhe hade dar na gamboa;
mas comido ja o dinheyro
diz, que a honra està primeyro,
e que honrado a toda a ley:
esta he a justiça, que manda El Rey.

8

A viuva antorizada,
que não possui hum vintem,
porque o Marido de bem
deyxou a casa enpenhada:
ali vay a fradalhada,
qual formiga em correção,
dizendo, que à casa vão
manter a honra da casa,
se à virdes arder em braza,
que ardeo a honra entendei:
esta he a justiça, que manda El Rey.

9

O Adonis da manhã,
o Cupido em todo o dia,
que anda correndo a coxia
com recadinhos da Irmãa:
/154/ e se lhe cortaõ a lãa,
diz, que anda naquelle andar
por a honra conservar
bem tratado, e bem vestido,
eu ó verey tam despido,
que athe as costas lhe verey:
esta he a justiça, que manda El Rey.

10

Se virdes hum Dom Abbade
sobre o pulpito cioso,
não lhe chameis religioso,
chamay lhe embora de Frade:
e se o tal Paternidade
rouba as rendas do convento
para acudir ao sustento
da puta, como da peyta,

com que livra da suspeyta
do Geral, do viso rey:

esta he a justiça, que manda El Rey.

/155/ Moraliza

o Poeta
seu desasocego
na harmonia incauta de hum Passarinho,
que chama sua morte
a compaços de seu canto.

Soneto

Contente, alegre, ufano Passarinho,
Que enchendo o bosque todo de harmonia,
Me está dizendo a tua melodia,
Que he mayor tua voz, que o teu corpinho.
Como da pequenez desse biquinho
Say tamanho tropel de vozeria?
Como contas, se es flor de Alexandria?
Como cheyras, se es passaro de arminho?
Simples cantas, e incauto garganteas,
Sem ver, que estás chamando o homicida,
Que te segue por passos de garganta!
Naõ cantes mais, que a morte lizongear;
Esconde a voz, e esconderás a vida,
Que em ti naõ se vê mais, que a voz que canta.

/156/ Moraliza

o Poeta
outra vez
a sua declinação
pelo seu luzimento
no amortecido desmayo
de huma pomposa flor.

Decimas

1

De que servio tam florida,
caduca flor da propria morte
ser ensayo a vossa vida?
quanto melhor advertida
andareys em não nascer,
que se a vida houvéra ser
instrumento de acabar,
em deyxares de brilhar,
deyxareis de morrer.

2

Emquanto prêza vos vistes
no botaõ, onde morastes,
/157/ bem que a vida não lograstes,
de esperanças vos vististes:
mas de pois que, flor, abristes,
tam de pressa fenecestes,
que quasi a presumir destes
(Se se póde presumir)
que para a morte sentir,
Somente viver quizestes.

3

Fazendo da pompa alarde

abre a rosa mais louzaa,
e o que he gala na manhaa,
em tudo se torna a tarde:
pois se â dita mais cobarde,
se â mais fragil duraçaõ
renascestes, porque não
terey de crer fundamento,
que foy vosso luzimento
da vossa sombra occasiaõ.

4

E pois acabais florida,
bem se vê, flor desditosa,
/158/ que a não seres tam formosa,
não foreis tam abatida:
desgraçada por luzida,
offendida por loucãa
mostrais bem na pompa vãa
as mãos do tempo cobarde,
que fenecestes a tarde,
por luzires de manhã.

5

Assim pois quando contemplo
vossa vida, e vossa morte,
em vos, flor, da minha sorte
encontro o mais vivo exemplo:
sobi d fortuna ao templo,
mas apenas sobi digno,
quando me mostra o destino,
que, á quem não he venturoso,
o chegar a ser ditoso

he degrao de ser mofino.

/159/ Tentado

a viver na soledade
se lhe representaõ as glorias
de quem naõ vio, nem tratou a côrte.

Soneto

Ditoso tu, que na palhoça agreste
Viveste moço, e velho respiraste,
Berço foy, em que moço te criaste,
Eça será, que para morto ergueste.
Ahi, do que ignoravas, aprendeste,
Ahi, do que aprendeste, me ensinaste,
Que os des prezos do mundo, que alcançaste,
Armas saõ, com que a vida dedendeste.
Ditoso tu, que longe dos enganos,
A que a Côrte tributa rendimentos,
Tua vida dilatas, e deleytas!
Nos palacios reáes se encurtaõ annos;
Porem tu sincopando os aposentos,
Mais te deleytas, quando mais te estreytas.

/160/ Elegé
para viver
o retiro de huma chacara,
que comprou nas margens do Dique,
e ali conta, o que passava retirado.

Canção

Por bem afortunado

Me tenho nestes dias,
Em que habito este monte a par do Dique,
Visinho tam chegado
As Tarairas frias,
Á quem a gula quer, que eu me dedique.
Aqui vem o alfinique
Das pretas carregadas
Com roupa, de que formaõ as barrellas:
Naõ serám as mais bellas,
Mas haõ de ser por força as mais lavadas;
E eu namorado desta, e aquelloutra
De huma o lavar me rende o torcer d'outra.

Os que amigos meus eram,

vem aqui visitar-me;
/161/ Amigos, digo, de huma, e outra casta:
Oh nunca aqui vieram,
Porque vem agastar-me,
E nunca deyxãõ cousa, que se gasta.
Outro vem, quanto basta,
Fazer nesta varanda
Chacotas, e retiradas,
Porque o riso naõ corre na quitanda,
Corre de cunho a prata,

E amizade sem cunho he patarata.

A casa he espaçosa

Cuberta, e retelhada

Com telha antiga do primeyro mundo,

Palha seca, e frondosa

Hum tanto refohada

Da que sendo erva santa, he vicio immundo;

O torraõ he fecundo

Para a tal erva santa:

Porque esta negra terra

Nas produções, que erra,

Cria venenos mais que boa planta:

Commigo a prova ordeno,

Que me criou para mortal veneno.

/162/ Continua

o Poeta
em louvar a soledade
vituperando a corte.

Soneto

Ditoso aquelle, e bem aventurado,
Que longe, e apartado das demandas
Naõ vê nos tribunâes as appellandas,
Que à vida daõ fastio, e daõ enfado.
Ditoso, quem povôa o despovoado,
E dormindo seu sono entre as Olandas
Acorda ao doce som, e ás vozes brandas
Do tenro passarinho enamorado.
Se estando eu lá na Côrte tam seguro
Do nescio impertinente, que porfia,
Á deyxeys por hum mal, que era futuro;
Como estaria vendo na Bahia,
Que das côrtes do mundo he vil munturo,
O roubo, a injustiça, a tyrannia?

/163/ Moraliza

o Poeta
nos occidentes do Sol
a inconstancia dos bens do mundo.

Soneto

Nasce o sol, e não dura mais que hum dia,
Depois da luz se segue a noyte escura,
Em tristes sombras more a formosura,
Em continuas tristezas a alegria.

Porem se acaba o sol, por que nascia?
Se formosa a lua he, por que não dura?
Como a belleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no sol, e na luz falta a firmeza,
Na formosura não se dê constancia,
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo emfim pela ignorancia,
E tem qualquer dos bens por natureza

A firmeza somente na inconstancia.

/164/ Contemplando

nas cousas do mundo
desde o seu retiro,
Ihe atira com o seu apage,
como quem a nado escapou da tromenta.

Soneto

Neste mundo he mais rico, o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa:
Com sua lingua ao nobre o vil decepa:
O velhaco mayor sempre tem carpa.
Mostra o patife da nobreza o mappa:
Quem tem maõ de agarrar, ligeyro trepa,
Quem menos faltar póde, mais increpa:
Quem dinheyro tiver, póde ser Papa.
A flor baxa se inculca por Tulippa;
Bengala hoje na maõ, hontem galopa:
Mais izento se mostra, o que mais chupa.
Para a tropa do trapo vazo a tripa,
E mais não digo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

/165/ Neste retiro

devemos suppor o Poeta
consultado de varios amigos
com alguns assumptos para resolver,
e assim prosseguiremos
com as obras seguintes.

Soneto

Fabio; que pouco entendes de finezas.
Quem faz só, o que póde, a pouco obriga;
Quem contra os impossiveis se afadiga,
A esses se dê amor em mil ternezas.
Amor comette sempre altas emprezas;
Pouco amor muyta sede não mitiga;
Quem impossiveis vence, esse me instiga
Vencer por elle muytas estranhezas.
Ás durezas da cera o sol abranda,
E da terra as branduras endurece,
Atraz do que resiste, o rayo se anda.
Quem vence a resistencia, se enobrece,
Quem póde, o que não póde, impera, e manda;
Quem faz mais do que póde, esse merece.

/166/ Pergunta-se
neste Problema,
Qual he mayor,
se o bem perdido na posse,
ou o que se perde antes de se lograr?
Defende o bem ja possuido.

Soneto

Quem perde o bem, que teve possuido,
A morte não dilate ao sentimento,
Que esta dor, esta magua, este tormento
Não póde ter tormento parecido.

Quem perde o bem logrado, tem perdido
O discurso, a razaõ, o entendimento:
Porque caber não póde em pensamento
A esperança de ser restituído.

Quando fosse a esperança alento à vida,
The nas faltas do bem seria engano
O presumir melhoras desta sorte.

Porque onte falta o bem, he homicida
A memoria, que atalha o proprio da'no,
O refugio, que priva a mesma morte.

/167/ Defende-se

o bem
que se perdeu na esperança.
Pelos mesmos consoantes.

Soneto

O bem que não chegou ser possuído,
Perdido causa tanto sentimento,
Que faltando lhe a causa do tormento,
Faz ser mayor tormento o padecido.
Sentir o bem logrado, e já perdido
Magua será do proprio entendimento,
Porem o bem, que perde hum pensamento,
Não ó deyxá outro bem restituído.
Se o logro satisfaz a mesma vida,
E depois de logrado fica engano
A falta, que o bem faz em qualquer sorte:
Infallivel será ser homicida
O bem, que sem ser mal motiva o da'no,
O mal, que sem ser bem apressa a morte.

168/ Pondera

misterioso em amores
o descuydo,
com que huma Dama
cortou o seu dedinho
querendo aparar huma penna
para escrever à seu amante.

Decimas

1

Para escrever intentou
Nise huma penna aparar,
e come;ando a cortar,
o seu dedinho cortou:
em continente à largou
sentida desta occasiaõ,
e com tam justa razaõ
chorosa sente: porque
teve neste golpe pé,
para sentir-se da maõ.

2

Duas penas descontente
padece Nise em verdade,
/169/ da ferida a crueldade,
e viver de Fabio ausente:
qual destas duas mais sente
difficil he de advertir;
mas eu venho a concluir,
que mais sente Nise amante
viver de Fabio distante,
do que chegar-se a ferir.

3

Quizera à Fabio escrever
por dar allivio à seu mal,
porem a sorte fatal
naõ lh'o consentio fazer:
quiz lhe o golpe, que à assusta,
por cuydar, que he cousa justa
mostrar, quando Nise chora,
que esse Fabio, à quem adora,
gottas de sangue lhe custa.

4

Bem claramente constou
de Nise na maõ ferida,
que o ser, liberdade, e vida
tudo à Fabio sugeytou:
/170/ discreta, e entendida andou
neste amoroso embaraço,
pois para apertar o lasso
mais da sua sugeyçaõ,
que ó firma nesta occasiaõ,
mostrou com sangue do braço.

5

Queyxosa Nise em verdade
se mostrou nesta occasiaõ,
naõ da ferida da maõ,
do golpe sim da saudade:
porque com tal crueldade
à move de Fabio a ausencia,
que sem haver resistencia
no peyto, que amante ó adora,
lagrymas de sangue chora
com repetida vehemencia.

6

De proposito parece,
que se deo Nise este córte,
porque hum amor, que he tam forte,
so bem assim se encarece:
e quem duvêda, ó fizesse
para dar-nos a entender,
/171/ que quiz seu sangue verter
para mostrar sua fé,
que tanto ama a Fabio, que
quer dar lhe o sangue a beber.

Motte

Como se pôde alcançar
de dous, que se querem bem,
qual terá mayor pezar,
se o que vay para tornar,
se o que espera, por quem vem.

Gloza

1

Se não posso ir rastejando
a pena, que pôde ter,
quem há temor de perder
aprenda, que está logrando:
e se me confundo, quando
me disponho a penetrar
aquella pena, e pezar,
que deyxá hum bem já perdido,
do mal de ausente o sentido,
/172/ Como se pôde alcançar!

2

Parece huma pena chica,
que chica he por tal arte,
que inda que a dor se reparte,
toda em hum se multiplica:
pena, que mais se duplica,
quanto mais partida vem,
na extensã o augmento tem,
que a pena, que a ausencia ordena,
sobre ser de dous, he pena
De dous, que se querem bem.

3

Se he pena de dous, qu se amaõ,
quem naõ vê, que em tal querer
dobrado incendio hade haver,
se há dous jogos, que se infla'maõ:
quando dous à hum tempo clamaõ,
por força se ha de augmentar
à hum clamar outro clamar;
assim no mal de naõ ver-se
cresce a pena, sem saber-se
qual terá mayor pezar.

4

/173/ Quem vay, porque a pena rima,
deyxa a alma, que se infla'ma,
para que anime, adonde ama,
muyto mais, que aonde anima:
quem fica, se se desanima,
quer logo as almas trocar
por confundir, e occultar,
qual mais sabe padecer,
quem fica para naõ ver,

Se o que vay para tornar.

5

Nesta confusão de amor
duvída a perplexidade,
nunca se sabe a verdade
sobre a ventagem da dor:
mas o discreto leytor,
que quer lhe resolva em bem,
o que o motte em si contem,
veja, que tem mais cuydado,
quem não vem, sendo esperado,
Se o que espera, por quem vem.

/174/ Motte

Perguntou-se à hum discreto,
qual era a morte tyranna:
respondeo, que estar ausente
da quillo, que mais se ama.

Gloza

1

Numa illustre academia,
que com sciencias infusas
fizeram as nove Musas,
onde Apollo presidia:
depois que toda a poezia
leo o secretario Admeto,
hum problema muy selecto
propoz, para argumentar-se,
e havendo de perguntar-se,
Perguntou-se à hum discreto.

2

Elle, que estava distante,

e não ouvia a proposta,
naõ deo por entãõ resposta
de surdo, e não de ignorante:
/175/ mas vendo no seu semblante
a academia soberana,
que tinha a desculpa lhana,
lhe advertiram com agrado,
que lhe haviaõ perguntado:
Qual era a morte tyranna.

3

Elle entonces como hum rayo
promptamente, e sem detená
tomando venia, e licença
fez com sigo hum breve ensayo:
o mais horrivel desmayo,
que hum peyto amoroso sente,
he a falta do bem presente:
ficoulhe à resposta lhana;
e à qual he a morte tyranna,
Respondeo, que estar ausente.

4

Deyxou a resposta absorto
à aquelle douto congresso,
porque he ja proverbio expresso,
que ausente he o mesmo que morto:
eu me persuado, e exorto,
que quem se abraza, e inflama
/176/ de amor na continua chama,
inda que sinta abraçar-se,
he menos mal, que ausentar-seDaquillo, que mais se ama.

Motte

Se de hum bem nascem mil males,
de hum mal quizera saber
quantos bens podem nascer?

Gloza

1

Coração, que em pertender
perdes tempo em esperanças,
e quando algum bem alcanças,
he por ter mais que perder:
por cousas, que não tem ser,
e de que nunca te vales,
como direy, que te aballes?
como direy, que convem
andar em busca de hum bem,
se de hum bem nascem mil males?

/177/ [2]

Quando hum firme bem pcuras,
desavens com teus bens,
porque perdendo, os que tens,
n'outros males te asseguras:
aos bens nunca te aventuras
sem certos males colher,
e eu para te defender,
e a vida te conservar,
hum bem não tornára achar,
De hum mal quizera saber.

3

Do bem os males nascéram,
do mal nunca nasce o bem,
salvo o mal de quem não tem

bens, de que os males se geram:
e inda que do mal poderam
os bens produzidos ser,
se os has de vir a perder,
antes toma hum mal por gosto,
pois haõ de dar-te desgosto
Quantos bens podem nascer.

/178/ Motte

Amar Luiz à Maria,
amaria naõ he amar
logo como pode estar
n'um tempo amar, e amaria.

Gloza

1

Servio Luiz a Izabel
por premio de hum favor só
mais tempo, do que Jacob
servio à bella Rachel:
e porque Izabel infiel
ó enganou de dia em dia,
em pena da aleyvozia
em Maria o empreguey,
e entaõ lhe certifiquey
Amar Luiz à Maria.

2

Deyxey-a tam persuadida,
quanto ela he presumtuosa,
que o presumir de formosa
persuade o ser querida:
/179/ poreম como he entendida,

e em toda a arte de amar
sabe muy bem conjugar,
dice, tomando-me amaõ,
que em boa conjugaçaõ
Amaria naõ he amar.

3

Que amaria he imperfeyto,
e perfeyto o ter amado,
e à hum presente cuydado
naõ serve o plus quam perfeyto:
vi eu à Moá de geyto,
que me puz pela quietar
nesta forma a conjugar:
amar Luiz, e amaria
naõ está em philozofia,
logo como póde estar?

4

Este apparente argumento,
e subtil proposiçaõ
naõ só tirou a questaõ,
mas deo lhe contentamento:
firme emfim no fundamento
da minha sofisteria
/180/ diz, que a boa astronomia
tem huns pontos tam subtis,
que póde estar em Luiz
N'um tempo amar, e amaria.

Motte

Antandra, el Amor, sinó
occultas tus rayos, sê,

que te hade roubar, lo que
Prometteo al sol robó.

Gloza

1

Amor, que es fuego, y armado
com arco, aljaba, y saetas
con mil amorosas tretas
mil almas há conquistado:
pero tu, Andandra, has ganado
mas victorias, que el ganó,
de suerte que dudo yo
(viendo unos, y otros despojos)
si puede mas que tus ojos
/181/ Antandra, el Amor, se nó.

2

Porque en severa conquista
tienen flechas, arco, y fuego,
y luz, conque al Amor ciego
dexan a perder de vista:
y ansi nó ay, quien resista
la luz, que en ellos se vê,
y aun el mismo Amor por Le
(como no puede mirando)
que te adora, Antandra, quando
Ocultas tus rayos, sê.

3

Mas de sus adoraciones
no debes mucho fiar-te,
que dicen, que hade robar-te, pues le robas coraçones:
no ay, que fiar en ladrones,
que embisten a falsa fé;

mas yo le preguntaré,
Antandra, quando tu quieras,
ques afirman tan deveras,
Que te hade robar? Lo que?

4

/182/ y se à tus ojos dixere,
bien se dexa ver, que es ciego,
y si dixere, que el fuego,
señal, que el tuyo prefiere:
luego bien claro se infiere,
que el mismo se condenó,
y pues assim te imbidió,
puedes dar lhe de barato,
lo que por un falso trato
Prometheo al sol robó.

Motte

Naõ quero, o que vos quereis,
só quero, que vos queyrais
aquello, que naõ quereis,
só quero, naõ quero mais.

Gloza

1

Se houvera conformidade
em hum, e outro querer,
ambos poderiam ser
/183/ actos da mesma vontade:
porem na diversidade
de huma, e de outra vereis,
quando firme pergunteis,

onde minha alma está posta,
como tendes por resposta,
Não quero, o que vos quereis.

2

E se acaso se offerece
outro objecto à vosso amor,
e publicais por favor,
que em vos só o meu florece:
esta acção nada merece,
mas antes me offende mais,
e do premio, que buscais,
deponde a louca esperança,
e não ter de mim lembrança,
so quero, não quero mais.

3

Se nesta deformidade,
que em vossas vontades há,
algum meyo industria dá
para haver conformidade,
he, que na vossa vontade
/184/ mil impossiveis obreis,
porque amando não ameis,
sendo fino, ó não sejais,
e não querendo queyrays
Aquillo, que não quereis.

4

Se isto muyto parecer
em huma vontade humana,
isso mesmo desengana
os quilates do seu ser:
pouco amor, pouco querer
he força, que concedais,

pelo que não perdendais,
as lizonjas do meu gosto,
porque, o que tenho proposto,
só quero, e não quero mais.

Mote

A mais formosa, que Deos.

Gloza

Eu com duas Damas vim
/185/ de huma certa romaria,
huma feya em demazia,
sendo a outra hum serafim:
e vendo-as eu ir assim
sôs, e sem amantes seus,
lhes perguntey, Anjos meus,
quem vos poz em tal estado?
a feya diz, que o peccado,
A mais formosa, que Deos.

Motte

Se lagrymas alliviao,
como padece, quem chora?

Gloza

1

Vidinha, por que chorais?
porque padeço, meu bem.
Muy grande duvida tem

a resposta, que me dais:
se lagrymas saõ signais
dos que dantes padeciaõ,
/186/ allivio ja sentiriam
das lagrymas ao verter;
logo implica o padecer
se lagrymas alliviam.

2

Duvida naõ póde haver,
que em quanto os olhos me choram,
supposto a pena melhoram,
se está rindo o padecer:
allivio deve de ter,
quem ja seus males melhora,
mas se nelle a pena mora
athe o choro acabar,
facil he de se mostrar
como padece, quem chora.

Mote

Para retratar huns olhos
Cupido se fiz pintor,
desfez o ceo para tinta,
moeo para luz o sol.

Gloza

1

De huns olhos se vio rendido
Amor, e os arpões quebrou,
porque afrontados julgou
arpões d'outro arpaõ vencido:
cego, e turbado Cupido

guiado de seus antolhos
trilha espinhos, piza abrolhos,
e por curar seu cuydado
hum pincel pede emprestado
Para retratar huns olhos.

2

Para huns olhos tam brilhantes
buscava o melhor pincel,
negou lho Apeles cruel,
piedoso lho deo Timantes:
como Mestres tam prestantes
puzeram de morte cor
olhos, que vencem a Amor:
nesta pena, que o soçobra,
para colorir a obra
upido se fez pinto/188/ [3]
Sempre eu vi, que aos amadores
nada falta em bom primor:
porem hoje ao mesmo Amor
para pintar faltaõ cores:
elle perdeo as melhores
em ter a presença extinta
dos olhos bellos, que pinta,
cuja cor he celestial,
e por lhe dar natural
Desfez o ceo para tinta.

4

Para copia tam divina,
como Amor à imaginou,
todo o aparelho tirou
dessa esphera christalina:
excedia a ultramarina

cor desse azul arrebol,
e do divino farol
sendo precisa a luz pura,
por dar claros à pintura

Moéo para luz o sol.

/189/ Parece

que ja se enfastiava o Poeta
do seu retiro
como se vé nesta obra

Motte

Contentamento, onde estás,
que te não acha ninguém,
se intenta buscar-te alguém,
não sabe, por onde vay.

Gloza

1

Amigo contentamento,
peço-te por esta vez,
que não me busques, que intento
buscar-te em teu aposento,
para lançar-me à teus pés:
se não quer, e a ouzadia,
ou à deserviço ó has,
para que te ache algum dia,
me digas em cortezia,
contentamento, onde estás.

/190/ [2]

Por mil partes diferentes
andas, e te certifico
não ver-te por entre as gentes,
antes todos descontentes
alto, baxo, pobre, rico:
Fuy-me aos palacios, e ouvi,

que se acaso ali te vem,
sem deyxar signâis de ti,
tam sedo te vas dali,
Que te não acha ninguem.

3

Dey logo em imaginar,
que estás entre os namorados,
busquey-te, e vendo-os queyxa,
mal (dice) se podem dar
contentamento, e cuydados:
com que vendo o teu desvio
julguey, que passar alem
era trabalho baldio,
e que intenta hum desvario,
se intenta buscar-te alguem.

4

Fiquey tam desenganado,
que direy por toda a parte,
/191/ que quem por dita, ou por fado
se não vir de ti buscado,
não se cance com buscar-te:
Porque he tal tua conquista,
que inda o triste, à quem te dás,
por muyto, que ele te assista,
em perdendo-te de vista
Não sabe, por onde vas.

Despede-se

o Poeta

do seu amoroso divertimento
com pretextos frívolos,
e totalmente contrários
a razão do amor.

Motte

Deyxar quero o vosso bem
para tomar vosso mal,
porque o vosso bem he tal,
que do mal melhor me vem.

Gloza.

/192/ [1]

Se dor me infunde no peyto,
Clori, quererdes-me assaz,
day ao dem o amor, que traz
mais damno, do que proveyto:
naõ vi amor de tal geyto
no mundo da quem, e alem,
e pois simulado vem
todo o mal, que me fazeis,
neste bem, que me quereis,
Deyxar quero o vosso bem.

2

Se mal vosso bem me inflúe,
bens vosso mal dará varios,
porque de agentes contrários

contrario effeyto se argue:
a consequencia conclue
por força philozofal;
e pois vosso mal he tal,
que em vos d'outro bem não sey
que bens não repudiarey,
Para tomar vosso mal?

3

Pois o bem pelo mal troco
pelas causas, que ja dice,

/193/ terey a grám parvoice,
que vos me tenhais por louco,
que eu o que exprimento, e toco
neste bem prejudicial
me faz homem desigual,
avesso, nescio, e sandeo:
porem tal homem sou eu,
Porque o vosso bem he tal.

4

Se tal fora o vosso amor,
como saõ outros amores,
fecundo para os favores,
esteril par o rigor:
tivera a grande favor,
Clori, quererdes, à quem
vos adorára hum desdem,
que outro tempo aborrecia,
porque então não entendia,

Que do mal melhor me vem.

/194/ Desempulha-se
o Poeta
da canalha perseguidora
contra os homens sabios,
catando benevolencia aos nobres.

Soneto

Que me quer o Brazil, que me persegue?
Que me querem pasguates, que me invejam?
Naõ vêm, que os entendidos me cortejam,
E que os Nobres he gente, que me segue!
Com seu odio a canalha, que consegue!
Con sua inveja os nescios que motejam?
Se quando os nescios por meu mal morejam,
Fazem os sabios, que à meu mal me entregue.
Isto posto, ignorantes, e canalha
Se ficaõ por canalha, e ignorantes
No rol das bestas a roerem palha.
E se os senhores nobres, e elegantes
Naõ querem, que o soneto vá de valha,
Naõ vá, que tem terriveis consoantes.

/195/ Prezo

finalmente o nosso Poeta
pelos motivos
que ja dicemos em sua vida,
e condenado a ir degradado
para Angola,
por Ordem
de D. Joaõ d'Alencastre
Governador entaõ deste Estado:
Pondera,
quam adverso he o Brazil
sua ingrata patria
aos homens benemeritos;
e com desafogo de homem forte
graceja hum pouco
as Mulatas meretrizes.

Coplas

Naõ sey, para que he nascer
neste Brazil empestado
/196/ hum homem branco, e honrado
sem outra raça.

Terra tam grosseyra, e crassa,
que à ninguem se tem respeyto,
salvo quem mostra algum geyto
de ser Mulato.

Aqui o cam arranha o gatto,
naõ por ser mais valentaõ,
mas porque sempre à hum caõ
outros acodem.

Os Brancos aqui aqui naõ podem

mais que soffrer, e callar,
e se hum negro vaõ negro vaõ matar,
 chovem despezas.

Naõ lhe valem as defezas
do atrevimento de hum cam,
porque acode a Relaçãõ

 Sempre faminta.

Logo a fazenda, e a quinta
Vay com tudo o mais a praça,
onde se vende de graça,
 ou fiado.

/197/ Que aguardas, homem honrado,
vendo tantas sem razões,
que naõ vas para as nações
 de Berberia,

Porque lá se te faria
com essa barbaridade
mais razaõ, e mais verdade,
que aqui fazem.

Por que esperas, que te engrazem,
e esgottem os cabedáes,
os que tens por naturáes,
 sendo estrangeyros?

Ao cheyro dos teus dinheyros
vem com cabedal tam fraco,
que tudo cabe n'um sacco,
 que anda as costas.

Os pés saõ duas lagostas
de andar montes; passar vaos,
as maõs saõ dous bacalhaos
 já bem ardidos.

Sendo dous annos corridos,

na loge estaõ recostados
mais doces, e enfidalgados,
 que os mesmos Godos.
/198/ A mim me faltaõ apoddos,
com que apoddar estes táes
maganos de trez canâes
 athe a ponta.

Ha outros de peyor conta,
que entre estes, e entre aquelles
vem cheyos de PP e LL
 atraz do hombro

De nada disto me assombro,
pois bota aqui o senhor
outros de marca mayor
 gualde, e tostada.

Perguntay à gente honrada,
por que causa se desterra;
diz, que tem, quem lá na terra
 The queyma o sangue.

Vem viver ao pé de hum mangue,
e ja vos veda o malgal,
porque tem mais cabedal,
 que Porto Rico.

Se algum vêm de agodo bico,
lá vaõ prendê-lo ao certaõ
 entre os galfarros.

/199/ A terra he para os bizzaros,
que vêm da sua terrinha
com mais gorda camisinha,
 que hum traquete.

que me dizeis do clerguete,

que mandáram degradado
por dar o oleo sagrado
à sua Puta.

E a velhaca dissoluta
destra em todo o arteficio
fez c'o oleo hum maleficio
a'o mesmo zote.

Folgo de ver tanto asnote,
que com seus risonhos labios
andaõ zombando dos sabios,
e entendidos.

E porque são aplaudidos,
de outros da sua facção,
se fazem c'o a discrição
como com terra.

E dizendo ferra ferra
quando vaõ a pôr o pé,
conhecem, que em boa fé
saõ huns asninhos.

/200/ Porque com quatro ditinhos
de conceytos estudados
naõ podem ser graduados
nas sciencias.

Entaõ suas negligencias
as vaõ conhecendo ali,
porque de si para si
ninguem se engana.

Mas em vindo outra semana,
ja caem no peccado velho,
e presumem dar conselho
à hum cataõ.

Aqui frizava o Frizaõ,

que foy o Hereziarca,
porque os mais da sua alparca
ó aprendéram.

As Mulatas me esquecéram,
á quem com veneraçã
darey o meu beliscaõ
pelo amoroso.

Geralmente he muy custoso
o conchego das Mulatas,
que se foram mais Paratas,
naõ ha mais Flandes.

/201/ As que presumem de grandes,
porque tem casa, e saõ forras
tem, e chamaõ de cachorras
as mais do trato

Angelinha do Çapato,
Valeria hum pino de ouro,
porem tem o cagadouro
muyto abaxo.

Traz o amigo cabisbaxo
com muytas aleyvozas,
sendo, que as Ave Marias
lhe fecha a porta.

Mas isso porem que importa
se ao fechar se põem ja nua,
e sobre o plantar na rua
ainda à veste.

Fica dentro, quem à investe,
e o de fora suspirando
lhe grita de quando em quando
hora isto basta.

Há gente de tam má casta,

e de tam ruim catadura,
que athe esta cornadura
 bebe, e verte.

Porque se com tam ruim puta
a alma ha de ser dissoluta,
 antes muy santa.

Quem encontra ossada tanta
nos beyços de huma caveyra,
vay fugindo de carreyra,
 e a Deos busca.

Em huma cova se ofusca,
como eu estou ofuscado,
chorando o magro peccado,
 que fiz com ella.

He muy semelhante à Agrella
a Mingota do Negreyros,
que me mamou os dinheyros,
 e por-me rorça.

A Mangá com ser de alcorça
da-se à hum Pardo vaganaõ,
que a cunha do mesmo paõ
 melhor atocha.

A Marianna da Rocha,
por outro nome a Bellica,
nenhum homem ja dedica
 a sua prata.

/203/ Naõ ha no Brazil Mulata,
que valha hum recado só,
mas Joanna Picaró
 o Brazil todo.

Se em gostos naõ me accomódo
das mais, naõ haja disputa,

cada hum gabe a sua puta,
e haja socego.

Porque eu callo o meu emprego,
e o fiz com toda atenção,
porque tal veneração
se lhe devia.

Fica te em boa, Bahia,
que eu me vou por esse mundo,
cortando pelo mar fundo
n'uma barquinha.

Porque inda que es patria minha,
sou segundo Scipião,
que com dobrada razaõ
a minha idea

te diz “non possidebis ossa mea.

/204/ Embarcado

ja o Poeta
para o seu degredo,
e postos os olhos na sua ingrata patria
lhe canta desde o mar
as despedidas.

Romance

A Deos praya, a Deos cidade,
e agora me deverás,
velhaca, dar eu à Deos,
a quem devo ao demo dar.

Quero agora, que me devas
dar-te a Deos, como quem cay,
sendo que estás tam caida,
que nem Deos te quererá.

A Deos Povo, a Deos Bahia,
digo, canalha infernal,
e não fallo na nobreza
tabula, em que se não dá.

Porque o nobre em fim he nobre,
quem honra tem, honra dá,
/205/ picaros daõ picardias,
e inda lhes fica, que dar.

E tu, Cidade, es tam vil,
que o que em tí quizer campar,
naõ tem mais do que metter-se
a magano, e campará.

Seja ladrão descoberto
qual aguia imperial,
tenha na unha o rapante,

e na vista o perspicaz.

A huns compre, à outros venda,
que eu lhe seguro o medrar,
seja velhaco notorio,
e tramoeyro fatal.

Compre tudo, e pague nada,
deva aqui, deva acolá
perca o pejo, e a vergonha,
e se casar, case mal.

Com Branca não, que he pobreza,
trate de se mascarar;
vendo-se ja mascarado,
arrime-se à hum bom solar.

Por fiar em ser fidalgo,
que com tanto se achará;
/206/ se tiver mulher formosa,
gabe-a por esses poyáes.

De virtuosa talvez,
e de entendida outro tal,
introduza-se ao burlesco
nas casas, onde se achar.

Que ha Donzella de belisco,
que aos punhos se gastará,
trate lhes hum galanteyo,
e hum frete, que he principal.

Arrime-se à hum poderoso,
que lhe alimente o gargaz,
que há pegadores na terra,
tam duros como no mar.

A estes faça alguns mandados
a titulo de agradar,
e conserve o affectuoso,

confessando o desigual.

Intime lhe a fidalguia,
que eu creyo, que lhe crerá,
porque fique ella por ella,
quando lhe ouvir outro tal.

Va visitar os amigos
no engenho de cada qual,
/207/ e comendo-os por hum pé,
nunca tire o pé de lá.

Que os Brazileyros são bestas,
e estarám a trabalhar
toda a vida por manter
maganos de Portugal.

Como se vir homem rico,
tenha cuydado em guardar,
que aqui honraõ os mofinos,
e mofaõ dos liberáes.

No Brazil a fidalguia
no bom sangue nunca está,
nem no bom procedimento,
pois logo em que póde estar?

Consiste em muyto dinheyro,
e consiste em o guardar,
cada hum ó guarde bem,
para ter que gastar mal.

Consiste em dê-lo à maganos,
que ó saybaõ lizongear,
dizendo, que he descendente
da casa do villa Real.

Se guardar o seu dinheyro,
onde quizer, casará:
/208/ os sogros não querem homens,

querem cayxas de guardar.

Naõ coma o Genro, enm vista,
que esse he genro universal;
todos ó querem por genro,
gennro de todos será.

Oh assolada veja eu
cidade tam çuja, e tal,
avesso de todo o mundo,
só direyta em se entortar.

Terra, que naõ se parece
neste mappa universal
com outra, ou saõ ruins todas,
ou ella somente he má.

/209/ CIDADE
e seus Picaros
entremittidos, e velhacos.

Define
a sua Cidade

Motte

De dous FF se compoem
esta Cidade a meu ver
hum furtar, outro foder.

Gloza.

[1]

Recopilou-se o direyto,
e quem o recopilou
com dous FF ó explicou
por estar feyto, e bem feyto:
por bem Diggesto, e Colheyto
Só com dous FF o expõem,
e assim quem os olhos põem
no trato, que aqui se encerra,
/210/ ha de dizer, que esta terra
De dous FF se compõem.

2

Se de dous FF composta
está esta nossa Bahia,
errada a ortografia
à grande damno está posta:
eu quero fazer aposta,

e quero hum tostaõ perder,
que isso à hade preverter,
se o furtar, e o foder bem
naõ saõ os FF que tem
Esta cidade a meu ver.

3

Provo a conjectura já
promptamente como hum brinco:
Bahia tem letras cinco
que saõ B A H I A:
logo ninguem me dirá,
que dous FF chega a ter,
pois nenhum contem sequer,
salvo se em boa verdade
saõ os FF da cidade

Hum furtar, outro foder.

/111/ A Mesma
Cidade
e alguns Picaros, que haviaõ nella.

Soneto

Quem cá quizer viver, seja hum Gataõ,
 Infeste toda a terra, invada os mares,
 Veja hum Chegay, ou hum Gaspar Soares,
 E por si terà toda a Relaçãõ.

Sobejar lhe ha na mesa vinho, e paõ,
 E siga, os que lhe dou, por exemplares,
 Que a vida passará sem ter pezares,
 Assim como os naõ tem Pedro de Unhaõ.

Quem cá se quer metter a se sisudo
 Nunca lhe falta hum Gil, que ó persiga,
 E he mais aperreado que hum cornudo.

Furte, coma, beba, e tenha amiga,
 Porque o nome dEl Rey dá para tudo
 Á todos, que El Rey trazem na barriga.

/212/ A certo

Homem presumido,
que affectava fidalguias,
por enganosos meynos.

Soneto.

Bote a sua caçaca de viludo,
E seja capitão sequer dous dias,
Converse a porta de Domingos Dias,
Que pega fidalguia mais que tudo.
Seja hum magano, hum picaro abelhudo,
Và à palacio, e apoz das cortezias
Perca quanto ganhar nas mercancias,
E em que perca o alheyo, esteja mudo.
Sempre se ande na caça, e montaria,
Dê nova locuáão, novo epitecto,
E diga-o sem proposito a porfia;
Que em dizendo =faççaõ, pretexto, effecto:
Será no entendimento da Bahia
Muy fidalgo, muy rico, e muy discreto.

/213/ Ao Mesmo

Sugeyto
pelos mesmos atrevimentos.

Soneto

Faça mizuras de A com pê direyto,
Os beija mãos de gafador de pella,
Sayba a todo o cavallo a parentella
O criador, o dono, e o deffeyto.
Se ó não souber, e vir rucim de geyto,
Chame o lacayo, e posto na janella,
Mande, que lhe passeye a môr cautella,
Que inda que ó não entenda, se há respeyto.
Saya na armada, e soffra paparotes,
Damas ouça tanger, não ás forníque,
Lembre lhe sempre a quinta, o potro, o galgo:
Que com isto, e o favor de quatro asnotes
De bom ouvir, e crer se porá a pique
De hum dia amanhecer hum grãm fidalgo.

/214/ A Hum

ignorante Poeta,
que por suas lhe mostrou humas decimas
de Antonio da Fonseca Soares

Soneto.

Prototipo gentil do Deos muchacho,
Poeta singular o mais machucho,
que no mais levantado do cartucho
Quiz trazer o Pegaso por penacho.
Triunfante ao Parnaso entrou gavacho
Com decimas do metrico Capucho;
Se saõ suas merece hum bom cachucho,
Que por boas conseguem bom despacho.
Mas o sol, que na aurora do desfecho
Os parpados abrindo vos vio micho,
Por ser vosso talento de relecho:
Logo dice, não ereis vos o bixo,
Que vos sente nas ancas este sexo,
que vos limpe essas barbas cúm rabixo.

/215/ A Certo

Barqueyro de Marapé
presumido de gentil, valente, e namorado,
o qual tinha vindo por Gurumete da Nao,
em que o Poeta veyo de Portugal.

Soneto.

Gentil homem, valente, e namorado
Trindade vem a ser de perfeições,
Com que à vos triunviro dos varões
Vos teme a morte, e vos venera o fado.
Pelo gentil Adonis sois pintado,
Pelo valente o Marte das nações,
Que unir, e conformar contradições
Só em vos se vio já facilitado.
Sobre tudo, Senhor Man’el Fernandes,
Podereis ser de Eneas Palinuro,
E conduzir de Europa Ulisses grandes;
Pois trazieis o barco tam seguro,
Quando passeys parra esta nova Flandes,
Que o mar me parecia vinho puro.

/216/ Ao Mesmo

Barqueyro
e pelo mesmo caso.

Decimas

1

Por gentil homem vos tendes
por valente, e namorado,
que á hum Fernandes não he dado,
e cay melhor em hum Mendes:
e pois as prendas retendes,
que em boa philozofia
nenhuma em vos caberia,
tam grande amor me deveis,
que porque vos ó dizeis,
vo-lo creyo em cortezia.

2

Só por cerimonia urbana
me resolvéra eu a crer,
que podeis formoso ser
tendo olhos de porsolana:
Se vo-lo diz vossa mana
(que se á tendes, preta he)
/217/ por vos manter nessa fé,
sabey, que vos troca as prosas,
porque saõ muy mentirosas
as Negras de Marapé.

3

Que sois valente, bem creyo,
que esses pulsos, essas pernas,
e o grosso dessas cavernas

me estaõ dizendo = temey-o:
eu vos creyo, e vos recreyo,
naõ falleis mais nisso, tâ,
porque em rigor, claro está,
que hum valentaõ D. Ortiz
me assusta, quando m'õ diz,
e outra vez, quando me dá.

4

Mas quanto a ser namorado,
nisso consiste a questaõ,
que esta vez vos vou amaõ,
como quem vos vay ao dado:
todo o Americano estado,
que digo? este mundo inteyro
namorey eu tam primeyro,
que nisto de namorar
/218/ podeis vos com migo estar
a soldade de escudeyro.

5

Sou namorado de chapa,
e de idade pueril
de Portugal, e Brazil
tenho namorado o mappa:
nenhuma cara me escapa,
em todo o rosto me embarco,
e vos no salgado charco
(posto que em vaõs pensamentos)
sempre andais bebendo os ventos,
que he bom para o vosso barco.

A Hum

livreyro

que comeu hum canteyro de alfaces.

Decima

Levou hum livreyro a dente
de alfaces todo hum canteyro,
e comeo, sendo livreyro,
/219/ desenquadradamente:
porem eu digo, que mente,
o que nisso ó quer culpar;
antes he para notar,
que trabalhou como hum Mouro,
que o metter folhas no couro
tambem he emquadrnar.

A Dous Irmãos

Fulanos da Cruz,
que foram prezos
por furtarem hum espadim
à hum surdo da Praya,
tendo ja furtado humas salvas,
que pediram emprestado
para tirarem a esmolla
para N. Senhora da Palma
De que foram degradados para Angola.

Decimas

As cruzes dos dous ladrões,
ou os dous ladrões das cruzes
/220/ com cappa dos arcabuzes²
armáram aos tavalhões:
mas vendo, que estas açções
lhes não tinha a paná cheya,
a vil canalha plebea
por comer a tripa forra,
sem recear a masmorra
metteo-se, e chegou a cea.

2

Consumado o seu intento
por infames malfeytores,
à sentená dos mayores

² No início da margem esquerda desta página 220 está anotado, na mesma letra do copista: “erm soldados”.

foram para hum aposento:
e se o seu merecimento
he castigo temerario,
pena he muyto ao contrario,
que quem calvarios só quer
os não mandem padecer
n'outras cruzes ao calvario.

3

E fora muy justa ley,
que à qualquer ladraõ previsto,
inda chamando por Christo,
lhe não valesse o pequey:
/221/ e se hoje o memento mei
não acode à hum patifaõ
por judaica geraçaõ,
se tira por consequencia,
que he por sua violencia
cada qual muy mao ladraõ.

4

Porem o seu pensamento
antevendo a perdiçaõ
com cappa de devoçaõ
cuydou ir a salvamento:
e pedindo a bom intento
os dous duas salvações
foram em tais conjunções,
se bem careciaõ d'alvas,
que dando lhe as culpas salvas
se ficaram bons ladrões.

5

As salvas foram pedidas,
e sendo emfim emprestadas,

depois de lhas terem dadas,
foram salvas, e perdidas:
e com ser as escondidas
o pedido, que ás assolla,
/222/ triunfando vaõ para Angolla,
pois se levanta a sua alma
tirando a esmolla da Palma
com o santo, e co'a esmolla.

6

Outros crimes mais atrozes
tem os dous Judas malvados,
que justamente culpados
os publicaçõ muytas vozes:
porque os delictos ferozes
no seu inutil estado
os criminaõ de contato,
e saõ no erro inaudito
hum Judas para o bem dito
inimigo do louvado.

7

Vendo o pobre varaõ
de grave espadim a cinta,
conhecendo-o pela pinta
ó tomaõ de guarniçaõ:
e andando de maõ em maõ
foy o espadim consumido
pelo valor atrevido,
e os mesmo espadim achado
/223/ para elles foy deparado,
e para elle foy corrido.

8

Pelas cruces foy tomado,

e o que à todos mais atonta,
he, que não foy pela ponta
por hum, ou outro soldado:
mas como o valor mostrado
era em passos tam ligeyro,
chegou ao cabo primeyro,
para levar tudo ao punho,
que só por forá tem cunho,
ou cruzes o seu dinheyro.

9

Suspenso o mundo, e absorto
pasma em tal desassocego
maltratar hum surdo à hum cego,
que o seu direyto he ser torto:
pois quando vio Christo morto
com á lança ó investio,
e elle de cego sentio
de então toda a vista ter,
Longuinhos vio por não ver,
e elle cegou, porque vio.

/224/ [10]

E se pelo atrevimento
de tam grandes desaforos
merecem dous mil estouros,
não he castigo violento:
que se fora a meu contento,
os queymáram logo logo,
e não satisfaz meu rogo
ter sentená de agua fria,
que somente merecia,
que lhe puzessem o fogo!

11

Porem, Senhores, porem
he escusado o fallar,
nem mais pareceres dar,
ja que remedio não tem:
e se do degredo vem
e say seu intento a luz,
vinguem-se logo de hum plus,
que se governa athe o cabo,
guarde-se a cruz do diabo,

não o diabo da cruz.

/225/ Prezos

trez homens de quatro,
que por seu desenfado
costumavaõ a tirar pedradas
as janellas de Palacio,
hum delles por ser Mulato,
sahio a aóutar pelas ruas
e os dous foram para as galés.

Esta obra
fez o Poeta sendo estudante.

Decimas

Senhores: com que motivo
vos tentastes a fazer,
sem castigo algum temer,
hum excesso tam nocivo?
(dice o Algoz com passivo
à hum dos da carambolla,
quando ò leva pela gola)
e a gente, que ali se poz,
/226/ via a pê quedo o Algoz
muytas vezes dar a volta.

2

Nestas retiradas suas,
que fazia o tal madraço
sacodia lhe o espinhaço
c'um par de solletas cruas:
dava lhe nas costas nuas
palmadas tam bem dispostas,
que o Mulato co'as mãos postas
dice dos açoutes dados,

sendo dos mais os peccados,
eu somente os levo as costas.

3

A gente, que isto lhe ouvio,
por saber do caso atroz,
pedia muyto a o Algoz,
lho dicesse, e elle se rio:
finalmente prosseguio
a dizer o caso a huns poucos,
que de pasmo ficaõ moucos,
e alguns delles quasi mudos
/227/ de ver, que quatro sisudos
tomem officio de loucos.

4

Diz lhe mais o Algoz pascacio,
que sem terem nisso medras,
os quatro atiraram pedras,
à janellas de Palacio:
e que fazendo agarracio
dos trez, escapou só hum,
mas cuydando ser algum
dos mais ligeiros ao pezo,
fora, o que escapou de prezo,
mais ligeiro que nenhum.

5

Hum innocente agarrado³
foy tambem na travessura,
sendo que não faz loucura
moço tam bem inclinado:outro será castigado
pela ouzadia sobeja

³ Chamava se o Pescocinho pelo ter torto.

e porque este vulgo veja
(se com elle não se engana)⁴
fez, com que pela semana
não fosse o Domingo à Igreja
/228/ [6]

Estes outros dous, ou trez,
que se agarraram de noyte,
se escapáram do açoyte,
terám por certo galez:
haõ de sentir o revez
deste excesso, que fizeram,
pois elles assim quizeram:
mas vejo não sentirám,
se por castigo lhes daõ
ir para donde vieram.⁵

7

Vos, que do caso adversario
em seguro vos puzestes,
porque dos pés vos valestes
não sejais tam temerario:
Sede nisto imaginario,⁶
pois tam bem déstes à sola,
que se n'outra carambola
vos metteis co'amigo Bacco,
elle as vezes he velhaco,
dará com vosco em Angolla.

⁴ Chamava se Raposo.

⁵ Moravaõ junto a Ribeyra.

⁶ Era Imaginario.

/229/ A Trez

Mulatos

que por tirarem as espadas
contra huns Dezembargadores
foram a enforcar
atanazados, e esquartejados.

Decimas

1

Jogáram a espadilha
trez canzarrões co'a Justiça,
e como o demo os enguiça,
hiaõ sempre a cascarilha:
naõ achavaõ na cartilha
carta de geyto, ou feytio
para trunfarem com brio,
antes jogo tam nefando,
que hum quarto de hora jogando
perderam seis maõs a fio.

2

Naõ sendo de perder fartos
para o seu total destroço
perdido o dinheyro grosso,
perdéram tambem os quartos:
/230/ mas depois de azares artos,
viram os trez gozadores,
que a Justiça destra em flores
em jogando com maráos
sempre ganha com trez páos
os mayores matadores.

3

Ao tempo, que os trez sentiram,

que o tal jogo os embarranca,
todos se viram sem branca,
mas sem alva não se viram:
do jogo se despediram
sentido do espalhafato,
mas tam nús do esfolagato,
que de pura compayxaõ
lhes vestio a Relaçã
huma fralda de barato.

4

Tanto alí se entristeceram,
e tanto se tespássaram,
que à todos nos admiráram,
quando assim se suspenderam:
finalmente os trez morréram
huma morte tam veloz,
/231/ que ao veneno mais atroz
nenhuns tam presto acabáram,
como estes, quando cheyráram
as entre pernas do algoz.

5

Jogar sobre mesa raza
com seis Desembargadores,
isso não, que aos matadores
nunca deyxãõ fazer vaza:
se aos trez escaldou a braza,
aos mais sirva de exemplar,
e quando queyraõ jogar,
joguem, mas ao truque não,
que os trez paos da Relaçã
sempre he carta de ganhar.

6

Com Beccas qualquer joguinho
sempre he muy prejudicial,
pois com jogo tal, ou qual
sempre levaõ de codilho:
tem cartas de garrotinho,
porque tem cartas de agarro,
e os que imaginaõ, que he barro
jogar com Ministro inteyro,
/232/ se esperam rodar dinheyro,
haõ de rodar, sobre hum carro.

7

Vos, que na cidade vistes
tantos quartos, e tam artors,
entendey, que tam máos quartos
resultaõ de horas muy tristes:
e os que de vê-los fugistes,
crede, que a hora não tarda,
à quem a má sorte aguarda,
antes deveis de entender,
que toda a casa ha de arder,
à quem seus quartos não guarda.

8

Alerta Pardos do trato,
a quem a soberba emborca,
que póde ser hoje forca,
o que foy hontem mulato:
alerta, que o aparato
daquelle pendente pé,
que na parede se vê,
vos prega com voz sincera,
que se sois, o que elle era,

podeis ser, o que elle he.

/233/ A Hum Negro

de Andrede Brito
solicitador de suas demandas
gram trapasseyro, e alcoviteyro
chamado o Logra,
a quem hum Imaginario vazou hum olho.

Soneto

Está o Logra torto? He cousa rara!
Diz, que hum olho perdeo por huma puta;
Barato ó fez, que ha puta dissoluta,
Que me quer arrancar ambos da cara.
Olhem tam baratinho amor comprára,
Que hum olho he pouco preço sem disputa;
Se não diga-o Betica, que de astuta
Mais de huma duzia de olhos me almoçára.
Sahi desta canalha tam roido,
E deyxáram-me Harpias tam roubado,
Que não logrey da vista hum só sentido.
Naõ foy o Logra não mais desgraçado,
Porque posto que hum olho tem perdido,
O outro lhe ficou para hum olhado.

/234/ Ao Mesmo
Criollo,
e pelo mesmo caso.

Decimas

1

Estou pasmamdo, e absorto,
de que o Logra em qualquer pleyto
curasse do seu direyto,
e agora cure do torto:
elle fora muy bem morto,
porque outra vez não insista
ir, onde se lhe resista:
mas se n'outras occasiões
requeria execuções,
agora pedirá vista.

2

Hia o Logra perseguindo
pela rua de Sam Bento
certo calcanhar bichento,
e hia lhe a Negra fugindo:
quando a Daphne foy seguindo
apollo pastor de Admeto:
/235/ ella por alto decreto
em Louro transfigurou-se,
e agora desfigurou-se
ao Logra, que fica em preto.

3

A Negra sumio-se, e quem
não sabe na medicina,

que em se perdendo a menina,
se perde o olho tambem:
andou o Logra muy bem:
em perder o olho entãõ,
porque n'outra occasiaõ
saybaõ, que o Logra acertado
se co'a preta he desgraçado
com a branca he hum Scipiaõ.

4

Dizem as Putas por cá
com rostos muyto serenos,
que o Logra c'um olho menos
menos as vigiará:
mas quem naõ affirmará
neste azar, nesta agonia,
que as Putinhas da Bahia
ficaõ de melhor emprego,
/236/ que ás guiava hum Amor cego,
e já agora hum torto as guia.

5

Se he certo, que elle investia
as Damas, que acarretava,
quem com ólhos se cagava,
sem ólhos o que faria!
agora he, que eu temeria,
que elle me guiasse a Dama,
porque supposto que ás chama,
será para a sua estufa,
porque quem fechou a adufa,
trata ja de ir para a cama.

6

O Imaginario impío

quiz lhe o vulto reformar,
e em vez de ó aperfeyçoar,
botou-lhe a longe o feytio'
e no caso que saltasse,
quiz Deos, que o olho lascasse,
porque o Escultor estulto
ou corresse ao Logra o vulto,
ou de todo ó acabasse.

/237/ O Imaginario, que há
de todos tantas ventagens,
diz, que he mao para as imagens
o pao de Jacarandá:
mas que outra imagem fará
tam bella, e perfeyta, que
sirva entre as outras da Sé,
ou que de outro páo, que engenha,
fará hum Sam Miguel, que tenha
o demo do Logra ao pé.

8

O Logra ficou zarolho,
porque o homem na estacada
lhe deo tam boa pancada,
que foy pancada do olho:
correo logo tanto molho
pela cara, que ao cair,
quem foy ali acodir,
dice, que quando chorava,
o Logra, ao olho cantava =
ojos, que lo vieron ir.

9

Pelo seu olho gritava,
e quem ó naò entendia

/238/ outra cousa parecia,
que no olho lhe passava:
a demais gente, que estava
na casa atraz do rumor,
vendo o Logra em tanta dor
com o olho fora da cara,
cria, que era, o que ó vazára,
prateyro, e ão escultor.

10

Dizem por esta cidade,
que seu senhor enfadado
de ó ver torto, e desayrado
lhe quer dar a liberdade:
bom fora mette-lhe frade
na Arrabida, ou em Buçação,
onde vestido de sacco
dê graças ao Creador,
que em estado ó poz melhor
para ser mayor velhaco.

/239/ A Huma

Pendencia,
que teve o mulato Puringa
com hum Mouro na cadeya,
pela qual foy castigado:
estando o Poeta
nessa occasiã tambem prezo.

Decimas

1

Vendo tal desenvoltura,
como vay nesta cadeya,
quiz tambem a minha vea
fazer huma travessura:
inda a memoria me dura
dos mulatetes marãos,
quando entre desares mãos
o pobre do nosso Mouro,
indo jogar prata, e ouro,
sahio lhe o trunfo de páos.

2

Entre bem, e mal fadado
foy o Mouro em sua ley
/240/ baptizado por hum Rey,
por hum Mulato chrismado:
elle ficou estirado,
vendo tanta matinada
de huma pendencia causada;
e eu quasi fiquey absorto,
de que vendo hum Mouro morto
ninguem lhe desse a lançada.

3

Com sair-lhe o anno máo,
diz elle, que outro tal venha,
pois será anno de lenha
hum anno de tanto páo:
O Mouro he muy vaganáo,
e he tal o descoco seu,
que mal da terra se ergueo,
tam desaforado está,
que diz, que se lhe não dá
do muyto, que se lhe deo.

4

O Quiringa valentaõ
por urdir esta pendencia,
se não ganhou indulgencia,
teve hum anno de perdaõ:
/241/ poz-se em pê o velhacaõ
recebendo as alabanças,
e eu entre tantas mudanças
a guitarra lhe cantey =
servio na Moxinga a El Rey
un Quiringa con dos lanças.

A Domingos

Nunes deo Couto
visinho do Poeta
à quem burláram huns amigos
fingindo-se officiães de Justiça,
e batendo estrondosamente na porta,
elle como criminoso fugio pelo quintal
fazendo, e padecendo tudo,
o que o Poeta pinta.

Decimas

1

Hontem sobre a madrugada
à porta do meu visinho
foy bater certo meyrinho
com toda a justíá armada:
/242/ O visinho a matinada
de tam grande reboliço,
quiz logo erguer o toutiço,
mas não deo passo o coyado,
que ficou esbabacado,
porque era tudo feytió.

2

A hum bater tam porfiado,
que elle attento porfiou,
quando se desenganou,
entaõ foy mais enganado:
cuydou, que era ja tomado
da Justiça, que madruga:
ergue-se, dizendo esbruga,
e tendo por justa causa
cantar lhe a turba sem pausa,

lhe quiz responder com fuga.

3

Cerca, cerca o aposento,
e apenas elle ouviu tal,
tinha varado o quintal
sua pê como huma vento:
achou por impedimento
espinhos de hum limoeyro,
/243/ hum bosque, hum tronco, hum madeyro,
e tudo isto quanto achou,
hum só Nunes arrastou,
como se fora hum Ribeyro.

4

Com tanto medo no rabo
ó levou com mil pezares
a Justiça pelos ares,
como se fora o diabo:
achando-se ja por cabo
no mar entre mil cardumes,
hoje faz muytos queyxumes
aos fratellos, e fratellas,
de que tem dor de canellas,
sem ninguem lhe dar ciumes.

5

Sobre isto teyma, e porfia
da dor entre os desatinos,
que com tam maos Theatinos
naõ quer fazer companhia:
que de noyte, nem de dia
ha de ir aos homeziados,
e a mais que venhaõ soldados,
antes ir prezo se atreve

/244/ do que por culpa tam leve
Soffrer brincos tam pezados.

6

Naõ remoquéa as escuras,
mas diz muyto claramente,
que antes prezo á huma corrente,
que soffrer estas solturas:
quyxa-se em tais desventuras
ao çurgiaõ, e ao Barbeyro,
dizendo por derradeyro
lastimoso, e lastimado,
que o chasco ó tem tam picado,
que lhe creára hum unheyro

7

Queixa-se, de que á May velha
lhe nascesse nesta festa
hum bom corno sobre a testa
como vacca, sendo ovelha:
a May como velha relha
estâ sobre a testa inchada
de praguejar tam cançada,
que diz, que antes de morrer
sobre o lobinho ha de ver
a justiça justiçaada.

/245/ [8]

Curando-se o Filho estava,
a casa se confundia,
a criolla lhe carpia,
e a tal velha praguejava:
tudo em confusaõ andava,
o ferido a se curar,
a criolla a trabalhar,

o Çurgiaõ a ir, e a vir,
toda a Justiça a se rir,
quando a velha a praguejar.

A Certo

Homem

que estando com huma Dama
à não dormio,
por vir huma luz nessa occasiã
ficandose com hum anel
da mesma Dama

Decimas

1

Amigo, a quem não conheço,
inda que amigo vos clamo,
/246/ pois no desar, com que amo,
à vos tanto me pareço:
bem alcanço, e reconheço,
qual he a força do destino,
mas se o desar mais mofino
estorva a luz da razaõ,
como à luz de hum lampeaõ
perdeis da ventura o tino.

2

Naõ duvido, que sejais
avechuxo de Noruega,
se mostrais, que a luz vos cega,
perdendo, o que à luz buscais:
ave nocturna cortais
a sombra mais denegrida,
e à luz, que he vossa homicida,
perdeis (estranho rigor)

emprego, dama, e favor,
esperança, amor, e vida.

3

Que Madama, ou que Senhora
tendes tam pouco brilhante,
se vemos, que todo o amante
sua Dama he sua aurora!
/247/ eu cuydava, que ha hora,
que hum amante a Dama via,
nessa hora lhe amanhecia;
e a vossa Dama chegou,
mas nem tocar-se deixou,
por falta da luz do dia.

4

He verdade, que a candeya
rompeo da noyte o capuz,
mas day vos ao demo a luz,
que estorva, e não alumea:
day ao demo a luz, que athea
para o damno vos urdir;
a luz sirva de estorvar,
luza para alumiar,
e não para descobrir.

5

E se a luz o vé nocturno
rompeo por vos dar na treta,
de Venus não foy cometta
foy influxo de Saturno:
se de hum Planeta diurno
rayo de luz campeáva,
/248/ nem gostos vos estorvára,

nem, quem ereis, descobrira,
mas a Muça, se enxerira,
e algo mas se beliscára.

6

E seu dono, que aguardava,
qual vigia sempiterna,
naõ vira à luz da lanterna,
se ella vinha, ou se ficava:
e em quanto se apolegava
essa pera mal madura,
assim pela noyte escura
ficàra a Moça sincera
derretida como cera,
batida como custura.

7

Mas vos sobre tanto annello
ficastes em tal desdouro
com anel, que se era de ouro,
era anel do seu cabelo:
quiz pagar-vos o desvello
de perder aquella gloria
tam breve, e tam transitoria,
e porque lembre o successo
/249/ tam infausto, e tam avesso,
volo deyxou na memoria.

8

Vos a prenda recebestes,
e vendo a perda tam clara
da luz, que vos desgostava,
por ella vos esquecestes,
e faltastes na verdade
do amor a sinceridade,

pois a Moça, não lograstes,
e a memória lhe tomastes
em desconto da vontade.

A Outro

sugeyto

que lhe succedeo o mesmo

por vir hyma Thia.

Decimas

1

Senhor soldado donzello,
a quem custa mais fadiga
/250/ dormir huma rapariga,
do que ganhar hum castello:
se o pistolete he de orello,
e anda sempre desarmado,
crede, que sois mao soldado,
porque na venerea classe
vay pouco, que a velha enbasse,
se o moço tivera entrado.

2

Supponho, que a Thia entrasse,
e viesse logo a Avó
dereis vos o vosso nô,
e a velha, que ò desatasse:
se acaso vos assaltasse
na vossa cama, ou retiro
todo hum exercito em giro,
e armado lhe apparecereis,
vos algum risco correreis,
mas darieis vosso tiro.

3

Assim mesmo conjecturo

nos recontros de Cupido,
trazey vos o perro erguido,
que o tiro eu volo asseguro:
/251/ Se vos ó tivereis duro,
e foreis fazendo ilhoz
nas Mocas, que estavaõ sós,
a fê que o não taparia
Avó, nem menos a Thia,
dez Thias, nem trinta Avos.

4

Vos conversando, ella rindo
se perde do logro a era:
que importa, que a Avó viera,
se vos vos tivereis vindo?
como estais sempre cumprindo
com ceremonias crueis,
por isso sois, e sereis,
(perdendo contentamento)
hum homem de cumprimentos,
porem nunca cumprireis.

5

Dizem, que quem perde o mez,
com tudo não perde o anno,
mas este caso magano
perde o anno, que perde a vez:
/252/ já vos, por seres mâ rés,
perdestes n'outra hora a sorva:
sempre achais, quem vos estorva,
e perdestes a occasiaõ,
sem que houvesse velha entaõ,
que vos mijasse na escorva.

6

Amigo, a pura verdade
he, que a velha do socrocio
naõ desfez este negócio;
bem ó faz a mocidade:
culpaya vossa frieldade,
que a velha naõ fez o daõ,
e se naõ por desengano,
e contra o mal das Avós
tomay quentarida em pós,
ou mettey-vos franciscano.

/253/ A Outro

sugeyto
que estando varias noytes
com huma Dama,
à não dormio,
por não ter potencia;
e lhe ensináram,
que tomasse por baxo
humas talhadas de limaõ,
e metteo quatro.

Decimas.

1

Tal desastre, e tal fracasso
com razaõ vos chega ao vivo,
que eu não vi nominativo
com taõ vergonhoso caso:
do Oriente athe o occaso,
desde o Olimpo athe o Baratro,
do Orbe por todo o theatro
se diz, que sois fraca rez,
porque as trez o demo as fez,
mas vos nem trez, nem as quatro

/254/ [2]

Quatro noytes de desvello
fostes passar com Joanna,
tocáram-vos a pavana,
baylastes o esconderello:
hum homem do vosso pêllo
que dirà em tal desvario,
senaõ que foy tanto o frio,
tanto essas noytes ventou,

que a cera se não gastou
por não pegar o pavio.

3

Isto he para insensatos,
não para os gattos deley,
nem para mim, quem bem sey,
que o frio he, que aresta os gattos:
deyxemos esses recatos,
demos na verdade em cheyo,
o que eu presumo, e o que creyo,
he, que era alheya a mulher,
e a vossa porra não quer
levantar-se com o alheyo

4

Vos quereis adrede errar,
porque nos alheyos trastes
/255/ huma vez que vos deytastes,
força será levantar:
se vos não haõ de emendar
estas liões do Gandú,
day a porra à Bersabú,
que não presta para o alho,
ou tomay esse caralho,
mettey-o, amigo, no cú.

5

Engano foy de capricho
a emizinha do limaõ,
pois a cura do pismaõ
he huma, e outra a do bicho:
para entezar esse esguicho,
e endurecer esse cano
o remedio he hum saca mano,

e se sois de fria casta,
e nada disto vos basta,
sêde frade franciscano.

6

Metter hum limaõ sem tedio
no cû, he cousa de bruto,
he remedio para puto,
naõ para as putas remedio:
/256/ em todo o antartico predio
naõ se vio tal asnidade,
porque se na realidade
sois tam frio fodedor,
como curais o calor,
se enfermais de frialdade.

Ao Celebre

Fr. Joannico

compreendido em Lisboa
em crimes de sodomita.

Soneto

Furaõ das tripas, sanguixuga humana,
 Cuja condiçãõ grave, meyga, e pia,
 Sendo cristel dos souts algum dia,
 Hoje orinol dos prezos vive ufana.
Fero algoz ja descortez profana
 Sua imagem do nicho da enxouvia,
 Que esse amargoso trage em profecia
 Com a lombriga racional se daña
/257/ He Joannico fatal, em que oroscopos,
 ou porque à costa, ou porque avante déste,
 Da camandola Irmaõ quebraste os copos.
Em fim Papagayo humano te perdeste,
 Ou porque em fim darias nos cachorros,
 Ou porque em culis mundi te metteste.

**/258/ DESENVOL
TVRAS**

do Poeta
na villa de Sam Francisco
Cajaiba, Pernamerim etc.

Chegado

ali o Poeta
com Thomaz Pinto Brandaõ
conta, o que passou com Antonica
huma deshonesto meretriz.

Soneto

Chegando a Cajaiba vi a Antonica,
E indo lhe apolegar, dice-me caca,
Pritou Thomaz em tono de matraca
Bú bû pela mulher, que foge a pica.
Eu, dice ella, naõ sou mulher de crica,
Que assomo como rato na buraca,
/259/ Quem me lograr hade ter boa ataca,
Que corresponda ao vazo, que fornica.
Nunca me fez mister dizer, quem merca,
Porque a minha belleza he mar, que surca
Alto baxel, que traz cutello, e forca.
E pois vosse tem feyto, comque perca,
Diga essas confianças à sua urca,
que eu sey, que em cima de urca he puta porca.

/259/ Encontro

que teve com outra
muy alta, corpolenta, e desengraçada.

Decimas

1

Muy alta, e muy poderosa
Rahinha, e senhora minha,
por poderosa Rainha,
senhora por alterosa:
permitti, minha formosa,
que esta proza envolta em verso
de hum Poeta tam perverso
se consagruê à vosso pê,
/260/ pois rendido à vossa fé
sou ja Poeta converso.

2

Fuy ver-vos, vim de admirar-vos,
e tanto essa luz me embaça,
que aos rayos da vossa graça
me converti a adorar-vos:
servi-vos de apiedar-vos,
idolo d'alma adorado,
de hum misero, de hum coychado,
à quem só consente Amor
por galardaõ hum rigor,
por alimento hum cuydado.

3

Day-me por favor primeyro
ver-vos huma hora na vida,
que pela vossa medida

virà a ser hum anno inteyro:
permitti, belo luzeyto
à hum coração lastimado,
que por destino, ou por fado
alcance hum signal de amor,
que sendo vosso o favor,
Terá por força estirado.

/261/ [4]

Fodamonos, minha vida,
que estes são os meus intentos,
e deyxemos cumprimentos,
que arto tendes de cumprida:
eu sou da vossa medida,
e com proporção tam pouca
se este membro vos emboca,
creyo, que à ambos nos fica
por baxo crica com crica,
por cima bocca com bocca.

Disparates
na Lingua Brazilica
à huma cunhãa,
que ali galanteava por vicio.

Decimas

1

Indo a caça de Tatús
encontrey Guatimondé
na cova de hum Jacaré
tragando treze Teyuz:
eys que dous Surucucus
/262/ como dous Jaratacacas
vi vir atrza de humas Pacas,
e a não ser hum Pereâ
creyo, que o Tamanduá
não escapa as Gebiracas.

2

De massa hum tapití,
hum cofo de Sururús,
dous puças de Bayacús,
Samborá de Murici:
com huma raiz de aypi
vos envio de Passê,
e enfiado n'um embê
Gayamû, e Cayaganga,
que saõ de Jacaracanga
Bagre, timbô, Inhapupé.

3

Minha rica cumari,

minha bella camboatá
como assim de Pirajá
me desprezas tapiti:
naõ vedes, que murici
sou desses olhos timbô
amante mais que hum cipó
/263/ desprezado Inhapupé
pois se eu fora zabelê
vos mandára hum Miraró.

A Huma

Dama,
que mandando-a o Poeta solicitar
lhe mandou dizer,
que estava menstruada.

Romance

O teu hospede cateta,
foy muy atrevido a vir
o tempo, que hey de mister
o aposento para mim.
Naõ vou topar-me com elle,
porque havemos de renhir,
e hade haver por força sangue,
porque he grande espadachim.
Tu logo trata de pór
fora do teu camarim
hum hospedede caminheyro
que anda sempre a ir, e vir.
/264/ Hum hospede impertinente
de mao sangue, villaõ ruim
por mais que cardeal seja
vestido de carmezim.
Despeje o hospede a casa,
pois lhe naõ custa hum ceutil,
e á occupa de ordinario
sem pagar maravedi.
Naõ tenhas hospede em casa
tam ascaroso, tam vil,
que athe os que mais te querem,
fujaõ por força de ti.

Hum hospede aluado,
e sugeyto a frenezis,
que em sendo quarto de lua
de fina força hade vir.

Que diabo hade soffrê-lo,
se vem com tam çujo ardil
a fazer disciplinante,
quem foy sempre hum Serafim?

Acaso o teu passarinho
he pellicano serril,
que esteja vertendo sangue
para os filhos, que eu não fiz?

/265/ Va-se o mez, e venha o dia,
em que te vá entupir
essas crueis lancetadas
com lanceta mas subtil.

Deyxa ja de ensanguentar-te,
porque os peddados, que eu fiz,
não he bem, que pague ensangue
o teu passaro por mim.

A Huma
Negra
que tinha fama de feyticeyra
chamada
Luiza da Prima.

Decimas

1

Dizem, Luiza da Prima,
que sois puta feyticeyra,
no de puta derradeyra,
no de feyticeyra prima:
grandemente me lastîma,
que troqueis as primazias
/266/ à lundús, e a putarias,
sendo-vos melhor ficar
puta em primeyro lugar,
em ultimo as bruxarias.

2

Mas he certo, e sem disputa,
que isso faz a idea vossa,
pois para bruxa sois moça,
e sois velha para puta:
quem os annos vos computa,
e a idade vos arrima,
esse a fazer vos anima
pela conta verdadeyra,
no de feyticeyra prima.

3

Esta he forçosa occasiaõ,

de que occasiã vos passêe,
porque he força, que machêe
hum cassaõ a outro cassaõ:
emquanto a fornicaciã
ó fazeis naturalmente,
e quanto a engeytar a gente
he tanto, o arteficio, e tal,
/267/ que exercendo o natural,
obrais endiabradamente.

4

Isto supposto, Luizica,
vos digo todo medroso,
que deve ser valeroso
o homem, que vos fornica:
porque se vos cõmunica
toda a noyte com sojornos
ordeno dos caldos mornos
com seu priapo a faisca,
a fe que à muyto se arrisca,
quem poem ao diabo cornos.

5

Dormi c'õ diabo a destra
e fazeylhe o revoltado,
porque o mestre do peccado
tambem quer a puta mestra:
e se na torpe palestra
tiveres algum desar,
naõ tendes, que reparar,
que o diabo, quando embocca,
nunca dá a beyjar a bocca,
e no cú o heis de beyjar.

/268/ [6]

Se foy vazo de elyçaõ
Sam Paulo a passos contados,
vos pelos vossos peccados
sois vazo de perdiçaõ:
toda a praga, e maldiçaõ
no vosso vazo hade entrar,
e à tal termo hade chegar
elle vazo sempiterno,
que hade ser da vida inferno,
onde as porras vaõ parar.

Anatomia
horrorosa
que faz de huma Negra
chamada
Maria Viegas.

Decimas

1

Dize-em, Maria Viegas
qual he acausa, que te move
a querereres, que te prove
todo o home, á qume te entregas?
/269/ ja mais à ninguem te negas,
tendo hum vazo vananao,
e sobre tudo tam nao,
que affirma toda a pessoa,
que ò fornicou ja, que enjoa,
por feder a bacalhao.

2

Se tu sabes, o que he
o teu vazo furta fogo,
como tens tal desafogo,
que te pespegas em pê?
dizem, para Marapé
fugíra o triste Sylveyra
por ver, que a tua trazeyra
estâ tam correspondente
ao vazo, que juntamente
serra huma, e outra fronteyra

3

Tu, me dizem, que fretaste

ao galante de antemaõ,
e que natal occasiaõ
tambem foste, a que ó chamaste:
o teu intento lograste:
mas podias advertir,
/270/ que naõ era bem dormir
(Tendo tu hum) com quem
te cataneasse bem,
como podes inferir.

4

Vendo-se tam persiguido
o pobre do peccador,
naõ deyxou de ir com temor
por ver, que tens vazo ardido:
e assim de pouco sofrido,
vendo-se quasi atolado
se safou desesperado,
e diz, que tem grande magua,
que havendo nelle tanta agua,
sempre esteja emporcalhado.

5

Diz, que achou tal apicú
tam tremendo, e temerário,
que só membro extraordinario
abalaria esse cú:
com gelras de Bayacú
(diz) que se farta o teu Tordo,
e assim que vazo tam gordo,
tam grande, e com tal bocayna
/271/ busque mayor parterayna,
que eu por isso he, que vos mordo.

6

Diz, que sois como hum Xampraõ,
que nem esporas de pua
foram bolir tal xarrua
com vezes de galeaõ:
se fincas o cú no chaõ,
como, puta, te offereces?
e se à todos ruim pareces,
deyxa ja de fornicar,
que se elles te vaõ buscar,
he porque ós favoreces.

7

Diz mais, que quando acabaste,
dêste peydos tam atrozes,
que começou a dar vozes
por ver, que te espeydorraste:
e que tambem lhe rogaste,
de pois de se ter tirado,
te fornicasse virado,
pois de costas não podia,
porque, quem tanto bolia,
era força estar cançado.

/272/ [8]

Saiste toda com susto,
e vendo ao triste queyxa,
te puzeste a escutar,
pois se queyxava tam justo:
nada tem elle de injusto,
antes a metade calla,
e so a mim me regalla
dizer, que atoláva inteyro,
se à hum ramo de araçazyro
se não pegára por gala.

9

Guardaste triste merenda
para o triste do coyado,
que ficou tam enjoado,
que promette ter emenda:
e com tam grande kalenda
se veyo de ti queyxando,
que toda a gente pasmando
está, de ver, que o teu vazo
he a fonte do Parnaso
nas aguas, que está manando.

10

Ao burlesco será cono,
ao tedesco Xancarona,
c'uma crica de azeytona,
onde encrica todo o mono:
da qui a razaõ entono
para te satyrizar,
e se outra vez pespegar
quizeres, busca, garoupa,
quem no vazo entupa a roupa,
se a roupa ó pôde entulhar.

11

Anda a triste fralda tal,
tam idionda, e molhada,
que so póde ser corada
com fogo de Sam Marçal:
considere cada qual,
o que o Moço passaria
ao ver-se na estribaria
da quelle tremendo vazo,
que joga rasteyro, e razo

tam nojenta artelharia.

12

Naõ terás vergonha, puta,
de com tam ruim pentelho,
sobre seres vazo velho,
tomes a cappa de enxuta?
/274/ es puta tam dissoluta,
que diz o Moço enjoado,
que ja ficou ensinado,
e nunca mais te veria,
porque sempre d'agua fria
há medo o gatto escaldado.

A Huma

Dama

por nome Maria Viegas,
que fallava fresco,
e corria por conta
do Capitão Bento Rabello
seu amigo.

Romance

Senhora cotta Vieyra,

Deos me não salve a minha alma,
se vos não me pareceis
huma linda, e gentil dama.

Tam risonha como a Aurora,
tam alegre como a Pascoa,
mais bellicosa, que o fogo,
e mais corrente, que a agua.

Ficara como nascida
na picardia de França,
e assim Franceza nas obras,
Portugueza nas palavras.

Tudo chamais por seu nome
tam propriamente, tam clara,
que ao como lhe chamais cono,
chamais caralho à caralha.

Malditas da maldição
de Deos sejaõ as tavascas,
que de surradas nas obras,
poem de bioco as palavras.

Ha cousa como chamar,

o que huma cousa se chama,
porque sirva de sustento
à luxuria, que desmaya!

Ha cousa como fallar,
como o Pay Adaõ fallava,
pam por pam, vinho por vinho,
e caralho por caralha!

Quem por o nome de crica
à crica, que se esparralha,
/276/ Senaõ nosso Pay Adaõ,
quando com Eva brincava?

Pois se poz o nome às cousas
o Pay da nossa prozapia,
porque Deos lho permittio,
nos porque hemos de emendâ-las

Mas tornando ao vosso garbo,
sois, Maricas, tam bizarra,
que estive nem mais nem menos
por vos dar apicalhada.

Tive de baxo da lingua
o pedir-vos huma lasca
da nata do vosso cono,
se he, que tem codea essa nata.

Quando a culatra vos vî
tam tremenda, e rebolada,
metti logo a mão à porra,
e estive saca, não saca.

Mas reverente adverti,
que ali o capitaõ estava
senhor das minhas acções,
e dono da vossa casa.

Porque inda que sempre diz,

que assentou com vosco a espada,
/277/ eu creyo, no que Deos dice,
naõ no que hum berrante falla.

Quem, o que deve à hum amigo
em respeytos lhe naõ paga,
naõ he amigo, nem homem,
he huma besta assalvajada.

Mas andar, foda elle embora,
isso naõ importa nada,
teremos amores secos,
seco he o biscouto, e campa.

Fallaremos sempre aos môlhos,
e riremos as canadas,
folgaremos, que amor seco
sem molhar beyço se passa.

Irey conversar com vosco,
e a reverenda Madrasta
entre os pontinhos que der
metta sua colherada.

Assim se passa huma vida
tam santa, e tam ajustada,
que ganharemos o céu
na sacra via as braçadas.

Meus recados à velhinha,
outros tantos à Mulata,
/278/ a Negrinha da corrente,
e as vossas Damas pintadas.

A Mesma
Maria Viegas
Sacode agora o Poeta
estravagantemente,
porque se espeydorrava muyto.

Decimas

1

Dizem, que o vosso cú, Cotta,
assopra sem zombaria,
que parece artilharia,
quando vem chegando a frota:
parece, que està de aposta
este cú a peydos dar,
porque ja mais sem parar
este grãm cú de enchemaõ
sem pederneyra, ou murraõ
està sempre a disparar.

2

De Cotta o seu arcabuz
/279/ apontado sempre está,
que entre noyte, e dia dá
mais de quinhentos truz turz:
naõ achareis muytos cú
tam promptos em peydos dar,
porque ja mais sem parar
faz tam grande bateria,
que de noyte, nem de dia
póde tal cú descançar.

3

Cotta, esse vosso arcabuz

parece ser encantado,
pois sempre està carregado
disparando tantos truz:
arrenego de tais cúis,
porque este foy o primeyro
cù de Moça fulieyro,
que tivesse tal saída
para tocar toda a vida

por folle de algror ferreyro.

/280/ Celebra

a carreyra
que deo hum cabocolo
à hum sugeyto,
que achou
com huma negrinha Angolla,
com quem elle fallara.

Decimas

1

Arre lá c' o Aricobé,
como elle he corredor,
porque fiz c' o peccador,
o que ja com Sam Thome:
o pobre teve bom pê,
e esta parte não he má,
pois se ao chichello não dá,
e no fugir não insiste,
creyo, que diria o triste,
se isto assim he, arre lá!

2

O pobrete in advertido
de avançada tam medonha
/281/ diz, que não tendo vergonha,
só então se vio corrido:
e sendo a pulos seguido
do cioso Payayá,
sem dizer cobé, nem pâ,
gritava por toda a rua,
se te deyxo a femea tua,
que me queres? arrela.

3

Naõ deo por isto o Tapuya
cortezaõ do Santo Sê,
que apertava mais o pê,
só para lhe dar na cuya:
vendo o pobre esta alleluya,
que tanto susto lhe dá,
ajuntava a perna à pâ
para mais veloz correr,
que quanto isto de morrer
faz muy mao cabelo cà.

4

Nada disto lhe valeo,
nem o dar tanta passada,
porque quando nada nada
alguma cousa lhe deo:
/282/ na fugida naõ perdeo,
mais que o que se fallarà:
sebem, que mais sentirà,
que se diga em todo o anno,
que o Tapuya de humano
sabe mais do que carà.

5

O Frecheyro a pouco custo
dizia, porque he magano,
o cam livrou-se do dafio,
mas naõ se livrou do susto:
irracionalmente injusto
o vulgo me chamará.
mas eu pouco se me dà,
porque no caso presente
quiz, que conhecesse a gente,
se he gente o Barabauâ.

6

Naõ he de beyço furado
o cabocolo maligno,
que me pareceo menino
So em ser demaziado:
se bem, que por ter gostado
do que qualquer gostarà,
/283/ quem ò desculpe, haverà,
no cometer este excesso,
que eu também morro (confesso)
por este c' o mangarà.

7

Com que afagos a negrinha
ao pobrete trataria,
huma onde se lhe hia,
e outra onda se lhe vinha,
medrosa estava a pretinha,
que nunca a cor mudarà,
e como naõ era mã,
que à qualquer outra acontece,
naõ quiz o pobre morresse
entre mil soluços cá.

8

Este gostilho roubou
o Tatû do Carapay,
pois sem dançar o chegay,
no pobrezinho chegou:
porque logo que os achou
hum de là, outro de cà,
dice a ambos arrelá,
na minha casa, velhaca,
/284/ vos tira cá o meu faca,

minha comer catucá.

9

A negra, que nisto estava,
ja que fazer não sabia,
porque se de hum gosto ria,
tambem de hum susto chorava:
desta maneyra gritava =
Pa hî nà matâ, a la là,
aqui sá tu mangalà,
sayba Deos, e todo o mundo,
que me inquizolo mavundo
mazanha, mavunga, e má

10

O Tapuya he muy valente,
pouco digo, valentaõ,
pois no centro do certaõ
fez ja fugir muyta gente:
e se na occasiaõ presente
se diz, que costas viráva
(cousa, em que qualquer repara)
he, pois que a discursar entro,
porque fora do ceu centro
ja mais cousa alguma pâra.

/285/ [11]

Tambem diz, que se deo costas
ja depois do susto feyto,
foy, porque certo sugeyto
de ó prender fazia apostas:
entre pergunta, e respostas
diz mais, que fugíra só,
porque na garganta hum nó
(que este bem cego seria)

se lhe punha, quando ouvia
aripotá treminó.

12

Ao cabocolete iniquo,
antes que em rayva se engafe
lhe fez o cù tafe tafê,
e a bunda fez tico tico:
estava feyto hum Perico,
porque aqui, e ali se escanCHA,
sentindo-se muyto a mancha,
de quando prezo ó levavam,
dos rapazes, que gritavaõ,
pois que he isso? vay na lancha!

/286/ A D. Maria

Sobral

que sendo lhe pedida do Poeta
huma arroba de carne
de huma rez, que matára,
respondeo, que lha fosse tirar
do olho do cu.

Decima

Oh tu, oh mil vezes tu,
que se huma arroba de vacca
te pedia, es tam velhaca,
que m'a offrêces do teu cú:
essa carne a Bersabú
a devias dar em pô,
à mim não, porque em meu pró
não me atrevo a escolher
nem teu cú pelo feder,
nem pelo podre o teu có.

A Hum

Cabra da India
que se agarrava à esta Martha
vivendo de enganar
por feyticeyro
à suas escravas, e a outros.

Decimas

Veyo da infernal masmorra
hum cabra, que tudo cura,
às Mulatas dà ventura,
aos homens augmenta a porra:
acodio toda a cachorra
a tratar do seu conchego,
e o cabra pelo pespego,
tanto à todos melhorou,
que aos amigos lhes deyxou
as porras com seu refego.

2

Tanto cada qual se estira
nos refegos, que trazia,
que nos canos parecia
/288/ oculo de longa mira:
porem a mim não me admira,
que esta, e aquella putinha
dêsse a saya, e a vasquinha
pela cura, e pelo enredo,
senão que rompa o segredo
para perder a meyzinha.

3

O Cura soube da cura,

ca o cêo levantando as palmas
dice, que em curar as almas
elle somente era o Cura:
e porque de accusar jura
ao cabra das pataratas,
e em consequencia às Mulatas,
ellas ao Cura teméram,
e como a cura perdéram,
ficáram muyto malatas.

4

Sobre isto houve matinadas,
fostes vos, e não fuy eu,
o cabra a vida perdeo,
e ellas estaõ mal curadas:
as porras acrescentadas
/289/ estaõ na sua medida,
a meyzinha està perdida,
o dinheyro se gastou,
e porque Chica faltou,
anda de medo fugida.

5

Houve grande desafio
do sitio para a Catalla,
na Antonica não se falla,
que emfim foy moça de brio:
vio-se pendente de hum fío
quasi a Cajaíba toda,
e o que à mim mais me accomõda,
he, que vaõ durando as rinhas,
e arranhem-se as Mulatinhas
sobre a questaõ de huma foda.

6

A Custodia, e Antonica
se mataõ, porque se invejaõ,
naõ me espanto, pois pellejaõ
sobre mais, ou menos pica:
o que a medicina applica
ao mal da fodengaria
he, que à cada huma o seu dia,
/290/ se dê para pespegar,
porque saybaõ conjugar
tufodias, e eu fodia.

Morto

o Cabra

lhe faz o Poeta o testamento
na maneyra seguinte

Romance

Eu Pedro Cabra da India,
que me sinto morrer ja
de huma doença, que Deos
foy servido de me dar:

Naõ sabendo a hora certa,
em que Deos me levarà,
se he possivel, que Deos leve
hum feyticeyro infernal:

Posto a gineta na cama,
se he cama huma cama tal
feyta de taboa, e tabûa
huma dura, outra molar:

/291/ Em meu perfeyto juizo,
que Deos me deo tal, ou qual
faço este meu testamento
solemne de se contar.

Primeyramente declaro,
que sou cabra oriental
filho da Igreja Romana
por cerimonia naõ mais.

Creyo na Trindade Santa,
porem creyo muyto mais
na trindade das Mulatas
de Nona Martha Sobral:

Nas quais espero salvar-me

principalmente na Irmã
mais velha, que chamaõ Quita,
que he jangada universal.

Deyxo muyto encomendado
ao vigario do lugar,
que não me enterre em sagrado,
que interdito ficará.

Não porque vá excomungado
por bulla alguma papal,
pois sempre vivi faminto
de papas, e cardeães.

/292/ Mas não quero, que me enterrem
na Igreja parochial,
porque fico muyto perto
da quattrinca cavallar.

E temo, que a meya noyte
me venhaõ desenterrar
este miseravel corpo
com unhas, e com queyxais.

Este miseravel corpo,
que sendo tam natural,
querem, que seja feytiço,
e feytiço hade ficar.

Com que huma, e mil vezes peço
ao Cura, que he tam sagaz,
pois haõ de fazê-lo em caldos,
que ó mande lançar ao mar.

Lá o comaõ caranguejos,
que ver será menos mal
hum homem nos caranguejos,
que os homens caranguejar.

E se enfeytiçar os peyxes,

comendo o meu rozalgar,
com peyxes enfeytiçados
que mal às Quitas irà.

/293/ Ao priscar de olho
os mandarà Quita entrar,
e ao que naõ deytar com sigo
ao menos ó escamará.

A casa se verá farta,
e de sorte abundará,
que descance a cajaiba,
e as negras de mariscar.

Irà crescendo nas honras
Mandû caraça, que ja
se jacta de ter chunhado
tam fidalgo, e tam galan.

Porque me dizem, que diz,
muyto devo à minha Irmãa,
que se dorme c'um fidalgo
só por mais me auctorizar.

Naõ serey vil pescador,
ninguem me verá jamais
sobre a proa em cilourinhas
deshonrando tais Irmãas.

Mil honras devo à Maranna,
que se veyo amancebar
no segundo anno de puta
c'um fidalgo principal.

/294/ Outro tanto devo à Quita,
que lhe soube aconselhar,
ensinando-lhe os maneyos,
de que he mestra, e capataz.

E a boa da rapariga

(muyto póde o natural)
sendo hum ranho, huma crinhaça
sahio puta singular.

Tal conta se tem consigo,
que sabe as noytes contar,
em que lhe falta a rassaõ
e hum pleyto por ella faz.

Mette lhe a maõ na barguilha
ao mano, que dorme já,
e quer queyra, quer naõ queyra,
a tamina hade de pagar.

Sobre isto há muyta galhofa,
que (bem dito Deos) tem já
Maranna tanta gracinha,
que aos mortos enfadará.

Mas tornando ao testamento,
que me importa ja acabar,
porque anda a morte de ronda
com mil demonios atraz:

/295/ Quero herdeyro instituir,
pois sey, que naõ valerá
sem instituiçaõ de herdeyro,
conforme o Maranta o traz.

Instituo à Quita emfim
por herdeyra universal
dos moveis, e das raizes,
que ganhey com Satanaz.

O meu cabaço das ervas
cumbuca de carimã,
a tigella dos angús,
a tacho de aferventar.

O surraõ de pelle d'onça,

que tudo cheyo achará
de cousas muy importantes
para ventura ganhar.

O braço de hum enforcado,
dous dentes, quatro queyxais,
buço de lobo mavinho,
sangue de Pomba trocaz:

Hum olho de gallo preto,
cabo de touro negral,
as enxordias da rapoza,
a caquinha de hum rapaz
/296/ Mijo de velha zoupeyra,
ramella do lagrymal
de Negro torto, e cambayo,
Pinharoz, e Mangará.

Que tudo isto val hum reyno,
se ó souber aferventar
nas noytes de Sam Joaõ
por adros, e por quintais:

Na forma, que lhe ensiney,
quando me vinha chupar
a pica todas as noytes,
the que vinha arrebentar.

Querendo a pica me chupava,
e Antonica por detraz
nos companheyros pegava
para o cano indereytar,

Maranna se punha a rir,
mas tratava de ajudar
à antonica, se cançava
c'o pezo de dous quintais.

E quando entrava Frabel,

como sentia cheyrar
o fervedouro das ervas,
que no fugareyro esta:

/297/ Como he golosa de tudo,
quanto aos outros vê mascar,
the dava com seu remoque,
que belho, e que lindo está.

Como embruxado acabey,
chupado pelo canal,
sendo hum cabra tam mirrado,
que não tinha, que chupar.

Mas eu lhe perdoò à Quita,
porque me quero salvar,
e porque como aprendia,
chupava, que chuparás.

A minha benção lhe deyxo,
e à encomento à Barrabás,
que à tenha na sua graça
para seu gozo alcançar.

Com isto tenho acabado
meu testamento, e me apraz,
que me cumpra inteiramente

minha herdeyra universal.

/298/ Indo

o Poeta passear
pela Ilha da Cajaiba,
encontrou lavando roupa
a Mulata Annica
e lhe fez este

Romance

Achey Annica na fonte
lavando sobre huma pedra
mais corrente, que a mesma agua,
mais limpa, que a fonte mesma.

Salvey-a, achey-a cortez,
falley-a, achey-a discreta,
namorey-e, achey-a dura,
queyxey-me, voltou-se empenha.

Fuy dar à Ilha huma volta,
torney à fonte, e achey-a:
rio-se, não sey se de mim,
e eu ri-me todo para ella.

Dey lhe segunda investida,
e achey-a com mais clemencia,
/299/ desculpou-se com o amigo,
que estava entonces na terra.

Conchavamos, que eu voltasse
na segunda quarta feyra,
que fosse a costa da Ilha,
e não puzesse pé em terra,

Que ella viria buscar-me
com segredo, e diligencia,
para na primeyra noyte

lhe dar a sacodidella.

Depois de feyto o conchavo
passey o dia com ella,
eu deytado à huma sombra,
ella batendo na pedra.

Tanto deo, tanto bateo
co'a barriga, e co'as cadeyras,
que me deo a anca fendida
mil tentações de fodê-la.

Quando lhe via a culatra
tam tremente, e tam tremenda,
punha eu os olhos em alvo,
e dizia, Amor, paciencia.

O sabaõ, que pelas cochas
corria escuma desfeyta,
/300/ dizia lhe eu, que seriam
gottas, que Amica ja deva.

Porque segundo jogava
desde a popa a proa, a perna,
antes de eu lhe ter chegado,
entendi, que se viera.

De quando em quando esfregava
a roupa ao caraõ da pedra,
e eu dice = mate-me Deos
com puta, que assim se esfrega.

Annica a roupa torcia,
torcendo-a ella mesma,
eu era, quem mais torcia,
que assim faz, quem não pespega.

Estendeo a roupa ao sol,
o qual levado de inveja
por quitar-me aquella gloria,

lha enxugou a toda a pressa.
Recolheo Annica a roupa,
dobrou-a, e po-la na cesta,
foy para casa, e deyxou-me
a la luna de Valencia.

/301/ Galantea

o Poeta

segunda vez a esta mesma Annica

com este

Romance

Querem matar-me os teus olhos,
Annica, e sinto somente,
que se haõ de ver-me, e matar-me,
que me matem com naõ ver-me.

Tu que o naõ ver-te me mata,
deyxa morrer-me de ver-te,
porque o morrer a teus olhos
dâ gosto, ao que se padece.

Se a morte minha ha de ser,
tu porque o achaque elleges?
de naõ ver-te quer, que eu morra,
de ver-te porque naõ queres?

Se viras como me morro,
morrêra eu assim contente,
/302/ vendo-me morto por ti,
e a ti sem asco de ver-me.

Dos mais te guarda, e naõ vivaõ,
eu morra de ver-te sempre,
porque tam gloriosa morte
quero para mim somente.

Ja que Deos te deo bom rosto,
Annica ingrata, apparece,
muda antes de parecer,
do que naõ de apparecer-me.

Pelos teus olhos te peço,

que este romance contemples,
que inda farás nisso menos,
do que eu fizera por elles.

Estrilho

Naõ, Annita, te escondas,
Apparece sempre,
que o ser bem parecida

disso depende.

/303/ Repete

o Poeta

esta mesma rogativa
ouvindo-a em huã occasiaõ cantar
com a singular graça que tinha.

Decimas

1

Annica, o que me queres,
que tanto me enfeytiçais
huma vez quando cantais,
e outra quando appareceis:
se por matar-me ó fazeis,
fazey esse crime atroz
de matar-me sos por vós,
para que eu tenha o soccorro,
que vendo, que por vos morro,
viva de morrer por vos.

2

Matar-me eu o sofferes,
mas soffrey tambem chegar-me,
que ter asco de matar-em
ja mais o consentirey:
/304/ fugir, e matar não sey,
Anna, como ó conseguis?
mas se a minha sorte ó quiz,
e vos, Anna, ó intentais,
não podeis matar-em mais,
do que quando me fugis.

3

Chegay, e matay-me ja;
não chegando estou ja morto,

cousa, que me tem absorto
matar-me, quem não me dê:
chegay, Anna, para cá
para dar-me essa ferida,
porque fugir de corrida,
e matar-me dessa sorte,
se o vejo na minha morte,
ó não vî na minha vida.

4

Naõ sey, que pós foram estes,
que n'alma me derramastes,
naõ sey, com que me matastes,
naõ sey, o que me fizestes:
sey, que aqui apparecestes,
e vendo-vos com antolhos,
/305/ topey com tantos abrolhos
na vossa dura conquista,
que me tirastes a vista,
e me quebrastes os olhos.

Recatava-se

Annica

deyxando-se ver por indulgencia.

Romance

Naõ te posso ver, Annica,
por mais que Amor me desperte,
que tu es muyto tyranna,
e serás ingrata sempre.

Se foras compadecida,
naõ cessára de querer-te,
pois a belleza humanada
adquire mil interesses.

Inda assim eu quero, Annica,
que tu me mates mil vezes
com os rayos da tua ira
mais do que com te esconderes.

/306/ Porque es Annica, tam bella
que a alma, que por ti se perde,
naõ póde deyxar de ter
muytas glorias apparentes.

Permitte por esta vez,
que o teu resplendor contemple,
para offertar-lhe mil vidas
hoje em holocausto breve.

E se acaso he divindade
a belleza, que se atreve,
sendo bella, a ser ingrata,
se os attributos desmente!

Havemos de accomõdar-nos

na porfia de querer-te,
matem-me embora teus rayos,
porem apparece sempre.

Mate-me a tua izeñçaõ,
que eu não cesso de querer-te,
consumam-me os teus rigores
com condiçaõ de me veres.

Desempulha-se

o Poeta

depois de gozar esta Dama
de huns çapatos que lhe pedio

Romance

Hum cruzado pede o homem,
Annica, pelos çapatos,
mas eu ponho isso a viola
na postura do cruzado.

Diz, que são de sette pontos,
mas como eu tanjo rasgado,
nem nesses pontos me metto,
nem me tiro desses trastes.

Inda assim se eu não soubera
o como tens trastejado
na banza dos meus sentidos
pondo-me a viola em cacos:

O cruzado pagaria,
ja que fuy tam desgraçado,
que boli co'a escaravelha,
e toquey sobre o buraco.

/308/ Porem como ja conheço,
que o teu instrumento he baxo,
e são tam falsas as cordas,
que quebram a cada passo:

Naõ te rasgo, nem ponteyo,
naõ te ato, nem desato,
que pelo tom, que me tanges,
pelo mesmo tom te danço.

Busca a outros temperilhos,
que eu ja estou destemperado,
estou para me rasgar
minhas cousas caximbando.

Se tens o cruzado, Annica,
manda tirar os çapatos,
e se não lembre te o tempo,
que andaste de pê rapado.

E andarás mais bem segura,
que isto de pizar em saltos,
he susto para quem piza,
e ao que paga, he sobre salto.

Quem te curte o cordavaõ,
porque te não dá çapatos?
mas eu, que te rôo o osso,
he, que hey de pagar o pato?

/309/ Que diria, quem te visse
no meu dinheyro pizando?
diria, que quem t' o deo,
ou era besta, ou cavallo.

Pois porque não digaõ isso,
leve-me a mim Sam Fernando,
se os der, e se tu os calçares
leve-te logo o diabo.

Demais, que estou de caminho,
e seria muy grande asno
estar para dar a sola,
e â ti deyxar-te os çapatos.

Agora se eu cá tornar,
trarey pelles de viado,
para dar-te humas chinellas
duraveis, que he mais barato.

Fica-te na paz de Deos,
saudades athe quando;
vem-te despedir de mim,
porque de hoje a oito parto.

/310/ Divertia-se
o Poeta
com Maria João,
e persuade agora a outra
chamada Mariquita,
que á venha visitar
somente por traça de à ver.

Decimas

1

Vossar se Senhora Quita,
para quem ama, ja tarda
à huma Madama galharda,
que por vosse se esganita:
e quem de saudades grita,
e de tristeza emudece,
sobre o pouco que merece,
justifica o meu dizer,
que vossê, à quem bem lhe quer,
foge, que desaparece.

2

Se não há lá huma canoa,
poremos de cá huam prancha,
/311/ e por falta irá a lancha
c'os esteyros da camboa:
Antonica venha a toa
sobre hum esteyro em castigo
de ficar com seu amigo,
e deyxar de ver a Irmãa
se móe como o bom trigo.

A May

de Maria Joao chamada Izabel
naõ levava em gosto
as amizades de sua Filha com o Poeta,
ou se temia de Mariquita,
e ocasionando enredos
o Poeta lhe canta a moliana.

Decimas

1

Ja que a Puta zabelona
anda morta por me ouvir,
eu lhe corto de vestir,
que anda despida a putona:
/312/ se eu dice, que a sua cona
trazia a borda desfeyta,
já creyo, que à tem perfeyta:
que estando dos eyxos fora,
quem nella bateo agora,
agora lh'a poz direyta.

2

Em huma direyta porta
feyta por bom carpinteyro,
quem nella bateo primeyro
esse primeyro à entorta:
mas depois de estar ja torta,
e depois que se entortou,
o malho, que ali malhou,
se malhar, e porfiar,
ou a porta ha de quebrar,

ou o malho à endireytou.

3

Tudo isto à Zabel se ageyta:
a borda hia desvayrada,
deram-lhe tanta pancada,
que isso mesmo à poz direyta,
a Filha he moça escorreyta,
e basta, que ó dicesse eu,
/313/ mas como o mesmo correo,
e os mesmos passos andou,
se trances a May passou,
o mesmo lhe succedeo.

4

Se fallam de Bibiana,
tudo Bibiana fora,
a preta he muyto senhora,
muy branda, amorosa, humana:
Maria he muy deshumana,
sacudida, e pespegada,
e esta cançada jornada,
que faz ao rio das pedras,
se faz pelas suas medras,
sey, que me deyxá por nada.

5

Por nada, e menos de nada,
pois por hum negro coeyro
muy negro, e muy lamareyro
se faz sua camarada:
o Preto he porra tisonada,
mas sobre ser porra dura,
he porra dura, que atura,
o Branco mais lindo, e bello

/314/ he porra de caramello,
desfaz-se na cozedura.

6

O medo de vir a Ilha
foy muy bem considerado,
pretexto se dá ao peccado,
da mã May nasce a mã Filha:
a mim não me maravilha,
que do Branco fuja a Preta;
mas se a may he tam discreta,
como não lhe entra no peyto,
que aqui se metem respeyto,
ou por branco, ou por poeta.

7

Quem olhos levantaria
para Maria Joaõ,
vendo, que no coração
trago o Joaõ, e a Maria?
escusas de cada dia
saõ sempre, as que dà huma puta,
e por dar fim a disputa,
vam embora por seu pê
aos montes de Gelboé,
que cá não me falta fruta.

/315/ [8]

Ciriz, nem mosles, nem duros
tocaõ à tam alta saya,
que isto de ir servir à praya,
saõ serviços de munturos:
lavar serviços impuros,
como he servió do mar,
isto mesmo he mariscar,

e as negrinhas desta Ilha
mariscam por maravilha
só por nos maravilhar.

9

Se quiz esses bons ciriz,
que não lhe nego a bondade,
bem sabe a minha vontade,
que os há cá muyto gentis:
e se por lizonja o fiz,
e os pedi por agradar,
à quem tem gosto de os dar,
agora me emendarey,
e ja mais os pedirey
ás Negras de mariscar.

10

Esta Maria Joaõ
de conselhos bem guiada
/316/ está bem aconselhada,
mas põem sempre a mão no chaõ:
se os conselhos, que lhe daõ,
lhos dá, quem os há mister,
triste da pobre mulher,
que ha de obrar pelo conselho
do pobre coeyro velho,
que não tem, o que ha mister.

Retira-se

o Poeta

e descreve por consoantes forçados
de que maneyra.

Soneto

Depois de consuarmos hum tramoço,
A noyte se passou jogando a polha,
Amanheceo, e poz se nos aolha
De que não sobejou caldo, nem ôsso.
Reynou, por não ficar lhe nada, o Moço,
De hum berro, que lhe dey, fiz lhe huma bolha,
Rasguy lhe huma camisa ainda em folha,
E a cea se acabou jantar, e almoço.
/317/ O Moço tal se despedio por isso,
E eu fiquey a beber vinho sem geço
sobre ovos moles, que me puz hum yço.
Neste tempo topey de amor o enguiço,
tive com Antinica o meu tropeço,
E parti de carreyra no meu Ruco.

Torna

o Poeta

ao sitio, e Cajaiba,
e se admira das mudanças,
em que ó ve.

Decimas

1

Està o sitio esgottado
das Putas, que lhe deyxei,
pois apenas nelle achei
o bagaço do peccado:
Pollonia me dá enfado,
e sua ausencia me embaça,
porque se a bocca arregaça,
con tanta graça se ria,
/318/ que eu lhe dice, que podia
rir-se athe da mesma Graça.

2

Faltaõ outras, que eu deyxei,
como he Ignacia Barroza,
que inda que puta escabrosa,
presta para o que eu bem sey:
falta a do Ah que d'El Rey
a Beleta gritadeyra,
que se gruda de maneyra
com xaropes, que cosinha,
que fica huma donzellinha,
e não sabe a parideyra.

3

Falta a Gafeyra dos gattos,
que movida da consciencia

falla ao Branco em penitencia
de se dormir c'os Mulatos:
deyxou negregados tratos,
e quiz à hum Branco arrimar-se,
naõ mais que para emendar-se,
e assim ao branco amigaõ
tem por mortificaõ,
por ver se póde salvar-se.

/319/ [4]

Falta, pois nunca appareçe,
Lourença, que chamaõ cuya,
que com cara de alleluya
nem por isso me appetitece:
e se ella desaparece
por guardar ao Mano Zé,
naõ me metto eu no porque,
mas puta tam desluzida
ande-se embora escondida,
que me faz muyta mercé.

5

Falta Benedita cuja
vasquinha, ou saya vermelha,
supposto que christãa velha
naõ deyxava de se çuja:
falta, porque era curuja,
e toda a noyte vagava,
e a quantos homens topava
(diziam-me alguns mirones)
que naõ sabe dizer nones,
e assim aos pares se dava.

6

Falta Luzia a çapata,

que estava na Cajaiba,
/320/ arriba, putas, arriba,
naõ se torne a Ilha em matta:
falta huma, e outra Mulata,
e se acaso se acha aqui
a Conga, a Calabarî,
e outras Negras no folguedo,
como ás dorme o Azevedo,
que ha de ir folgar-se ali?

7

Vou-me do sitio famoso
queyxoso, e desesperado,
das Mulatas esfaymado,
das Negras escrupuloso:
naõ torno à tal rio undoso,
que tanto pizey, e enquanto
me recolho em hum recanto,
onde à vida veja o cabo,
o sitio vâ c'o diabo,
e as Mulatas outro tanto.

8

Naõ fallo nas nossas Quitas,
nas Marannas, nas Antonias,
que as mais são humas demonias,
e estas humas Angelitas:
/321/ as mais são humas malditas,
que fedem sempre ao peyxum;
na praça comerey hum
salmonete singular,
e aqui naõ quero trocar
a cioba pelo atum.

Descreve
segunda vez
aquellas mudanças,
satyrisando de caminho
ao Azevedo feytor môr do engenho.

Decimas

Segunda vez tomo a penna
para tam longe voar,
que say o sitio a enforçar,
por sentença, que ó condéna:
a culpa não he pequena
de estar o sitio a pê quedo
soportando o Azevedo,
que anda por esta lugar
/322/ de contino a fornicar
as negras a puro dedo.

2

Haverà, Azevedo, alguém
que não rayve athe morrer
de ver, que queyrais vos ter
o gosto, que os homens tem?
eu reyvo mais que ninguem,
pois sois hum triste azamel,
que com pica de cordel,
como à não podeis fincar,
quereis o sundo levar
as dedadas com o mel.

3

Eu vos desengano logo,

que isto he só para o varaõ,
que vê a caça, e ergue o caõ,
e de improviso dá fogo:
naõ he para vos o jogo,
nem para os vossos lanções,
pois nunca metteis os bois,
nem tendes bois, que metter,
e se homem sois, ou mulher
naõ se sabe inda, o que sois.

/323/ [4]

Se furtais tanto fragmento
de açucar para as mulheres,
póde ser, se lh'o naõ deres,
que tenhais entendimento:
naõ falleis em casamento,
com que o demo vos atiça,
porque essa Moça castiá
cento, e cincoenta lhe achais,
e vos triste naõ entraís
com cincoenta reis de piça.

5

Pedis a Moça, que vistes
a fim só de à enganar,
porque o mais, que lhe heis de dar,
serám quatro beyjos tristes:
se eu sey, que nunca cumpristes,
que disso Theodora brama,
porque o dedo naõ derrama,
como e possivel querer,
que se contente a mulher,
do que escarnece huma Dama.

6

Verdade he, que na occasiã
destas comedias passadas
/324/ deyxou muytas namoradas
vossa representaçãõ:
mas a vossa locuçaõ
deyxou o Povo tam cego,
tam confuso, e sem socego,
que ninguem sabe atinar
se Portuguez Malavar
sois, se castelhano grego.

7

Pois a Moça se tem mingua
de casar por ser mulher,
como vos ha de entender,
se não sabe a vossa lingua:
deyxay, Azevedo, essa ingua
de casar, que he mà doença,
e pois Amor vos despença,
que mil catingas cheyreis,
com branca não vos deyteis,
que heis de morrer de corrença.

8

Ponde, Azevedo, o cuydado
em ser gente, e não sendeyro,
que o ser home está primeyro,
e depois o ser casado:
/225/ se vos não tem dispençado
vossa natureza atroz
para ser homem entre nos,
como contra o natural
quereis mulher racional,
sendo vos hum calvapos?

Terceyra

vez

accomette aquella empreza
queyxando-se contra Mariquita
por se fingir doente.

Decimas

1

Vim ao sitio n'um lanchaõ,
Quita, e tudo achey trocado,
vos com peyto atrayçoado,
e eu vendido por trayçaõ:
vos, Quita, nesta occasiaõ
fingistes-vos doentinha:
palida estava a carinha,
mas tudo embustes de moça,
/326/ com que fizestes a vossa,
e eu, Quita, não fiz a minha.

2

Toda a casa vi inclinada
aos trez visinhos cupidos,
saõ sois de novo nascidos,
e eu sou lua ja minguada:
não pude entaõ fazer nada,
porque estaveis vos entaõ
com tanta declinaçaõ
de carnes, e de saude,
que nunca com vosco pude
fazer minha obrigaçaõ.

3

De achar-vos esqueiva, e dura
podera eu escarmentar,
e com tudo hey de tornar
ao sitio provar ventura:
sempre alcaná, quem atura,
quem naõ soffre nada alcança,
hey de ir ver se acho bonança
no vosso mar alterado,
e perderey o esperado,
mas naõ perco a esperança.

/327/ [4]

Que vou as festas lograr
crerá todo o sitio inteyro,
e eu vou ao vosso puleyro,
naõ mais que por vos gallar:
se outra vez vos vir queyxr
com fingimento traydor,
que vos aperta huma dor,
hey de vos dar hum conselho,
he, que mettais de vermelho,
e logo tomareis cor.

5

Quita, entendidos estamos,
e a doença estâ distinta,
vos andais muyto faminta
disto, que copia chamamos:
e pois ambos lazamos
deste mal pestelencial,
ambos curemos o mal,
tomay por curar a fome
o caldo dos graõs de home,
que he muyto substancial.

6

Para ter contentamento
os rins tendes de escorrer,
/328/ alias heis de morrer,
quita, de semen retento:
eu faço hum protestamento,
de que não morreis por mim,
por quanto assim, ou assim
tronco velho, ou páo mocisso
estou ao vosso serviço
com armas, e com rucim.

Quarta
admiração
que lhe causáram
as mudanças do sitio

Decimas

1

Ou o sitio se acabou,
ou ó mudáram, daqui,
ou eu as cegas ó vi,
e a cegueyra me cegou:
quando o sitio me logrou,
ou eu o sitio lograva,
o sitio me enfeytiçava,
/329/ pelo sitio me morria,
pelas femeas, que ahi via,
pelas saidas, que achava.

2

Havia humas formosuras
muy ledas, e muy louçaãs
para qualquer sim muy chaãs
para qualquer não muy duras:
hoje ha quatro más figuras
muy presumidas, e inchadas,
querem-se muyto adoradas,
porem com pretexto errado,
e he, que ao fazer do peccado
saõ fidalgas atiradas.

3

Outras putinhas malsins
me tem cercado de sorte,

que por ver-me em mãos da morte
naõ me daõ descarga aos rins:
mas como nestes confins
tenho tanta parentella,
dando huma vista a Castella
me deparou logo Amor
na terra huma linda flor,
/330/ no céu huma rica estrella.

4

Fretey-a a pouco trabalho,
e muy pouco me custou,
porque era do ferro, ou
porque era amiga do alho:
veyo buscar-me sem falho,
inda durava o luar,
naõ veyo para ficar,
mas eu com tudo finquey-o:
com que se a ficar naõ veyo,
com tudo veyo a fincar.

5

Como tenho ja segura
a carne no gava vato,
me rio, que o sitio ingrato
tenha, ou naõ tenha fartura:
porque em sendo conjuntura,
que he lá pela noyte alta,
nunca a Mulatinha falta,
e dem-me outra Parda forra,
em quem tudo isto concorra,

geme, gosta, atura, e salta.

/331/ **Continua**
em galantear
aquella Mariquita
filha da zabelona,
que ja adiante dicemos.

Romance.

Quita, Sam Pedro me leve,
se eu me não morro por vos,
e por ser da vossa bocca
hum perpetuo Pica flor.
Por isso me escandalizaõ
respostadas tam sem som,
pois aquillo, que mais quero,
nunca o acho a meu favor.
Mal me vay co' a vossa bocca,
c'os dentes inda peyor,
pois dos dentes para dentro
nunca este amor vos entrou.
Servi-vos, Senhora Quita,
de ter-me hum pouco de amor,
ao menos de consentir,
que eu vos tenha amor à vos.
/332/ Ja me contento com pouco,
só quero, Quita, de vos,
que passemos à catalha,
e seja isto quando for.
Que quem esperou cinco annos
por hum pequeno favor,
esperarà por chegar-vos
mais, do que esperou Jacob.

Porem fallay-me verdade,
que à huma mulher de primor
costumo pagar co'a vida
hum carinho, hum favor só.

Zombay vos da Zabelinha,
que me tem mortal rancor,
e odiosa à Portugal
so de Castella gostou.

Zombay vos de todo o mundo,
que o mundo nunca fallou
verdade, e eu vola trato
nesta confissãõ de amor.

A Mesma

Mulata

mandando ao Poeta hum passarinho

Decimas

1

Este favor, que he valia,
diz Amor, porque se afoyte,
que, o que me destes de noyte,
quizestes mandar de dia:
foy favor por simpatia,
porem, que seja, me espanta
esse passaro, que encanta,
quando de musico aposta,
de noyte huma ave, que gosta,
de dia huam ave, que canta.

2

Certo, que amor presumio,
quando o passaro apalpey,
que, o que de noyte vos dey,
pela manhã vos fugio:
mas se este efeyto vos vio,
meus amores, certifico,
/334/ que o tal passarinho rico
foy por singular razaõ
de noyte a buscar o grao,
de dia a molhar o bico.

3

Es galharda Mariquita

desvello dos meus sentidos,
pois em continos gemidos
vivo por lograr tal dita:
meu coração me palpita,
quando te vejo passar
com tal garbo, e com tal ar,
que deyxas-me alma perdida,
e se me podes dar vida,
porque me queres matar?

4

Minha rica Mulatinha
desvello, e cuydado meu,
eu ja fora todo teu,
se tu foras toda minha:
juro-te, minha vidinha,
se acaso minha quer ser,
que todo me hey de accender
em ser teu amante fino,
/335/ pois por ti já perco o tino
e ando para morrer.

Retira-se
desdenhosa do Poeta
para hum soldado de cupido
a tempo, que elle fazia o mesmo com Annica.

Decimas

Quita, como vos achais,
com esta troca tam rica?
eu vos troco por Annica,
vos por Nico me deyxais:
vos de mim não vos queyxais,
eu, Quita, de vos me queyxo,
e pondo a cousa em seu eyxo,
a mim com razaõ me tem,
pois me deyxais por ninguem,
e eu por Annica vos deyxo.

2

Vos por hum Dom Patarata
trocais hum Doutor em Leys,
/336/ e eu troco, como sabeis,
huma por outra Mulata:
vos fostes com migo ingrata
com grosseyra ingraticidaõ,
eu não fuy ingrato não,
e quem troca odre por odre,
hum delles ha de ser podre,
e eu sou na troca odre saõ.

3

Eu com Annica querida
me remexo como posso,

vos c'ó Patarata vosso
estareis bem remexida:
nesta desigual partida
leve o diabo o enganado,
porque eu acho no trocado,
que me vim a melhorar
mais na Moça por soldar,
que vos no Moço soldado.

4

Se bem vos não vay na troca
pela antiga bem querença,
eu sou de tam boa avença,
que farey logo a destroca:
/337/ porem se Amor vos provoca
a dar-me outros novos zelos,
hemos de lançar os pêlos
ao ar por seguridade,
seu sey, que a vossa amisade
ha de custar-me os cabellos.

Agrada-se
dos donayres
de huma cabrinha
do Padre Simaõ Ferreyra
e lhe faz o seguinte

Romance

Cordula da minha vida,
Mulatinha da minha alma,
leda como as alleluyas,
e garrida como as Pascoas.
Valha te Deos por cabrinha,
valha te Deos por Mulata,
e valha me Deos a mim,
que me metto em guardar cabras.
/338/ Quando te apolego as tetas
como huns marmellos inchadas,
me daõ tentações, porque
cuydo, que saõ marmelladas.
Tu me matas de donzella,
porque, cordula, te gabas
de virgo, sendo que virgo
nunca em capricornio anda.
Passey pela tua porta,
estavas junto da casa,
chamey-de, achey-te cortez,
vieste, e foste tyranna.
Porque apenas t'õ pedi,
quando me viraste a cara,
e c'õ cabaço, que finges,

me deste mil cabeçadas.

Em fim me destes o sim,

com que creyo, que me enganas,
porque se ha xim xim de brancas,
tu es o xim xim das cabras

Por esta cara te juro,

que em bando-te a virotada,
me has de rondar pela porta,
me has de puxar pela cappa.

Como

á não pode de nenhuma sorte alcançar
á descompoem.

Decimas

1

A Cabra da Cajaiba
serva do Padre Simaõ
he grandissimo putaõ,
e no virgo inda se estriba:
virgo abaxo, virgo arriba
ja de escutâ-la me encalmo,
pois emquanto reza hum spalmo
o Padre entre os arvoredos,
say com virgo de trez dedos,
e entra com virgo de palmo.

2

A cabra he puta cambaya,
e em sentindo o membro a vela
por fingir, que inda he donzella,
quando fode, se desmaya:
faminta discorre a praya,
que chamamos o Apicu,
/340/ e topando hum negro nû,
ô visita como amigo
ella á elle a par do embigo,
elle á ella a par do cú.

3

Sobre tod a esta fodenga
de membros como pivetes,
se lhe falta hum Branco em fretes
c'o a donzellice ó derrenga:

e depois que a muyta arenga
á tem convencido ja,
lhe responde, que ella irá,
e indo, ella manda dizer,
que para o Padre beber
pirando está carimá.

4

Maldito seja tal caldo,
e tal mingao de Aratuz,
que boto a Deos, e a Jesua,
que de ouvi-lo só me escaldo:
tanta pimenta rescaldo,
tanda manipuba impressa
no vaõ da tal boa pessa
na tal puta Jacotinga
/341/ faz, com que sobre a catinga
á manipuba me fessa.

5

Ella a manipuba fede,
ella fede a carimã,
e me fede a cabra ja
sobre tudo, porque pede:
pede, e diz, que o que lhe impede
fazer as suas sortidas,
saõ duas fraldas cosidas,
e hum cabeçaõ para a praya,
e sempre pede huma saya
para fazer as saidas.

6

Serve à negros de investir
com tamanho pê de banco,
e quer a cabra, que hum Branco

sirva a dar lhe de vestir:
para o puto que rustir
tal concerto, e tal partido,
que eu sem ter lezo o sentido
naõ posso ser tam sendeyro,
que dispenda o meu dinheyro
por hum fedor tam fodido.

/342/ Namora-se
de Outra
chamada Beleta, ou Izabel,
á quem faz o seguinte.

Motte

Desde que Izabel, te vi,
tal fiquey, que desde entaõ
em mim se verá, quem naõ
sabe ja parte de si.

Gloza

1

Jactou-se o meu alvedrio
de nascer com izençaõ
contra a dura escravidãõ
de Amor, e seu senhorio:
como neste altivo Frio
vivo, desde que nasci,
agora que me rendi,
confessa com súma dor,
que he ja vassallo de Amor,
Desde que Izabel, te vi

/243/ [2]

E como naõ sey contar-te,
nem posso formar conceyto
qual foy primeyro em meu peyto
se o ver-te, se o adorar-te,
e sey, que de ver-te, e amar-te
foy tudo huma occasiaõ,

por resolver a questaõ
de quando entrey a querer-te,
digo, que ao tempo de ver-te
Tal fiquey, que desde entaõ.

3

Tal fiquey, e tam absorto,
quando vi tua belleza,
que a minha menor fineza
he amar, á quem me tem morto:
e como a viver me exorto
só por logar a occasiaõ
de penar meu coraçãõ,
tendo-se visto, quem já
por não penar morrerá,
Em mim se verá, quem não.

4

Em mim se verá cumprida
a môr affeyçaõ de sorte,
/344/ que porque dure athe a morte,
por padecer guarde a vida:
affeyçaõ ja mais ouvida,
amor não visto athe aqui
fiará, Izabel, de ti,
mas como em fim t'o diria,
quem por nenhum modo, ou via
sabe ja parte de si.

Como
ó não quiz admittir,
à descompõem no seguinte

Soneto.

Beleta, a vossa perna tam chagada
Ôlha poderá ser pelo podrida,
Mas eu não quero ôlha em minha vida
Podrida pelo mal inficionada.
Estais tam lazarenta, e empestada,
tam etica, mirrada, e corcomida,
Que huma pilhancra vossa bem moida
Servirà de peçonha refinada.
O que vos gabo he ser presumtuosa
Em tal camalidade, em tal miseria,
Como se a podridaõ fora formosa.
Mas se acaso vos dóe, Dona lazeria,
O gume deste verso, ou desta proza,
Sabey, que o vosso humor deo a materia.

Aconteceo,
que fallando esta Izabel
com hum certanejo,
foy por elle achada
com Alexandre de Souza Marques,
rapaz, de quem o Poeta se enfurecia zeloso,
e descreve, a carreyra, que o certanejo lhe deo.

Decimas

1

Colheo-vos na esparrella
o Tabareo inimigo,
vos querieis o postigo,
e tomastes a janella:
Beleta de centinella
vendo-vos dentro da praça
/346/ deo hum tiro, e á fumaça
acudio logo o Tenente,
fugistes, que o mais valente
nas mãos do inimigo embaça.

2

Como do postigo amalha
occupou logo o Tenente,
vos em risco tam urgente
saltastes pela muralha:
se caisses sobre a palha,
livrareis com menos perda,
mas como Beleta he esquerda,
e o laço vos poz no chaõ,
naõ caistes na trayçaõ,
porem caistes na merda.

3

As mãos puzestes no chaõ,
e sentindo a terra branda,
da brandura, que trezanda,
tivestes mâ presunção
e assim discorrendo entaõ,
se aquella papa moleta
era favor, ou era treta,
por informes do nariz
/347/ soubestes mais de raiz,
que era caca de Beleta.

4

Entaõ mais precipitado
fostes fugindo ao perigo,
menos do ferro inimigo,
que de Beleta ao ferrado:
deyxando o matto roçado,
e a poya menos pomposa
vos pondes em polvorosa,
que he menos para temido
qualquer zeloso offendido,
que huma Puta cagajosa.

5

Naõ me espanto naõ da perda,
que entaõ teve o tal vinagre,
porque como o Moço he bagre
se havia de ir logo à merda:
espanta-me que tam lerda
fosse huma Puta velhaca,
pois naõ lhe dando huma ataca
elle, e sendo ella mesquinha,
lhe soffresse a passarinha,
que elle lhe rapasse a caca.

/348/ Tanto Beleta se ria,
que me dizem, que affirmáva,
que a caca de entaõ ficava
açucar de Alexandria:
eu não sey, porque ó dizia,
so sey, que aqui se contou,
que porque a merda pizou
hum Alexandre, a velhaca
dicera, que a sua caca
Alexandria ficou.

7

Como estanha a mã pessoa,
que o seu segredo não dura,
se dorme com tô forçura,
que todo o lanço apregoa?
que esperava a Tabaroa
de hum innocente sendeyro
razo de barba, e dinheyro?
que esperava esta velhaca?
que elle se borre de caca,
e ella lhe alimpe o coeyro.

8

Beleta he olha podrida,
de que Deos livre meu odre,
/349/ e se he ardida, como he podre,
não vi puta mais ardida:
está de sarna manida,
e anda gafa de coceyra,
a cara he huma caveyra,
a carne pilha morrinha,
e porque he puta ratinha,
mora em huma ratoeyra.

9

Beleta, como passais
nesta troca tam bizarra:
eu vos dou pela bandarria,
vos por bandarria me dais:
se vos de mim vos queyxaes,
eu tamb[em de vos me queyxo,
e pondo a cousa em seu eyxo,
à mim por razaõ me vem,
pois me deyxais por ninguem,
como eu por alguem vos deyxo.

10

Vos por hum Dom Tabareo
deyxais hum Doutor em Leys,
eu deyxo, como sabeis,
hum bagre por hum xareo:
/350/ vos me quitaes o chapeo
com infame ingraticidaõ,
eu naõ fuy ingrato naõ,
e quem troca odre por odre,
hum delles ha de ser podre,
e o meu nesta troca he saõ.

Queyxava-se
Izabel do Poeta,
e elle à satisfaz cavilosamente
neste

Romance

Beleta, eu zombeteava,
que nunca falley de veras
satyrizando as amigas,
senaõ contando finezas.
Vos naõ dormis c'o Alexandre,
nem o rapaz tal intenta,
nem da janella saltou,
nem foy passado por merda.
Tudo he embustes de moços,
tudo saõ contos de velhas,
/351/ e se o sitio o diz assim,
mente o sitio, e toda a terra.
Mas quem ao Amor tirará,
que mil ciumes conceba
da mais pequena mentira,
e da mais leve suspeyta.
Eu ouvia, e escutava,
e passava estas mizerias
de manhã pelos ouvidos,
de tarde pelas orelhas.
Entendi, que assim seria,
imaginey, que assim era,
que a hum amor de bom gosto
sempre acompanha mâ estrella.

Senti a minha fortuna,
queyxe-me da vossa offença:
quem com finezas offende,
como agradará com queyxas?

Muger lloira, y vencerás,
dizia o douto Poeta,
vos chorastes, e vencestes,
e eu choro, por quem me vença.

Estais tam justificada
no juizo das suspeytas,
/352/ que Amor vos absolve já.
se lhe prometteis emenda.

Retiray-vos de rapazes,
que he gente, que se conversa,
he força, que infame a casa,
pelas coegas, que deyxas.

Enchugay, Beleta, o pranto,
em riso se torne a queyxa,
comey cajuz, e voltay,
que a minha fruyta está certa.

Outra

Mulata clara
chamada Joanna Gafeyra
camarada desta Izabel
se desviava do Poeta, temendo a sua lingua,
e elle desejoso de à conversar,
e desconfiado de o poder conseguir
lhe faz este

Romance

Ah que d'El Rey, que me mataõ,
Gafeyra os vossos desdens:
/353/ eu não vi Parda tam branca
com tam negro proceder.
Como consente, que digaõ,
que tam grande puta he,
que deyxá por hum Mulato
hum homem de branca tez!
Huma Mulata tam linda,
que da cabeça athe os pés
he hua estampa de Venus
debuxadinha ao pincel?
De vos chamarem Gafeyra
vimos todos a entender,
que andais gafa de Mulatos,
e expulgar-vos não podeis.
Morreis pelos palmatorias,
Putinha, porque sabeis,
que sois corrêta medida

pelos canhões do seu trem.
E pois estais tam batida,
como muralha de Argel
de tantos canhões de alcance,
quantos Mulatos fodeis:
/354/ Daqui vos digo, Putinha,
que me arrependo, de que
meus recados vos chegassem,
pelo muyto que fedeis.
Do vosso fedor se queyxa
athe Sergippe d'El Rey,
por ser o suvaco, e vazo
putiú, catinga, e pez.
Eu me sinto feder tanto,
de haver-vos visto huma vez,
que hey de lavar neste rio
olhos, pensamento, e pes.
Os olhos, porque vos viram,
e o pensamento, porque
ò tive de cavalgar-vos,
e os pés, porque nisso andey.
Anday, Puta de torresmos,
porque sois, e haveis de ser
puta de membros torrados
por sempre ja mais amen.

/355/ Como

á naõ pôde o Poeta lograr,
lhe dizia estas, e outras injurias,
como foy o ser apanhada no bananal
com hum Frade
como ja dicemos no L° 2° fl. 128
mas ella atravessada graciosamente com o Poeta,
lhe fazia carrancas
todas as vezes, que ó via.

Romance

Naõ posso cobrar-lhes medo,
Joanna, aos vossos focinhos,
que como sois tam formosa,
cede à verdade o fingido.
Tanta olhadura atravez,
tanto focinho torcido,
tanto pescoço impinado,
tanto esguelhado beycinho:
Saõ modos tam estrangeyros,
alheyos, e peregrinos
das perfeções naturais
do vosso rosto divino;
/356/ Que ja mais podem fazer
no meu peyto amante e fino
retorceder as tenções,
nem arribar os designios.
Sempre caminhando avante,
nunca deyxando o caminho
ando atraz de ver, se posso
chegar à vosso cativo.

Se me ferrais esta cara
c'um favorzinho de rizo,
me hey de rir de farto entaõ
do mundo, e seus regozijos.

Hey de pôr-me a rir entaõ
de sorte, que o rizo fito
me haõ de ter em todo o orbe
por Democrito dos risos.

Olharey para Beleta,
e me rirey dos meninos,
que à andaõ sempre beliscando
qual Mona com seus bogios.

Olharey para Apollonia,
e de à ver entre os corrilhos
de tanta canastra honrada,
que he a nobreza do sitio,

/357/ Rirey de ver cada hum
ir-se daqui despedido,
entonces mais carregado,
porque entonces mais vazio.

Á elles pelas estradas
suspirando pelo sitio,
à ella pelos oiteyros
zombando de tais suspiros.

Á elles tomando o tólle
para o certaõ fugitivos,
tanto fugindo dos annos,
como da conta fugindo.

Á ella por capoeyras
estreado c'os meninos
a baetinha dos pobres
a serafina dos ricos.

Para a Ursula olharey,
e rirey de à ver no sitio
parafuzando cavallos
pela tarraxa do embigo.

Rirey de ver os amantes,
rirey de ver os queridos,
que tendo-se por ditosos,
saõ em seus gostos mofinos.

/358/ E só feliz eu serey,
se logro os vossos carinhos,
e me plantais nesta cara
da vossa bocca hum beyjinho.

Tende-me na vossa graça,
e aqueyxa se torne em riso,
a malquerença em amor,
e o desfavor em carinho.

Chica

ou Francisca

huma desengraçada criolla,
que conversava com o Poeta
e se arripiava toda zelosa
de ó ver conversar com Maria Joaõ,
no mesmo tempo,
em que ella não fazia escrupulo
de admittir hum Mulato.

Decimas

1

Estais dada à Berzabu,
Chica, e não tendes razaõ,
/359/ soffrey-me Maria Joaõ,
pois eu vos soffro à Mingû:
vos dais ao rabo, e ao cû,
e eu dou ao cû, e ao rabo,
vos com hum Negro hum diabo
eu c'uma Negrinha brava,
pois fique fava por fava,
e quiabo por quiabo.

2

Vos heis de achar-me escorrido,
não vo lo posso negar,
eu tambem ó hey de achar
remolhado, e rebatido:
assim he igual o partido,
e mismissima a razaõ,
porque quando o vosso caõ
dorme co'a minha cadella,

ella que fique por ella
diz hum portuguez rifaõ.

3

Vos dizeis-me irado, e ingrata
co'a maõ na barbinha posta:
eu me verey bem disposta,
e eu digo-vos = quien le mata!
/360/ eu vou-me á putinha grata,
e descarrego o culhaõ,
vos ides ao vosso caõ,
e regallais o pasmado,
leve o diabo o enganado,
e andemos co'a procissaõ.

4

Chica, fazey-me justiça,
e naõ vola faça eu só,
eu vos deyxoy o vosso có,
vos deyxay-me a minha piça:
e se o demo vos atiça
mamar numa, e noutra teta
pica Branca, e pica preta:
eu tambem por me fartar
quero esta pica trilhar
n'uma greta, e noutra greta.

5

Dizem, que o anno passado
mantinheis dez fodilhões
branco hum, nove canzarrões,
o branco era o dezimado,
o branco era o escornado
por ter pouco, e branco nabo;
/361/ hoje o vosso çujo rabo

me quer a mim dizimar,
que não hey de sopportar
ser dizimo do diabo.

6

Chica, dormi-vos por lá,
tendo de negros hum cento,
que o pao branco he corticento,
e o negro he jacarandâ:
e deyxay-me andar por cá
entre as negras do meu geyto,
mas perdendo-me o respeyto,
se o vosso guardar quereis,
contra o direyto obrareis,
sendo amiga do direyto.

7

Sois puta de entranha dura,
e ainda que amiga do alho,
sois huma arranha caralho
sem carinho, nem brandura:
dou ao demo a puta escura,
que estando à todos exposta
não faz festa ao de que gosta,
dou ao demo o quis vel qui,
/362/ que fornica para si,
e não para quem à encosta.

8

Quem não afaga o sendeyro,
de que gosta, e bem lhe sabe,
va-se dormir c'uma trave,
e esfregue-se c'um coqueyro:
seja o cono presenteyro,
faça o mimo o agazalho

ao membro, que lhe dá o alho,
e se de carinho he escassa,
ou va-se enforçar, ou faça
do seu dedo o seu caralho.

Enfurecido

o Poeta

daquelles ciumes descompostos

lhe faz esta horrenda

Anatomia

Vá de aparelho,
va de paynel,
/363/ venha hum pincel
retratary a Chica
e seu besbelho.

He pois o caso
que a arte obriga,
que pinte a espiga
da ortiga primeyro,
e logo o vazo.

A negra testa
de cuyambuca
à poem tam cuca,
que testa nasce e em cuya
desembesta.

Os dous olhinhos
com ser pequenos
saõ dous venenos,
naõ do mesmo tamanho,
mayorzinhos.

Nariz de preta
de cocras posto,
que pelo rosto
anda sempre buscando,

onde se metta.

Bocca sacada

/264/ com tal largura,
que adentadura
passa por ali
desencalmada.

Barbinha aguda

como sovella,
naõ temo à ella,
mas hey medo à barba:
Deos me acuda.

Pescoço longo,

socó com saya,
à quem daõ vaya
negros, com quem se farta
de mondongo.

Tenho chegado

ao mao feytio
do corpo esguio,
chato de embigo,
erguido a cada lado.

Peyto lazeyra

tam derribado,
que he retratado
ao peyto espaldar
debaxo da vizeyra.

/365/ Junto as cavernas

tem as perninhas
tam delgadinhas,
naõ sey, como se tem
na quellas pernas.

Cada pé junto

forma a peanha
onde se amanha
a estatua do pernil,
e do presunto.

Anca de vacca
muy derribada,
mais cavalgada,
que sella de rucim,
charel de faca.

Putá canalha,
torpe, e mal feyta,
à quem se ageyta,
huma estatua de trapo
cheya de palha.

Vamos ao fundo
de tam mao geyto
que he largo, e estreyto
do rosto estreyto, e largo
/366/ do profundo.

Hum vazo atroz,
cuja portada
he debruada
com reflexos na bocca,
como noz.

Horrivel odre,
que pelo cabo
toma de rabo
andar saõ, e feder
a cousa podre.

Modos gattunos
tem sempre francos,
arranha os Brancos,

e afaga os membros só
dos Tapanhunos.

Tenho acabada
a obra, agora
rasguem-na embora,
que eu não quero ver Chica
nem pintada.

Ausente

por huns dias o Poeta,
e posto na Ilha grande
por certas diferenças, que teve
com Andre Barboza,
escreve aos amigos suas saudades.

Soneto

Que vay por lá, senhores cajaibas,
Vossés se levaò vida regalada,
Com arraya chata, a curimã ovada,
Que lhes forma em dous lados quatro gibas.
Eu nesta Ilha inveja das Malditas
Estou passando a vida descansada,
Como o bom peyxe, a fruyta sazoadada
A vista de hum amor sangue de cibas.
Vosses tem sempre a vista Sam Francisco
Povo illustre, metropoli dos montes,
A cuja vista tudo o mais he cisco.
Eu não tenho, que olhar mais que orisontes,
Mas se ha de olhar-me lá hum bazalisco,
Melhor he ver daqui a Ilha das Fontes.

/368/ Escreve

depois aos mesmos
miudamente o sentimento
nesta graciosa imagem

Romance

Tenho amargas saudades
da Senhora Cajaiba,
que he moça de grandes prendas
por Nerencia, e pela Chica.

A proposito do que
sinto não ter, quem me diga,
que brotou com estas aguas,
e está no tronco florida.

Se tornou ja para casa,
ou se anda ainda fugida,
pois he musica tam destra
nas fugas da putaria.

Sinto amargas saudades,
como ao principio dizia,
dos amigos hum por hum,
e dez por dez das amigas.

/369/ O largo, e fresco passeyo
me lembra da varandinha,
onde se representavaõ
as comedias do Faisca.

Onde vinha ó Azevedo
ter cuydado da faquinha,
que emprestava aos gayolleyros
chorando lagrymas vivas.

Onde vinha em seus tamancos

Os domingos, ou domingos
a contar por evangelio
tam conhecidas mentiras.

Onde silvestre ó virava
tanto de pernas acima
que passado, e amarello
ou se callava, ou se hia.

Onde assistia Gregorio,
e com manha, ou com malicia
todo o murmurio encontrava,
porque crescesse a porfia.

Onde Maranna tambem
vinha fartar-se de rija,
mas em chegando Silvestre
com Dona Martha à mohia.

/370/ Eu nunca vi Donha Martha,
nem Deos tal cousa permitta,
mas ella he feya mulher
pela bocca das visinhas.

Sabê-lo ha bem Silvestre,
que quando andava a vigia
pelas noytes ao quintal,
via aquella alma perdida?

Quantas vezes à vio elle,
quando posta de gatinhas
espremendo, o que cagava,
punha huma cara maldita.

Mas deyxemos Dona Martha,
que agora estará com Quita
em grandes razões de estado
sobre Maranna, e Antonica.

Naõ se sabem conservar,

(dirá Quita muy torcida)
nem tomar em mim exemplo,
que sou mestra em putaria.

Ja tenho dito à Maranna,
que na casa, aonde habita,
se dê muyto a respeytar
com as negras da cosinha.

/371/ Se lhe entra por hum ouvido,
say pelo outro: he menina,
o que faz, he andar folgando
c'o cabra vicente, e Chica.

Com que lhe não tem respeyto,
e se ella toma a farinha
para mandar à esta casa,
qualquer negrinho lhe grita.

Tenho lhe dito, Maranna,
Do peyxe de pescaria
o melhor à vossa May,
que assim faz a boa filha.

Em vindo as mariscadeyras
do mangue carregadinhas,
ninguem metta a mão nos cestos,
que os mayores são de Quita.

Remettey-os logo ao sitio,
e fique embora vazia
a casa de vosso amigo,
porque primeyro está a minha.

Se lá tendes nessa casa
dez hospedes cada dia,
cá tendes vossas Irmãas,
vossa May, vossas sobrinhas.

/372/ Ja vedes, que estou tam magra

por passar tantas vigílias,
eu digo, que estou doente,
e sabem, que ando faminta.

Ninguém olha para mim,
e he, porque a lingua maldita
do Doutor tem publicado,
que ando de testa caida.

Entendido está o remoque,
vos não sois mal entendida,
porque em fim sahis à casta,
ja sois discreta por linha.

Quando ests cousas me lembraõ,
que me lembram cada dia,
romperey soltas, e peas
por chegar a cajaiba.

Mas logo o temor me toma,
e fujo, a que me persiga
a inveja do grande amigo,
e do inimigo a malicia.

Eu não me quero emendar,
pois faço versos em rimas,
e às unhadas ós sugeyto
de quem os corta, e belisca.

/373/ Mas por saber de vosses,
à todo o transe se arrisca
a Musa, que está à seus pés
prostrada, exposta, e rendida.

Restituido

outra vez à aquella Ilha
trata de entender
com Joaõ de Azevedo
cayxeyro da quelle engenho
e com o Feytor môr.

Decima

Viva o insigne ladraõ,
que todo o melado estanca
segundo Jorge da Franca
em contas, e expedição:
viva o mais fino villaõ,
que o Porto à Bahia deo,
e viva o Feytor Sandeo,
que naõ apaga este fogo,
porque ali se joga o jogo
/374/ calle tu, callar-me hey eu.

Continua

com o Azevedo
por ter o engenho pejado.

Decimas

1

Hum curuoso deseja
saber a razaõ, na qual
obrando o Feytor tam mal,
o engeno he, que se peja:
mas porque a razaõ se veja,
na que agora o Feytor malvado
anda o engenho fodendo,
e destas todas entendo,
he que o engenho está pejado.

2

Para huma furia de empenho
mel não houve, que eu levára,
e disto he, que eu tomára,
que se pejáva o engenho:
/375/ sou eu logo, o que não tenho
pejo de nisto fallar:
mas o que posso affirmar,
he, que estou de tam ruim fel,
que se o Feytor não dá mel,
eu mesmo à hey de mellar.

Ao Mesmo
azevedo
cayxeyro do engenho,
que sendo ja homem velho, e fraco
macheava huma Negra
chamada Suzana
de desmedida grandeza

Decimas

1

Olha, Barqueyro atrevido,
que em teu perigo te elevas,
que essa mulher, que ahi levas,
he casada, e tem marido:
olha, traydor fementido,
que te ha de enforcar El Rey,
/376/ por que es da pequena grey,
e dormes c'uma caxorra,
que à seres tu todo porra,
naõ eras porra de ley.

2

Com Suzana te mangonas,
sem ver tua zarvatana,
que a cona da tal Suzana
naõ he como as outras conas:
e se por mais que te entonas,
naõ lhe has de burrar a tromba,
amayna, que o mar naõ zomba,
arriba, que brama o mar,
e se te queres salvar,
faze agua, naõ dés a bomba.

3

Terra, que te vay a pique,
pois sem governo a Nao geme,
e à não governa o teu leme,
por ser curto, e de alfenique:
à hum tal galeão se applique
por timão hum mastareo,
que eu sey, à qualquer boleio,
que te dê esse galeão,
/377/ te hade saltar o timão
por ser de casta pigmeo.

4

A quilha dessa Não Zorra
em quinze braças se enxargua,
e o que huma Nao pede d'agua,
pede huma puta de porra:
se heis de pedir, vos soccorra
hum Barqueyro menos pêcco
por falta do choco meco,
à que vos não abrangeis,
antes vos não embarqueis,
do que dar c'o barco em seco.

5

Esta Não, que he capitayna
fabricada em cajaiba,
nenhuma tromenta à arriba,
e nehum poder à amayna:
vos sois caravella zayna,
e intentaveis de a render?
boa à Rieis vos fazer,
porque quando em fogo arda,
cravando-vos a bombardarda

vos hade a pique metter.

/378/ Se sois caravella coxa,
Saltay, mestre em terra logo,
que para á Não caga fogo
naõ sois vos o Barbarroxa:
a vossa polvora froxa
dispara ballas tam frias,
que dellas artilharias
se está zombando a fragata,
e atraz de mayor pirata
mija em vossas alcanzias.

7

Neste mar de amor sereno
sois vos, quando Amor vos mande,
para capitaõ tam grande
o bota fogo pequeno:
naõ he o mar tam ameno,
nem tam falto de ondas tortas,
que a força de vento exortas
vos naõ ponha em tais soçobras,
que pois tendes mortas obras,
vos naõ leve as obras mortas.

8

Pois vos naõ pondes conforme,
c'o que vos prego no cabo,
/379/ ireis dormir c'o diabo,
que o diabo he, que vos dorme,
eu sim, que estou uniforme
com tanto Julho, e Agosto,
e como velho de posto
livre da venerea empreza,
tenho os meus gostos na mesa,

na cama não tenho gosto.

A Suzana

amiga do dito cayxeyro
mandando alguns presentes ao Poeta,
onde foram huas moquecas.

Decimas

1

Suzana: o que me queyreis,
que me trazeis tam mimoso,
naõ sou homem tam baboso,
que com pouco me enganeis:
que o vosso peyxe me deis,
convem, que dar-mo vos deyxé,
mas he razaõ, que me queyxé
/380/ de dar-mo, porque eu vos dé,
que naõ sou eu homem, que
a carne vos dê por peyxe.

2

A mim me tremia o cû
c'o as moquecas, naõ em vaõ,
pois sendo da vossa maõ
qualquer peyxe he Bayacú:
Jesu, nome de Jesu!
ides pescar as restingas,
e mandais-me petitingas!
ardo eu em tam vivas chamas,
que por hum môlho de escamas
hey de dar as minhas pingas?

3

Vos bom negocio intentais,
e a fe, que bem vos convinha

ver, se por posta na espinha
com espinhas me comprais:
crede, que o negocio errais,
pois pela mesma razaõ
eu fujo dessa occasiaõ,
porque sou hum homem tal,
que mettido em hum rosal
/281/ colho a rosa, e a espinha naõ.

4

Se sois a Suzana mesma
de juizo acreditado,
como imitais o peccado
com manjares de quaresma?
ao nosso Abbade ledesma
pregando na freguezia
ouvi dizer em hum dia,
(e he ja rifaõ dos Mazombos)
que a carne he, que cria os lombos,
naõ o peyxe d'agua fria.

5

Manday-me de carne hum pouco,
as gallinhas e as posturas;
que eu com minhas galladuras
vos porey franga de choco:
o mais he hum intento louco,
em que a tontice vos dá,
pois que sois velhinha ja,
e eu tenho grande jactancia,
à quem sustancia me dá.

/282/ [6]

Sou amigo do Azevedo,
prézo-me de homem fiel,

naõ lhe hey de ser infiel
por vos dar esse folguedo:
se naõ vos atocha o dedo
com que vos dorme o cayxeyro,
eu naõ tenho palmo inteYRO,
e he melhor do que eu no vicio
elle officio por officio,
e dinheyro por dinheyro.

Receosa

Suzana

das cutilladas do Poeta,

lhe pedio,

depois de ser delle gozada,

que à não satyrisasse:

mas por isso mesmo lhe desanda com estas

Decimas

1

Naõ me posso ter, Suzana,
por mais que m'õ encomendastes,
/383/ quando com migo cascastes,
que vos não cante a pavana:
fostes tam grande magana
na quelle xesmeninez,
que rebolando atravez
entendi, que em tal venida
segundo estaveis ardida,
queria vir-vos o mez.

2

Vos mesma me confessais,
que sois tam quente mulher,
que antes do mes vos correr
mais do que nunca arreytais:
e depois quando enxugais
o canal, por onde corre,
tal dezejo vos ocorre,
que se à borda ja affligida
Perico lhe naõ dá vida,
ella por Perico morre.

3

Putá, que tanto se esvay,
antes que o menstro lhe aponte,
/384/ he, que o caldo, que entrou honte,
lhe dá gosto, quando say:
bem encaminhado vay,
quem por tal vazilha bebe,
pois a sopportar se atreve,
que o gosto se lhe repita,
huma vez quando ó vomita,
outra vez quando o recebe.

4

E assim he de colligir,
quando na praya m'ó destes,
que estava, pois tanto ardestes,
o menstro para vos vir:
tomára eu sempre advertir,
e saber, quando vos vem,
e quando se vay tambem,
porque entãõ me fora a praya
a tempo que a mazumbaya
à não negais à ninguem.

/385/ Na Cajaiba

foy convidado o Poeta
com Thomaz Pinto Brandaõ,
e outro camarada mais
para irem a Pernamerim,
onde foram recebidos,
como se vê destas

Decimas

Fomos à Pernamerim
os trez de la vida ayrada
dous Irmaõs, e hum camarada
na canoa do Rolim:
chegamos ao porto em fim,
e fomos com tal grandeza
banqueteados na empreza,
que eu cri, quando isto passava,
que o homem nos esperava
ao canto, porem da mesa.

2

Tal anno, e tal abastança,
tanto dispendio em tal era,
/386/ bem mostra, que estava aespera
todo armado de papança:
investidos com pujança,
e com valor assaltados
de huns pratos bem reforádos,
que havíamos de fazer?
foy-nos forçoso morrer
a puros saca boccados.

3

Eu não podéra com migo,

nem o ventre desbastára,
se hum emplastro não botára
todas as noytes no embigo:
vira-me em grande perigo,
e na ultima fadiga,
se huma, e outra rapariga
a Catona, e a Felippa
c'ó emplasto da sua tripa
me não digire a barriga.

4

Dava-me pouco cuydado,
que aos dous Moçuelos galantes
as Moças quizessem antes,
do que a mim cego cançado:
/387/ talvez me punha amuado,
desconfiado, e zeloso,
talvez irado, e zeloso,
mas como elles se fartavaõ,
muytas vezes me largavaõ
os sobejos do seu gozo.

5

A terra he hum paraizo,
as Moças huns serafins,
noa alliviamos os rins,
porem perdemos o sizo:
a lua em todo o su riso,
quando luz na ardente zona,
não he mais galharda, e ampona,
que huma aurora, que alivia,
que sempre me amanhecia
entre os dentes de Catona.

6

Entrey no Pernamerim
muyto sáo, muyto escorreyto,
e estou hoje tam sugeyto,
que me lastimo de mim:
se hey de ir peyor, do que vim,
leve o diabo a canoa,
/388/ que me trouce sempre a proa
arrimado à hum pirajá
por ver huma Tona mâ,
deyxando huma Quita boa.

7

Eu me vou daqui benzendo,
maldizendo, e praguejando,
quantas me trazem berrando,
e por quantas vou morrendo:
hey de dizer, o que entendo,
e não me hey de arrepender,
pois não vi aqui mulher,
que não fosse em seu fretar
sempre inimiga do dar,
e amiga de receber.

8

Vou deyxando esta má terra
por outro melhor lugar,
e se a vinda foy por mar,
será a volta por serra:
quem da terra me desterra,
he aquillo, que vim buscar,
putas me haõ de desterrar
do mundo, athe descobrir
/389/ huma, que em vez de pedir
me rogue por lho aceytar.

9

Fingio-se triste Catona,
porem não chorou migalha,
que os estilos da canalha
não uza huma sabixona:
muy severa, e muy ampona
tragou esta despedida,
e nisto não foy fingida,
que como eu à enfadava,
em meter ausente, estava
pendente sua alma, e vida.

10

He verdade, que ao depois
serenou o tempo, e o dia,
e como abrandou Luzia
lhe metti na vinha os bois:
sois huma puta, não sois,
houve questaõ, houve rinha
entre as negras da cosinha,
estando todas cuydando,
que assim me hiaõ praguejando,
cosiáram-me a burbulhinha.

/390/ [11]

Chegou a segunda feyra
dia da minha partida,
e entãõ vî a minha vida
na fadiga verdadeyra:
porque chorou de maneyra
Luzia, que a ser a aurora
tam negra, e tam peccadora,
dicera, que a aurora via,
que quando nos ceos se ria,

entonces no campo chora.

12

Tanto os cavallos andáram,
que estamos nesta ladeyra,
onde foy quita a primeyra,
com quem meus olhos topáram:
the os cavallos rincháram
ledos por lizongear-me:
aqui vim alliviar-me,
e aqui cantar me ouvireis,
ja agora descançareis,
cuydados, de atormentar-me.

/391/ Entre

as serventes,
que na quella casa assistiram,
se namorou o Poeta de Catona
com todas as veras,
agora, que a vio
dedilhando renda.

Decimas

1

Pela alma dessa almofada,
que quando a cara vos vi,
Catona, me arrependi
de fazer esta jornada:
porque estais amancebada,
conforme ouço aqui dizer,
e que mais hey de eu fazer,
que querer idolatrar!
mas vos me haveis de mandar
por isso mesmo beber.

2

Tendes-me tam presioneiro,
Catona, em tal embarço
/392/ que por hum vosso pedaço
me darey eu todo inteyro:
neste vosso cativeyro,
que por docissimo entendo,
de vosso senhor pertendo,
(à quem obrigado vivo)
que me tome por cativo,
por vos estar sempre vendo.

3

A vossa cara me agrada,
o vosso rir me enfeytiça,
essa vossa anca me enguiça,
e huma só cousa me enfada:
e he, que estais tam arrimada
ao gosto do Fernandinho,
que apenas vos dê de olhinho,
quando ja vos levantais,
e renda, e bilros deyxais,
e o triste do meu bilrinho.

4

Se eu vos amo, e vos não minto,
e tudo por vos descarto,
deyxay, quem ja tendes farto,
por mim, que inda estou faminto:
/393/ n'um periodo succinto
vos direy tudo de hum lanço:
quero para meu descanso,
Catona, a vossa barriga;
quereis, que mais claro ó diga!
 façamos, Tona, hum creanço.

Sacode

zeloso o Poeta
a Fernão Roiz Vassallo,
que se contratava
com esta celebrada Catona,
sendo o violista das Putas
da quelle destrito:
porque vindo dançar com algumas
em presença do mesmo Poeta
lhe sahio o membro
por entre os trapos da barguilha.

Decimas

1

Vem vosses este Fernando,
guarte delle, que te espreyta,
/394/ que he moço, que logo arresta
ou baylando, ou não baylando:
e quem lhe dice, que quando
para baylar ó convido,
posto que saya luzido,
e posto que ayroso andasse,
queria eu, que baylasse
com seu fariseo saido?

2

Naõ vem o grande despejo,
com que o demo do priapo
sahio pelo roto trapo,
qual faminto persevejo?
eu tenho grande dezejo
de ver baylar o Gandú

mais duro, que hum Berzabú,
e se o seu lhe solluçou,
pois que me não respeytou,
porque ó não mette nó cú?

3

Naõ sabia, que a vermelha
corria por conta, e risco
dos Guapos de Sam Francisco,
à quem tudo se ajoelha?
/395/ não sabe a historia velha
por toda esta cachoeyra?
pois se à sabe, foy asneyra,
que à quem andava a baylar,
a saisse a vigiar
com pica vigiadeyra.

4

Ou cosa abarguilha em pena
deste agravo, que me fez,
ou corte o xesmeninez,
ou não bayle com Elena:
que em tudo isto ó condéna
o Sancho, que desconfia
de ver tal aleyvozia
pois com trincos bayladores
quer levantar-se as mayores

c'o a mulher, que se lhe fia.

/396/ **Fazia**

o Poeta

tais excessos por esta Catona,
que Thomaz Pinto, e outros
lhos estranháram,
e elle os increpa nestas decimas
de nescios do amor.

Decimas

1

Que pouco sabe de amor,
quem vio, formosa Catona,
que ha nessa celeste zona
astro, ou luminar mayor:
tambem a violeta he flor,
e mais he negra a violeta,
e se bem póde hum Poeta
huma flor negra estimar,
tambem eu posso adorar
nos cêos hum pardo planeta.

2

Catona he moça luzida,
que a pouco custo se aceya,
/397/ entende-se como feya,
mas he formosa entendida,
escusa-se comedida,
e ajusta-se envergonhada,
naõ he tam desapegada,
que negue à huma alma esperança,
porque em quanto à naõ alcança,
naõ mona desesperada.

3

Piza ayroso, e compassado,
sabe-se ayrosa mover,
calça, que he folgar de ver,
e mais anda a pê folgando:
conversa bem sem cuydado,
rî sisuda na occasiaõ,
escuta com attençaõ,
responde com seu desdem,
e inda assim responde bem,
he bem quista a sem razaõ.

4

He parda de tal talento,
que a mais branca, e a mais bella
dezeja torcar com ella
a cor pelo entendimento:
/398/ he hum prodigio, hum portento,
e se vos espanta ver,
que adrede me ando a perder,
da-me por desculpa Amor,
que he anjo trajado em cor,
e sol mentido em mulher.

Coroava

Catona

todos estes dotes
de huma constancia raras vezes achada
em semelhante gente,
pois guardando fê à seu amante,
punha o Poeta
em total desesperaçãõ,
de que nasceo a obra seguinte.

Romance

1

Valha o diabo o concerto,
Catona, que assim me tem
desanimado, e confuso
sem esperança, e sem fe.
/309/ Vos hum concerto fizestes
de nunca o Mano offender,
com que o negocio está feyto,
porem que hey de fazer eu.
Hey de botar-me no mar,
morrer, e perder a Deos,
enforcar-me como Judas
morrendo como infiel.
Hey de ir direyto ao inferno,
que me ha de condenar Deos
pelo peccado de amar
à huma ingrata cruel.
Querer bem não he peccado,
á vos grande culpa he,
porque se adoro à hum bronze,

idolatra venho a ser.

Morra eu, e perca a vida,
vida, e alma perderey,
e folgarey, que se perca
huma alma, que vos quer bem.

Tenho hum inferno na vida,
outro na morte terey,
na morte saõ meus peccados,
na vida vossos desdens.

/400/ Ja naõ tenho medo à morte,
da-me pouco de morrer,
porque desde que vos vi,
morro, passa ja de hum mez.

Ou neste, ou no outro inferno,
Catona, tudo he morrer,
lá pelos peccados feytos,
cá pelos que homem naõ fez.

O mal he, que nem os fiz,
nem espero de ós fazer,
nisto está o meu inferno,
que arda, quem culpa naõ tem.

Ja morro, e naõ he possivel
meu testamento fazer,
porque me tirais a falla
cada vez, que vos quereis.

Mas declaro por acenos,
que naõ vos deyxo os meus bens,
porque se vos deyxo a vos,
auto deyxada estareis.

/401/ Queria

o Poeta

divertir seus amorosos incendios
com huma Moça ali assistente,
e pedindo lhe esta
dinheyro antecipadamente
elle lhe respondeo com estas

Decimas

1

Eu perco, Nise, o socego,
e não posso isto entender,
pois vos quyxais de não ver,
e eu sou triste, o que ando cego:
que hey de ver? se do pespego
fugis com ligeyro passo?
não corrais, hum breve espaço
paray: não vos ausenteis,
deytay-vos, que vos vereis,
mais vereis, o que vos faço.

2

Eu sou vosso companheyro
nestas cegueyras impias,
/402/ pois ha mais de trinta dias,
que não posso ver dinheyro:
eu naò sou home embusteyro,
hey de-vos satisfazer,
e se quereis corrigir
a vista sem amsi antólhos,
esfregay muy bem os ólhos,
e esfregada haveis de ver.

3

Naõ me trazeis vos tam farto,
que vos deva eu hum vintem,
e em Pernamerim ninguem
paga a puta antes do parto:
vos naõ me entrais no meu quarto,
nem eu os quartos vos bato,
e naõ sou tam insensato,
que inda que faminto ando,
vos vá o pato pagando,
se sey, que outro come o pato.

4

Desta sorte, Nise ingrata,
de querer de antemaõ ver,
temo, que sempre heus de ter
na vista essa catarata:
/403/ naõ vereis ouro, nem prata,
e pois vos desasocega
o bimbo, que se vos nega,
nunca, Nise, ó heis de ver,
porque do muyto querer,
de faminta etais tam cega.

Retette

agora os seus cuydados
à mulata Luzia,
que tambem embaraçada e duvidosa
se offenderia, ou não à seu amante,
sempre se desculpava.

Decimas

1

Parti o bolo, Luzia,
que assim mesmo me accomoda,
naõ deis a fatia toda,
day-me parte da fatia:
quem pede, como eu pedia,
pede tudo, o que lhe importa,
e aceyta, o que se lhe corta,
/404/ e quem dá com manha, ou arte,
seus dados sempre reparte,
se tem mais pobres à porta.

2

Naõ he bem, que tudo eu cobre,
e he bem, que hum pouco me deis,
day-me hum pouco, alegar-me heis,
com pouco se alegra o pobre:
naõ deis cousa, que me sobre,
day-me sequer hum bocado;
mas o que vos persuado,
que deis com manha, e com arte
dando-vos, e de tal parte,
sempre será grande o dado.

3

Se à todos cinco sentidos
naõ tendes cousa, que dar,
day ao de ver, e a palpar,
os dous sejaõ preferidos:
naõ deis que ouvir aos ouvidos,
mas day aos olhos, que ver,
ao tacto, em que se entreter,
deytemos a bom partir
os dous sentidos a rir,
/405/ e os demais a padecer.

4

As maõs folgaõ de apalpar,
os olhos folgaõ de ver,
os dous logrem seu prazer,
os trez sintaõ seu pezar:
que depois que isto lograr
virá o mais por seu pê,
que inda que ninguem m'ó dê,
nem eu ó tome à ninguem,
morrerá vosso desdem
a força da minha fé.

5

Dizeis, que quereis tomar
para dar vosso conselho,
quereis conselho de velho?
nunca ó tomeis para ó dar:
os olhos se haõ de fechar
para o dar, e abrir da maõ
com razaõ, ou sem razaõ,
que os negocios, que se trataõ
com conselhos, que dilataõ,
nunca se conseguirám.

6

/406/ Se conselhos não tomais,
quando alvedrios rendeis,
como conselhos quereis,
quando alvedrios pagais?
sem conselho me matais,
e dais-me a vida em conselho?
este estilo he ja tam velho
na escolla da tyrannia,
que da mais tyranna arpia
podereis vos ser espelho.

Torna
o Poeta
a investir à Catona
lançando o resto de seus empenhos,
e ella para se desculpar
Ihe respondeo,
que estava menstruada

Decimas

1

Estou triste, e solitario
esperando pelo baque,
/407/ que ha de dar, Tona, esse achaque,
que em vos he mal ordinario:
sangue, que tem oitavario,
festa solemne parece;
com que saber se me offrece,
porque razão me convenha,
que à vos o sangue vos venha,
e seja eu, quem ó padece.

2

A vos, Tona, vem o mal,
e em vez de mal vos faz bem,
e à mim, que nunca me vem,
me he tam prejudicial:
so eu sou tam animal,
tam cavallo, e tam rucim,
que quando vos chega em fim
o mez pelo Kalendario,
em vos corre de ordinario,

porem corre contra mim.

3

Se vos vejo desta vez
tal, que he força, vos maltrate,
/408/ vaya: mas que à mim me mate,
que tenho eu com vosso mez?

Se mereço por cortez
ou pela força da estrella,
que me deis huma titella,
day-ma com sangue, ou sem sangue,
que eu irey ao pé de hum mangue,
e lá me haverey com ella.

4

Eu lá a irey cozinhando
de sorte, que o vosso dado
com ser de sangue queymado,
naò me ande o sangue queymando:
à mim que me dê, que quando
fizermos o catatao,
saya o farizeo tam mao,
que seja cousa precisa
alimpa-lo na camisa,
ou na esquina de hum calhao?

/409/ Buscando

por outra parte
o remedio para seu mal,
se desculpáram outras
com o mesmo achaque

Decimas

1

Que febre tem tam tyranna
as Moças deste lugar,
que se estaõ sempre a sangrar
na vea d'arca conana?
a doença he tam infana,
frenetica, e aluada,
que a cada lua passada
torna logo o sangue a vir,
sem a vea se ferir
porque está sempre aventada.

2

Eu nunca pude alcançar,
como ellas ficaõ sangradas,
sem levarem lancetadas,
antes fogem de ás levar:
/410/ cada mez à vem sangrar
com seus dous cornos a lua,
e sem lanceta, nem pua
o sangue por si se escorre,
sua, e parece, que corre,
corre, e parece, que sua.

3

O sangue em bom portuguez
com letras bem rubricadas

depois de muytas pennadas
poem na fralda: aqui fou mez:
chega hum galante cortez
ao templo do Amor entã
a fazer adoraçãõ,
e qual sacristaõ mayor
descobre o paynel de Amor,
e acha huma degolaçãõ.

4

Isto sem tirar, nem pór
me succedeo sempre a mim
no grande Pernamerim,
onde está o templo de Amor:
e entrando no interior,
do templo, que eu fabriquey,
/411/ hum rio de sngue achey,
puz-me entã a esperar,
que vaze para o passar,
naõ vazou, nunca ó passey.

Queyxa-se
finalmente
de achar todas as Damas menstruadas.

Romance

Que tem os menstros com migo?

Ordinarios que me querem,
que de ordinario me mataõ,
e cada hora me perseguem?

Estive os dias passados

esperando por hum frete,
tardou, naõ veyo, enganou-me,
costume de más mulheres.

Fuy logo saber a causa,

e no caminho lembrey-me
de fazer este discurso,
que he cousa, em que lido sempre.

/412/ Esta mulher me fallou;

aposto, que ha de dizer-me
que está hum disciplinante
desde o Joelho the o ventre?

Meu dito, meu feyto: fuy,

entrey, e ao ver-me presente
me dice logo a velhaca
carinhosamente alegre:

Ay meu senhor da minha alma,

nada póde hoje fazer-se,
dey palavra hontem de tarde,
e a noyte me veyo elle.

Quem he elle? perguntey;

faz vosse, que não entende?
dice ella; quem ha de ser?
o hospede impertinente.

Hum hospede, que nas luas
me visita, e me accomette
com tal furia, que me poem
de sangue hum rio corrente.

Estou-me esvaindo já
em borbotões tam perennes,
que pelas pernas descendo,
ambos os talões me enche.

/413/ Botey pela porta fora,
e no primeyro cazebre
me colhi de huma putayna
mais negra do que hum pivete.

Entrey pela porta dentro,
fuy para a cama, e deytey-me,
que as negras tambem tem cama,
se são putas macatrefes.

Chamey-a, acodio-me logo,
e me dice cortez mente,
não estou para deytar-me,
basta, que me atravece.

Atravessou-se me aos pés,
e ficou como huma serpe,
coxim para os meus coturnos,
para o meu corpo alicerce.

Olhey para a negra então,
e dice com migo os mezes
contra mim se deram de olho,
pois tam juntos me perseguem.

Naõ era o discurso feyto,

quando ella me dice = ecce =
mostrou-me a fralda com sangue
mais negro do que huma peste.

/414/ Puz-me logo no pedrado,
e comecey a benzer-me
no diabo, que em figura
de ordinario me persegue.

Fuy-me para a minha casa,
e no dia subsequente
me escreveo certa senhora,
que huma palavra lhe desse.

Como era minha senhora,
fuy eu logo obedecer lhe,
fiz lhe a visita na salla,
e fomos para o retrete.

Vî ali a sua cama,
vinha cançado, deytey-me,
e deytou-se ella com migo,
de que fiquey muy contente.

Mas na maõ, que lhe corri
junto ja do sarambeque,
me agarrou ella, e me dice
tâ, que estou porca doente.

Valha-me a Virgem Maria,
que achaque póde ser este?
aluada estou (dice ella)
mas em meu juizo sempre.

/415/ Fiquey tam desesperado,
que se ella me não promette
de estar boa ao outro dia,
não chegar a coutros mezes.

Que tem os menstros commigo?

que casta de achaque he este,
que nunca à ninguem matou,
quando de contino fere?

A quem succede no mundo
isto, que à mim me succede?
pois trez mezes me passáram
dentro em dous dias somente.

Torney lá no outro dia,
e achey a pobre doente
muy seca para a visita,
muy humeda para o frete.

Vim, e fuy terceyra vez,
e se fora trez mil vezes
c'o a mesma sangria achara,
e c'os mesmos accidentes.

Que contracto fez a lua
de arrendamento às mulheres,
para lhe estarem pagando
a pensaõ todos os mezes?

/416/ Despedi-me da mulher
daqui para todo o sempre,
e vendo-a passada entonces
lhe dice os males presentes.

Vicencia, discreta sois,
mas não sey, se me entendestes,
para huma vida tam curta
duram muyto os vossos mezes.

Torna

o Poeta

outra vez a tentar a Catona
por estilo deshonesto,
de que as vezes melhor se paga
semilhante gente.

Motte

Castello do poente neste,
todo o meu metti em ti,
por amor do calco-te este,
Menina, venho eu aqui.

Gloza.

Trinta annos ricos, e bellos
cursey em outras idades
varias universidades,
pizey fortes, vî castellos:
ao depois os meus desvellos
me trouceram à esta peste
do patrio solar, à este
Brazil, onde quiz a sorte,
que eu visse o antigo forte
Castello do poem te neste.

2

Vî logo a forte muralha,
Catona, em teu duro peyto,
que por força, nem por geyto
venci em tregua, ou batalha;
com soldadesca canalha,
quanto tinha, despendi;
obrey lá, dispuz aqui
o cuydado, a manha, a arte,
e sem fiar de ganhar-te
Todo o meu metti em ti.

3

Saõ pensões, de quem guerrea,
tudo causa a ley da guerra,
/418/ o socego se desterra,
perde-se jantar, e cea:
e quando a guerra se atea,
segue-se a fome, e a peste,tudo se soffre por este
pundonor de te alcançar,
e tudo hey de sopportar

Por amor do calco te este.

4

Fuy mao general the agora,
porque fiz, Catona, a guerra
em paiz allhey, em terra,
onde vos sois tam senhora:
hey de sair da qui fora
armado à Pernameri,
e sendo fronteyro ali
a trombeta hey de cantar,
que para de vos triunfar,

Menina, venho eu aqui.

/419/ Exagera

o Poeta
seus amores à Catona
em occasiaõ, que ella se queyxava
de huma dor de dentes

Decimas

1

Partio entre nos Amor
por naõ haver desavença
a mim a dor da doença,
à vos da doença a dor:
mas que mal seja o peyor
destes males repartidos
naõ ó sabem o meu coração,
que vos daveis a occasiaõ,
eu vos mandava os gemidos.

2

Vos tinheis a dor de dente
no dente, que vos do hia,
e eu n'alma tinha a agonia,
pois vos amo ardentemente:
/420/ qual de nos mayor dor sente
minha alma volo dirâ,
e entendido ficarâ,
que era a minha dor mayor,
por ser n'alma, porque amor
n'alma nasce, e n'alma mora.

Pertendia

o Poeta

retirar-se para a villa de S. Francisco
e vendo as durezas de Catona,
lhe faz este memorial de finezas.

Decimas

1

Naõ vos pude merecer,
porque naõ pude agradar,
mas eu hey de-me vingar,
Catona, em mais vos querer:
vos sempre a me aborrecer
com odio mortal, e atroz,
e eu a seguir-vos veloz:
se sois veremos emfim
/421/ mais firme em fugir-me a mim,
que eu em seguir-vos à vos.

2

Quizera-vos persuadir,
como vos haveis de haver,
que sou mais firme em querer,
que vos ligeyra em fugir:
eu naõ hey de desistir
desta minha pertençaõ,
quer vos à aproveis, quer naõ,
porque ver-me importaria,
se talvez faz a porfia,
o que naõ faz a razaõ.

3

Mil vezes o tempo faz,

o que à razão não conveyo,
metterey o tempo em meyo,
porque elle nos metta em paz:
vos estais muyto tenaz
em dar-me hum, e outro não,
e eu levado da affeyção
espero tempo melhor,
onde, o que não obra amor,
vença o tempo, obre a razão.

/422/ [4]

Catona, minha esperança
me dá por consolação,
que espere: porque o rifaão
diz, que, quem espera, alcança:
tudo tem certa mudança,
o bem males ameaça,
o mal para bem se passa,
que como a fortuna joga,
o braço, que hoje me afoga,
talvez que amanhã me abraça.

Deyxa

recomendado à Thomaz Pinto
as deligencias de abrandar a Catona,
e se despede de Pernamerim
em hum cavallo chamado o Tainha.

Romance

A Deos, meu Pernamerim,
que me vou sobre o Tainha
engasgado em crueldades,
espinhado em tyrannias.
/423/ A Deos visinhos do pasto,
que na varanda de cima
nos matávam a marrâa,
e à comemos de rebimba.
A Deos rica cachoeyra,
onde a vermelha cohabita
c'o peregrino, que passa,
c'o mercador, que à visita.
A Deos casa principal,
aos olhos nunca escondida,
por ser sobre o monte posta,
como se canta na missa.
A Deos, Catona bizarra,
a Deos gente da cosinha,
a Deos putissima samba,
e honestissima Luzia
A Deos Gracia faltadeyra,
bem que com graça infinita,
a Deos a coutra may Monda,

que se chama Clara Dias.

A Deos Moçorongo alegre,
e Fofô da estribaria,
a Deos Barrozo de baxo,
a Deos Catuge de cima.

/424/ A Deos, oh fresca varanda,
onde suga a rapazia
castanhas com mil trapaças,
e trapaças com mil brigas.

A Deos Maria Pereyra,
que sempre à mesa assistias
diligentemente alegre
c'o a comida, e c'o a bebida.

A Deos Brites gavachona,
que inda que sois concubina
do Gabriel, que vos sangra,
nunca vos deyxa ferida.

A Deos terras agradaveis
cheyas de canas tam ricas,
que estaõ dizendo, comey-me,
à quem passa, à quem cominha.

A Deos Ighes amoadada,
que por huma negra pinga
trez dias me não fallaste,
e me xingaste trez dias.

Morto de vossas saudades
me vou por essas campinas
a risco de chegar morto,

se não fora no Tainha.

/425/ Chegando

o Poeta
a villa de Sam Francisco
descreve os divertimentos,
que ali passava, e em que se entretinha.

Soneto

Ha cousa como estar em Sam Francisco,
Onde vamos ao pasto a tomar fresco,
Passaõ as negras, falla-se burlesco,
Fretam-se todas, todas caem no visco.
O peyxe roda aqui, serve o marisco,
Come-se ao grave, bebe-se ao tudesco,
Vem barcos da cidade com refresco,
Ha já tanto biscouto como cisco.
Chega o Faisca, falla, e dá hum chasco,
Começa ao dia, acaba ao lusco,
Naõ cança o paladar, rompe-me o casco.
Joga-se em casa em sendo o dia brusco,
Vem chegando-se a Pascoa, e se eu me empasco,
Os lombos de hum Tatú he o pao, que busco.

/426/ Teve

naquella villa
noticia de hum Pedreyro
que desestimava hua pobre mulher,
que por desgraça lhe cahio nas mãos,
ella offendida do seu máo termo,
se retirou em despique
para o poder de hum homem de bem,
onde melhorou de estimaçaõ,
ao que fez o Poeta as seguintes

Decimas

1

Senhor Mestre de jornal,
quem vir o seu coração,
dirá logo, que he torraõ,
naõ obra de pedra, e cal:
e se acaso por meu mal
naõ foy constante com migo,
sendo pedra, e cal com sigo,
caya, e quebre a bom conselho,
que assim faz hum muro velho,
e assim o cazebre antigo.

/427/ [2]

Se lá trata caens surrados,
e cuyda, que me dê pique,
eu tomo por meu despique
tratar com homens honrados:
os seus jornâes acabados,
acabou-se lhe a comenda:
eu tenho segura a renda,
porque hum homem principal

sem suar com pedra, e cal
dâ muchissima fazenda.

3

A Dama do jornaleyro
muyto sua, e pouco medra,
cuyda, que pega na pedra,
se à mão toma à hum pedreyro:
eu dey n'um mao paradeyro,
mas soube-me retirar,
que se me deyxo beyjar
do pedreyro, que me toca,
fora metter-me na bocca
pedra, e cal para amassar.

4

Lá faça a sua bambolha,
onde ha tam porca mulher,
/428/ que pela sua colher
vâ comendo sobre a trolha:
eu câ como a limpa ôlha
muy limpa, cheyrosa, e grata,
e ao menos colher de prata,
e sou tam firme em pagâ;p.
que regallo por regallo
cuydo, que não fico ingrata.

5

Graças a Deos, que me soa
a limpeza o meu amor,
e me não fede o suor
do pedreyro, que me enjoa:
ja agora me sinto boa,
ja agora o gosto me pede,
que seja formosa adrede,

pois feya talvez se pára
a mulher, que troce a cara,
tendo amante, que lhe fede.

6

A Deos pois, meu Pedreyrinho,
a Deos, meo colher, e trolha
a Deos caldo de má ôlha,
a Deos triste rapozinho:
/429/ que eu posta no meu cantinho
entre os meus mariscadores
como os mariscos melhores,
o bom peyxe, e não o mao,
nem o duro bacalhao
de pedreyros malhadores.

Fugindo

huma Mulatinha
com o sugeyto, que à tinha forrado,
descreve o Poeta
os excessos, e sentimento,
que mostrava huma Fulana de Lima
sua Senhora.

Decimas

1

Fonseca. Senhora Lima, o que tem,
que amanheceo tam sentida?
diga-me por sua vida,
assim Deos lhe faá bem:
diga-me qual he, e quem
lhe causa tanta tristeza?
/430/ por quanto eu por natureza
sinto, se he ingrátidaõ,
ou talvez murmuraçaõ
dessa sua subtileza.

2

Lima. Que hey de ter, minha Fonseca?
hum tormento, que me mata.
Fugio Maria a mulata,
porque ja não quer ser pêca:
despedio-se assim tam seca.

Fonc. Não chore, que ellavirá.

Lim. Jesus! que o mundo dirá!
que à mandey a Sôr Martinho.

Fonc. Veja em casa do visinho.

Lim. Meu Estrella, tem-na lá?

3

Estr. Quem, Senhora, cá tam sedo?

Lim. Flavia, Senhor, pergunto,
que não sey, se algum defunto
m'a levou tanto em segredo.

Ay vida cançada! Ey medo
pelo que se ha de dizer.

Onde se iria esconder,
se ella não sabe caminho,

/431/ nem carreyra? Meu visinho,

Estrel. Senhora Lima! Lim Que hey de fazer?

4

Lim. Chica, que he de Flavinha?
dize, negra do diabo.

Vay vê-la, se não teu rabo
pagará por vida minha:

Chic. Eu não sey da mulatinha,
nem me entendo com papeis;
quem deo cincoenta mil reis
à deve de ter em casa,
porque aqui nunca fez vaza.

Lim. Oh putona, isso dizeis?

5

Chic. Digo, que Maria he forra.

Lim. Ha de ser, quando eu morrer,
que isso está no meu querer;
calla essa bocca, cachorra:
traga-me aqui logo, e corra,
que hey de quebrar lhe o focinho.
Tem-na lá, senhor visinho,
a minha Flavia, Senhor?

Estr. Fugio perdida de amor

pela manhã muy sedinho.

/432/ Retrato

do rico feytio
de hum celebre Gregorio de Negreyros,
com quem gracejava o Poeta,
e em quem muytas vezes falla.

Romance

Eu vos retrato, Gregorio,
desde a cabeá a tamanca
c'um pincel esfarrapado
n'uma pobrissima tabua.
Tam pobre he vossa gadelha,
que nem de lendias he farta,
e inda que cheya de aneis,
saõ aneis de piaçaba.
Vossa cara he tam estreyta,
tam faminta, e apertada,
que dá inveja aos Buçacos,
e que entender as Thebaidas.
Tendes dous dedos de testa,
porque da testa a fachada
quiz Deos, e a vossa miseria,
que não chege a polegada.
/433/ Os olhos dous hermitães,
que n'uma lobrega estancia
sempre fazem penitencia
nas grutas da vossa cara.
Dous arcos quizeram ser
as sobrançelhas, mas para
os dous arcos se acabarem,
athe de pêllo houve fallas.

Vosso Pay vos amassou,
porem com miseria tanta,
que temeo a natureza,
que algum membro vos faltára.

Deos-vos tam curto o nariz,
que parece huma migalha,
e no tempo dos catarros
para assoar-vos não basta.

Vos devieis de ser feyto
no tempo, em que a lua anda
pobrissima ja de luz,
correndo a minguante quarta.

Pareceis homem meminho,
como o memimho da palma,
o mais pequeno na lua,
e o mais pobrezinho em casa.

/434/ Vamos aos vossos vestidos,
e peguemos na caáca
com tento, porque sem tento
à leva qualquer palavra.

Anda tam rota, Senhor,
que tenho por cousa clara,
que no tribunal da Rota
de Roma está sentenciada.

A vossa grande pobreza
para perpetua lembrança
dedico á de Manuel Trapo,
que foy no mundo afamada.

Namorou-se
do bom ar
de huma Criolinha
chamada Cipriana, ou Supupema,
e lhe faz o seguinte

Romance

Criolla da minha vida,
Supupema da minha alma,
/435/ bonita como humas flores,
e alegre como humas pascoas.

Naõ sey, que feytiço he este,
que tens nessa linda cara,
a gracinha, com que ris,
a esperteza, com que fallas:

O garbo, com que te moves,
o donayre, com que andas,
o aceyo, com que te vestes,
e o pico, com que te amanhas:

Tem-me tam enfeytiçado,
que a bom partido tomára
curar-me por tuas mãos,
sendo tu, a que me matas.

Mas naõ te espante o remedio,
porque na vibora se acha
o veneno na cabeá,
de que se faz a triaga.

A tua cara he veneno,
que me traz enfeytiçada
esta alma, que por ti morre,

por ti morre, e nunca acaba.

Naõ acaba, porque he justo,
que passe as amargas ansias
/436/ de te ver zombar de mim,
que a ser morto naõ zombáras.

Tam infeliz sou com tigo,
que afim de que te agradára,
fora o Bagre, e fora o negro,
que tinha as pernas inchadas.

Claro está, que naõ sou negro,
que a sê-lo tu me buscáras;
nunca meu Pay me fizera
branco de caguxo, e cara.

Mas naõ deyxes de querer-me,
porque sou Branco de casta,
que se me tens cativado,
sou teu negro, e teu canalha.

Como esta
nenhum caso fez do Poeta
divertida com outros de sua qualidade,
lhe desanda com estes

Epilogos

1

Quem deo à Pemba feytiços?	Mestiços.
/437/ E quais são os seus objectos?	Pretos.
Quais delles lhe são mais gratos?	Mulatos

He logo de caens, e gattos
e Pemba por seu desdouro,
pois lhe vão somente ao couro
Mestiós, Pretos, Mulatos.

2

Que são da testa as corcomas?	Somas.
Ella diz, que são vertiges.	Impiges
É lá dentro das alcobas?	Bobas.

Bem merece hum par de sobas,
pois com quantos se pespega,
cada qual delles lhe pega
Gomas, Impiges, e Bobas.

3

Ella he bandarria, e ayrosa	Golosa.
Mas he linda sem disputa	Putá
Nenhuma parte à abona?	Mijona.

Day-vos ao demo a putona,
à quem o mesmo diabo

lhe chama por menos cabo
Golosa, Puta, Mijona.

4

Quem à leva ao Quicauabo? o diabo,
/438/ La tem o amigo vinagre Bagre
E quem lhe leva o balayo! o Cambayo.

Por isso vay como hum rayo
huma legoa caminhando,
porque à vaõ acompanhando
Diabo, Bagre, Cambayo.

5

Quem lhe despeja o alforge o Jorge
Outro ha, com quem mais me aturdo o Surdo.
E outro mais de quando em quando. o Quibando.

Naõ vi putaõ mais nefando,
pois todos seus sarambeques
vay fazer com trez moleques
o Jorge, o Surdo, o Quibando.

Que lhe daõ tam fracas linhas? Sardinhas
Nenhuma cousa mais quiz? Ciriz.
Por tam pouco tantas bulhas? Agulhas.

Eu creyo, que isto saõ pulhas,
que negra de entendimento
naõ toma por pagamento
Sardinhas, Ciriz, e Agulhas.

7

Ella tem Jorge escolhido Por marido

/439/ E de mais ò quer com sigo Por amigo.

Elle diz, que ha de ser forro

Por caxorro

Eu de ouvir isto me morro,
pois ella o negrinho quer
para o mesmo tempo ser
Marido, Amigo, e Caxorro.

Manda lhe

Thomaz Pinto
desde Pernamerim
este romance, recordando,
o que o Poeta lá passáva.

Romance

Ao pasto de Santo Antonio
vieram quatro quadrilhas,
todas quizeram luzir,
e só Luzia luzia.
Vinhaõ por guias da daná
a Catona, e a Betica
cantando irmamente alegres
pelo mar hia Maria.
/440/ Vinhaõ logo Igenes, e a Samba
duas putonas malditas,
que qualquer pelas sanzallas
negregada pinga pinga.
E por remate de todas
vinha, a garlharda Luzia
tam outra, que entã se vio,
que, se Amor à vira, vira.
Toda a casa se alegrou,
todos molhamos as picas,
houve hum consolo geral
nas putas, que a pica pica.
Naõ vou de Pernamerim,
sem ver por essas cosinhas
penduradas as marrãas,
e as cabritas as cabritas.

Tam alegre sexta feyra
naõ vi em todos meus dias,
porque tivemos na cea
sobre tainha tainha.

Fomos buscar a vermelha,
que esperava na cosinha
hum negro, para que, quando
lhe cossar a impinja, impinja.

/441/ A puta naõ quiz sair,
sendo, que estava saida
pelo negro, que aguardava,
à quem com vida convida.

C'os olhos na refestella
todo o mundo me esquecia,
porque de Luzia o emprego
memorias de Quita quita.

Viamo nos muyto embora,
hum que salta, outro que brinca,
porque o gimbo, que pedio,
muyto mais que ortiga ortiga.

Mas embaxo ja chegados
de moto proprio Luzia
mostrou, que estava sem causa
por tam fementida tida.

O Doutor à consolou,
fazendo marital vida,
e entaõ confessáram todas,

que só Luzia luzia.

/442/ Responde

o Poeta

todo saudoso à Thomaz Pinto.

Tercetos

Gostou da vossa lyra a minha Musa,
Gostou sim pela vida de huma Tona,
Que a custa do seu sangue se me escusa.
Vos devieis lavar-vos na Heliconia,
Ou beber nas otrrentes do Pegaso,
Segundo a vossa Musa he folgasona:
Mas senti, que caisses no fracazo
De me não dares novas de Luzia
A tim tim por tim tim, caso por caso.
Se imaginastes, que ó não sentiria,
Porque hum ausente morto se reputa,
Enganou-vos a vossa fantezia:
Que eu sou fino berrante sem disputa
De tudo, o que são femeas, e mulheres,
Seja a puta qualquer, se he minha puta.
Quem goza, como vos, tantos prazeres
De tanta femea embaxo tam servido,
/443/ Dormindo sobre tantos bem me queres.
Bem se zomba do pobre foragido,
Que rendido ao bom ar de huma Catona
Nem por toque se vio favorecido.
Hora vede os poderes de huma cona,
Que me vejo cercado de peyxeyras,
E estou mais trystalhaõ, do que huma mona.
As putinhas daqui são mulambeyras,
E fedem ao peyxum como os diabos,

E importa pouco serem gritadeyras.
Em chegando do repuxo dos quiabos
Fica lhe a fralda hum lago de ensopada,
E vam-se humedecidas pelos rabos.
Amor me leve a cachoeyra honrada,
Onde a vermelha enxuta de pentelho
Toda a conana traz polvorizada.
Leve-me Amor a ver no lindo espelho
De Luzia, que cheyra em se deytando,
Qual se nunca metterá de vermelho.
Moás desse paiz me estaõ lembrando,
De Catona a fidalga gravidade,
A não saber mentir de quando em quando.
Que de gabos lhe dera na verdade,
Se o catuge esperára huma só hora,
/444/ E não fora com tal celeridade.
Mas vos fazey presente à tal Senhora,
Que aqui me estou morrendo por beyja-la
Naquelles dentes perolas da Aurora:
Naquella bocca aljofar de Bengalla,
E que espero, que Amor me hade dar hora,
Em que ella metta a mão na consciencia;
Porque, quem me pario, me diga agora,
Que sou servo de vossa Reverencia.

Festeja

huma pipa de vinho,
que entrou no convento de S. Francisco
daquella villa.

Decimas

1

Na nova Jerusalem,
na nossa Cidade Santa,
onde Sam Francisco planta
mais virtudes, que ninguem:
veyo sobre hum palafrem
de madeyros bem lavrado
/445/ hum Rabi, rubi empipado,
que por nos ser promettido,
foy com ramos aplaudido,
e entre palmas festejado.

2

O Pissarro sacristaõ
hia com a cruz alçada,
que he cerimonia forçada
em tam alta procissaõ:
para os tocheyros entaõ
dous leygarrões convocamos
o Rabello, e o Doutor,
que a Dominga do Thabor
transfigurou na de Ramos.

3

Criaõ os mais farizeos,
que o vinho das malvazias
era em verdade o Messias

esperado pelo seus:
por esta causa os sandeos,
como o vinho entrava ja,
cuydando, que era o Maná,
qualquer com galhofa interna
/446/ com seu ramo de taverna
Ihe hia cantando hosanna.

4

Como a procissão chegasse
ao refeitorio, e ali
esperasse o tal Raby
por hum burro, que o levasse,
naõ faltou na quella classe
hum burro de boa idea,
que trazendo a taá cheya,
soube mudar o Senhor
detre as glorias do Thabor
ás bodas de Galilea.

4

O nosso Miguel Ferreyra
por ser do corpo pigmeo
fez figura de Zaqueo
trepado sobre a figuryra:
vendo a sua borracheyra,
e haver ja bebido hum tacho,
Ihe dice o Raby, Borracho,
descende, que desta vez
tendo entrado portuguez

has de sair hum gavacho.

/447/ A Pendencia

que teve Marianna de Lemos com Vicencia
por respeyto de Antonio de Moura
a que acodio hum cap.^m hypocrita
que trazia hum crucifixo ao pescoço

Decimas

1

Botou Vicencia huma armada
de huma canoa, e dous remos
contra Maranna de Lemos,
que estava n'umma emboscada:
por huma encoberta estrada
entrou no reducto, e logo
o capitaõ dice = fogo:
e vendo arder o seu fato
o capitaõ, que he beato,
tomou as de villa Diogo.

2

Por Diogo Pissarro grita,
que acuda a casa queymada,
que Vicencia vinha assada
por ver a Maranna frita:
/448/ Pissarro, que perto habita,
entrou, e vendo as disputas
de putas tam dissolutas,
dice (porque ellas teymaõ)
ah que d'El Rey, que se queymaõ
de ciumes duas putas.

3

Maranna à nenhum partido
a praça quiz entregar,

que he soldado singular
nas campanhas de Cupido:
Vicencia tinha vencido,
pois entrou na fortaleza,
mas Deos sabe, o que lhe peza
de não poder conseguir,
haver entãõ de sair
com armas, e mecha accessa.

4

Naõ pôde dizer lhe ali
esta honra militar,
que Maranna por se armar
quize a mecha para si:
o que ha, que notar aqui
he, que huma, e outra velhaca
/449/ dando tam grande matraca,
e o centinella, que brama,
o General sobre a cama
roncava como huma vaca.

5

Se he certo, que o General
em tal conflicto roncou,
he, que a prima noyte andou
visitando o arraya:
como por todo o arrebaldado
andou qual Jacurutu
sempre a espera de hum Tatú,
que do laço lhe escapou,
com p[^]leve se destou,
dormio com pezado cú.

6

Vicencia a passos contados

perdeo a praça, e a preza,
porque he por sua simpleza
moça de bofes lavados:
mas o capitão dâ brados
de lidar sempre com isto
e de hum, e d'outro antechristo
se dezeja em liberdade,
/450/ como ha de ver, se há verdade
nas cartas, e no seu Christo.

A Caridade

com que esta mesma Cicencia
agazalhava trez amantes.

Soneto

Com vossos trez amantes me confundo,
Mas vendo-vos com todos cuydadosa,
Entendo, que de amante, e amorosa
Podeis vender amor a todo o mundo.
Se de amor vosso peyto he tam fecundo,
E tendes essa entranha tam piedosa,
Vendey-me de affeyção huma ventoza,
Que he pouco mais que hum selemin sem fundo.
Se tal compro, e nas cartas ha verdade,
Eu terey quando menos trinta Damas,
Que infunde vosso amor pluralidade.
E dirá, quem me vir com tantas chamas,
Que Vicencia me fez a caridade,
Porque o leyte mamey das suas mamas.

/451/ Baxa

que deram á esta Vicencia,
por dizer-se
que exhallava mao cheyro pelo suvacos,
e se foy metter com Joanna Gafeyra.

Soneto

Lavay, lavay, Vicencia, esses suvacos,
Porque li n'um pronostico almanaque,
Que vos trezanda sempre o estoraque,
E por isso perdestes casa, e cacos.
Hoje que estais visinha dos buracos
Das pernas gafeyrães, dareis môr baque,
Que tanta caca hey medo, que vos caque,
E que fujaõ de vos thê os macacos.
Tratay de perfumar-vos, e esfregar-vos,
Que quem quer esfregar-se, anda esfregada,
Senaõ ide ser Freyra, ou enforcar-vos.
Porque estâ toda a terra conjurada,
Que antes de vos provar, haõ de cheyrar-vos,
E lançar-vos ao mar, se estais damnada.

/452/ Intenta
agora o Poeta
desaggravar a Vicencia
justamente sentida dos seus versos.

Romance

Os vossos olhos, Vicencia,
tam bellos, como crueis
saõ de cor tam exquisita,
que não sey, que cor lhe dê.
Se foram verdes, folgára,
que o verde esperança he,
e tivera eu esperanças
de hum favor vos merecer.
Os azuis de porsolana
força he, que pezar me dem,
que porsolananas não servem,
onde não hey de comer.
Se saõ negros vossos olhos,
he ja luto, que trazeis
pelos homens, que haveis morto
a rigores, e a desdens.
/453/ Mas sendo tais olhos pares,
no mundo outro par não tem,
pois nem os Pares de França
podem seus escravos ver.
Se os vossos olhos se viram
hum a outro alguma vez,
como se namorariam?
e se quereriam bem?
Que de amores se diceram
hum á outro, e que desdens!

meus olhos se chamariam,
meu sol, minha luz, meu bem.

Hum pelo outro chorando,
ambos chorariam, que
quando os olhos vem chorar,
força he, que chorem tambem.

Mas por isso a natureza
cautellosamente fez
entre os olhos o nariz,
com que os olhos se não vem.

Que se hum a outro se viram,
Vicencia, tivera eu
no pezar dos vossos olhos
a vingança, que hey mister.

/454/ A Huma
pendencia
que tiveram dous amantes
a vista da Dama
junto ao convento de S. Francisco.

Decimas

1

Dizem, que muyto elevado
hum amante se ostentava,
quando se considerava
ver-se de huam Flor amado:
eis que chega hum disfarçado
com passo tam deshumano,
ferra a gavia, larga o pano,
vem chegando surrateyro,
vay-se ao patacho veleyro,
emprega n'elle seu daño.

2

Pegou na escola co'a mão,
e bem fora de notar,
que na mão quiz demosntrar,
o quanto deve ao Sansaõ:
/455/ Correo, he clara questaõ
este Adonis desdiccado,
e vendo o Sansaõ deyxado
o posto, se retirou,
quando Sansaõ golpeou
o dedo do assignalado.

3

E vendo-se desta sorte

ferido o triste zagal
naõ pôde executar mal,
porque teme o triste a marte:
chegando entaõ Pedro forte
deyxa o capote sem tento,
corre a popa sem ter vento,
porque no porto, claro he,
que the ficava hum giné
carregando mantimento.

4

Perico entaõ se prepara
com pedras, que ja trazia,
e cuydando ó estendia,
ao Sansaõ pedras dispara:
as pedras Sansaõ repara,
e dellas sendo livrado
/456/ em ira, e rayva abrazado
vem co'a espada o crioulete
rompe lhe o casco ao casquete,
rompe o frizaõ ao frizado.

5

O Adonis, que no seu posto
deyxou vigia de espaço
correio com grande trespasso,
e co'a vergonha no rosto:
o Guiné com seu desgosto
vendo-se tam assombrado,
das pedras desemparado,
e o companheyro ferido
mostra estar arrependido
por se ver bem castigado.

6

Ja perdido, e envergonhado
corre com tal ligeireza
dizendo, que com presteza
Eia buscar o traçado:
porem bem considerado
era medo tudo isto,
porque a morte tinha visto
na quella espada tam feya,
/457/ cuydando por não ter cea
iria cear com Christo.

7

Chega a casa o beberrica,
e com a espada se amayna,
lança mão da tarantayna
para espeto cousa rica:
estava em casa Joannica,
e vendo-o isto fazer
lhe diz, tu podes morrer,
meu bem, com essa ferida,
e sem ti, que es minha vida,
como poderey viver?

8

Porem Pedro resolutu
naõ ouviu rogos de Joanna,
porque com rayva inhumana
sahiu como hum forte bruto:
o Sansaõ como era astuto,
foy-se sem ver o tal cam,
e Pedro como asneyraõ
o que quer poem-se a dizer,
que hum Sansaõ era em poder,

Pedro no ralho hum Sansaõ.
/458/ O Adonis como temia,
se por de largo a escutar,
e se vamos a fallar,
do canto fez a vigia:
e sem saber quem servia,
se ocultou, e claro he,
que não chegava, porque
o tal vulto ali estava,
e de muyto não fiava
o primor do seu Guiné.

10

A Venus, que da janella
tinha tudo bem notado
chorava o seu desgraçado
por largar aos pes a vela:
com pezares se arrepella
chora, geme, e se entristece,
e quanto mais se enfraquece
com dores pelo galante,
entaõ de veras amante
com accidentes fenece.

11

Mas ao depois conhecendo
o Adonis o seu Guiné
/459/ em fé, que Sansaõ não he,
chega-se a elle, dizendo:
meu amigo, estou tremendo,
do Sansaõ estou ferido,
de forças enfraquecido,
pois escapey lhe fugindo,
e inda agora estou sentindo

daqui o ficar despido.

12

Careci de lingua, e voz

para o caso referir,

que sendo digno de rir,

foy caso tremendo, e atroz:

porem peço, que entre nos

este successo feneça,

pois não quero se entristeça

a Dama com tais aballos

pois fizeram trez cavallos

e seu jogo de trapeça.

/460/ Respondeo

Thomaz Pinto
a recomendação do Poeta,
que a dureza de Catona
nenhum remedio tinha,
pois cada vez estava mais firme.
Ao que elle fez este

Soneto.

Oh que esvaida trago a esperança
Depois das tristes novas de Catona,
Nas quais a vossa Musa desabona,
E me despede toda a confiança.
Eu á amava com força, e com pujança
Por bizarra, graciosa, altiva, ampona;
Nunca á mulher finezas galardona,
Nunca outro premio de hum rapaz se alcança.
Que amor com outro amor ha de pagar-se
He ja comum rifaõ, sóe dizer-se,
Mas he erro, que agora ha de emendar-se.
Amor do proprio amor deve entender-se,
Que amor com sigo mesmo ha de premiar-se,
E ver premio da pena o padecer-se.

/461/ Ordenava-se
em Marapé
o baptizamento de huma Filha
de Balthezar Vanique olandez
e vieram à função varios estrangeyros
com huma pipa de vinho,
e malogrou-se a festa pela muyta chuva que houve.

Soneto

Vieram os Flamentos, e o Padrinho
A baptizar a Filha do Brichote,
E houve em Marapê grande rizote
De vêllos vir com botas n'um barquinho.
Porque não sendo as botas de caminho,
Corriaõ pela praya a todo o trote;
Foy ali hospedado o Dom Bribote
Como convinha não, como com vinho.
Choveo tanto ao domingo em tal maneyra,
Que cada qual Monsiur indo huma braza,
Ficou aguado o gosto, e o vinho aguado.
Porque não quer a virgem da Oliveyra,
Que lhe entrasse pagaõ na sua casa
Vinho, que nunca fora baptizado.

/462/ Celebra

a grande algazarra
que fizera na festa os Estrangeyros
brindando a Quitota menina baptizada,
sendo no tempo da peste.

Soneto.

Se a morte anda de ronda, a vida trota
Aproveyte-se o tempo, e ferva o Bacco,
Haja galhofa, e tome-se tabaco,
Venha rodando a pipa, e ande a botta.
Brinde-se a cada triques à quitota,
The que apuro brindar se ateste o sacco,
E faça lhe a razaõ pelo seu caco
Dom Fragaton do Rhin compatriota.
Ande o licor por maõ, funda-se a serra,
Esgote-se o tonel, molhem-se os rengos,
Toca tará tará, que o vento berra.
Isto diz, que passou entre Flamengos,
Quando veyo tanta agua sobre a terra,
Como vinho inundou sobre os Podengos.

/463/ Celebra

sacodindo de caminho
o demaziado beber
deste Balthezar Vanique
sendo homem achacado da gotta nos pés.

Decimas

1

Senhor confrade da botta,
muyto à Deos dos céos deveis,
quando mil gottas bebeis,
e vos dóeis de huma gota:
se a vossa alma tam devota
de beber, e emborrachar
houvesse Deos de igualar
o castigo c' o peccado,
gotas vos houvéra dado,
como areyas tem o mar.

2

Sois tam grande borrachaõ,
e em beber tam desmedido,
que trocáis, o que heis comido,
pelo vinho, que vos daõ:
/464/ vomitais o vinho, e o paõ
com repugnancia muy pouca,
e a razaõ, que vos provoca,
he, que huma vez ó bebeis,
e vomitando ó quereis,
que outra vez vos torne á bocca.

3

Quem por vinho vomitado

tanto faz, e tanto gosta,
tambem gostará da bosta,
tambem do vinho mijado:
se não fora o vinho aguado
de tam grande hydropezia,
creyo, que se guardaria,
e hum Flamengo Areopagita,
o que n'um dia vomita,
ó bebéra n'outro dia!

4

Sois tam grande bebadinho
e tam manhoso em vertê-lo,
que bebe-lo, e desbebê-lo
he só por dobrar o vinho:
quando ó levais de caminho,
vay claro como do turno,
/465/ e quando do ventre mornopela bocca ó vomitais,
então muy çujo ó tragais
como purga de retorno.

5

O vinho ha de ser pagaõ,
e não serve o vinho aguado,
porque he vinho baptizado,
que enfada por ser christaõ:
day ao demo o beberraõ,
que com dores, e trabalhos
não busca ao beber atalhos,
pois sem temor de acabar
cré, que muyto ha de durar,
porque está de vinha d'alhos.

6

Sempre tive grande magna

em cuydar, que hum mosquitinho
que antes morrer no vinho,
do que estar vivendo n'agua:
se o bofe se vos enchagua
com beber, e mais beber,
virey com isso a entender,
que em Belga, donde viestes,
466/ de algum mosquito nascestes,
e mosquito heis de morrer.

Ao Filho

deste Balthezar Vanique
chamado Joaõ Vanique,
e por alcunha Atiracouces
introduzido na conversa do Poeta,
o qual havia apanhado huma queda
andando correndo n'umas cavalhadas.

Decimas

1

Quem vos chama atirador,
naõ vos faz amigo, afronta,
mas antes levay-o em conta,
porque atirador he Amor:
he verdade, que o favor,
que em tal nome se vos faz,
sua mã suspeyta traz,
que Amor tira arpões, e fouces,
vos, dizem, que atirais couces
por diante, e por detraz.

/467/ [2]

Mas vos de tudo zombay,
que o povo he galhofeador,
tratay de ser outro Amor,
e o que quer que for tiray:
se he bom atirar, olhay
para o tiro desestrado,
que hontem vos poz estirado,
porque vejais em rigor,
em todo o caso he melhor

a tirar, que ser tirado.

3

Vos tendes muytos amigos,
e o mereceis em verdade,
e eu quero a vossa amizade
athe no tempo dos figos:
os mais não, são todos trigos,
são falsarios, desleães:
vos tanto vos esmerais
c'os amigos que seguís,
que com amor os servis,
e de amores os fartais.

4

Sois moço bem parecido,
galanaço, e aceado,
/468/ gentil homem sem cuydado,
sem arteficio entendido,
não affectais ser cupido,
como há outros no lugar,
que a affectação he desar,
e o arteficio torpeza,
e so vos por natureza
tendes na terra bom ar.

Desconfiado

o Vanique

destes cavillosos louvores
se retirou daquela conversaçãõ,
e o Poeta ó satisfaz com outros peyores.

Decimas

1

Vos sois Joaõ, tam ingrato,
que outro vos metteo a febre
para papar-vos a lebre,
e à mim encayxar-me o gatto:
temo deste falso trato
que o vosso negocio quebre,
/469/ pois porque o mundo celebre
vossa tramoya sem par,
ao mundo me hey de queyxa,
que vendeis gatto por lebre.

2

Diz-me certo Badulaque,
que as Musas fugis de ouvir,
e eu sey, que por me fugir
vos valestes desse achaque:
tendo tam bom estoraque
hoje açaoula da Musa,
que me condána, e accusa,
quem tal cousa me condena,
se Apollo me deo a penna,
e me ditou Arethuza?

3

Vos queyxais-vos sem razaõ,
e sem causa vos sentis,
porque os versos, que hontem fiz,
saõ partos de huma affeyçaõ:
fugistes sem occasiaõ
inda por menos de hum figo
só por ser meu inimigo,
e assim me destes hum geyto
/470/ de dizer, que em vosso peyto
naõ há amigo para amigo.

4

Toda a manhã esperey,
sem vos querer chegar,
com que ou vos me heis de matar,
ou por vos me enforcarey:
espero, que vos verey
hoje a tarde as laranjadas,
e inda que estaõ assustadas
as pedras, que aqui pizastes
da queda, que hontem levastes,
eu tomarey as pedradas.

A Huma

Negra chamada Eva
recolhida de hum clerigo em Maré,
que enganou ao Poeta fazendo-o esperar.

Decimas

1

Naõ me maravilha naõ,
que a matar-me se me atreva
/471/ huma Eva, pois outra Eva
ja fez peccar outro Adaõ:
nem he para admiraçaõ,
que quem com lindeza muyta
tanto alvedrio desfruyta,
o meu desfruytar intente,
nem que com fruyta me tente,
sendo eu amigo da fruyta.

2

Eu me veja embaraçado
no meyo, que hey de tomar,
e tudo ha de vir a parar
em deyxar-me ella esquentado:
darey em desesperado,
irey hum dia enforcar-me,
com ella, por naõ matar-me,
e ao faltar sogã d'El Rey,
algum pêllo lhe acharey,
em que possa espernegar-me.

3

Pois me deo palavra, e maõ,

creyo, que naõ mentirá,
senaõ novo naõ sera,
que huma Eva engane a Adaõ:
/472/ alguma serpe, ou dragaõ
anda por esse pomar,
que veyo a Eva enganar,
para ella enganar-me a mim,
coma eu da fruyta em fim,
peque embora que peccar.

4

E se o Padre me chamar,
que venha estar em juizo,
direy com todo o meu sizo,
Senhor, saõ erros de amar:
esta Eva, ou este azar,
que me déstes por mulher,
diz, que Deos havia ser,
quem do seu pomo comesse,
e eu porque Deos parecesse,
c'o Demo me fuy metter.

5

Bem sey em, que era impossivel
ser Deos, e fazzer peccado,
mas a serpe me ha enganado,
ou Eva, que he mais terrivel:
esta carne tam sensivel,
tam fraca, e tam miseranda
/473/ pelo perdaõ vos demanda:
indulto, indulto, Senhor,
que hum prezo prezo de amor,
em artos infernos anda.

6

E pois me diz, que serey
o Deos da sua vontade, ou me falle, ou não verdade
da fruyta lhe provarey:
inda q'entaõ me verey
dos pés athe a carantonha
despido, e cheyo de ronha,
posto em tamanha lazeyra,
folhas dará-me a figueyra
para cobrir a vergonha.

7

Se fora do Paraizo
derem com migo em alberca,
como a tal Eva não perca,
vay pouco, em que perca o sizo:
basta, que hum Anjo Narciso
se não ponha por meu mal
na porta do terreal,
para a entrada defender,
/474/ que eu não mereço Anjos ver
estando em culpa mortal.

8

E se sobre este desgosto
tiver por condenaçãõ,
que vá comer o meo pão
com o suor do meu rosto:
tudo levarey com gosto
por huma Eva tam bella,
tam guardada tam donzella,
que claro está, hey de andar
eu, e ella a trabalhar,
pois hey de trabalhar nella.

9

Em vez de bellota mã,
que comêram nossos Pays,
teremos melões reaes,
que he a bellota de cá:
cavando aqui, e acolá,
nos verám todos os días
comer ricas melancias;
inda que seja o bocado
tam trabalhado, e suado,
mas val suor, que sangrias.

/475/ [10]

Era falta, e Eva mente,
e tem-me enganado em fim,
com que a Eva para mim
he peyor, que huma serpente:
a serpente em continente
deyxou-a Deos condénada,
que andasse sempre arrastada
co'a barriga para o chaõ,
e eu ponho á Eva a pensãõ,
que ande de costas virada.

11

Se ella de costas andára,
a fé, que eu a impingíra,
a fé, que naõ me mentira,
nem agora eu me queyxára:
se ella me naõ enganára,
naõ dera as minhas propostas
respostadas, por respostas:
andára, qual sempre andou,
mas pois Eva me enganou,

mando, que ande Eva de costas.

/476/ Applica

o Poeta o caso seguinte
é Ignacio Pissarro
sendo apanhado com hua Moá
por seus Irmaõs.

Motte

Maria mais o Moleyro
tiveram certas razões;
Maria cahio lhe a saya,
e ao Muleyro os calções.

Gloza

1

Maria todos os dias
levava a moer o trigo:
vem o Moleyro inimigo
rapa lhe todo em maquias:
tiveram certas porfias,
andáram aos empuxões,
Maria cahio lhe a saya,
e ao Muleyro os calções.

/477/ [2]

Maria escapou da briga,
mas logo no outro dia
eis o Muleyro, e Maria,
qual de cû, qual de barriga:
qual de baxo, qual de riba
jogáram os repellões,
Maria cahio lhe a saya,
e ao Muleyro so calções.

3

Com tam grandes travessuras Maria tanto esbofou,
que a candeya se apagou,
e ficáram as escuras:
ella cruzou logo as curvas,
e elle deo lhe huns bofetões;
Maria cahio lhe a saya,
e ao Muleyro os callções.

4

Em aperto tam urgente
tanto o Muleyro suou,
que a fralda em suor molhou,
naõ sey, se he assim, ou semente;
ella affirma, que elle mente,
que era caldo dos culhões:
/478/ Maria cahio lhe a saya,
e ao Muleyro os calções.

5

Mas por lograr a occasiaõ
quiz o triste do Muleyro
levar à praá a dinheyro,
naõ a força do canhaõ:
puchou pelo seu bolçaõ,
e dando lhe dous tostões
Maria cahio lhe a saya,
e ao Muleyro os calções.

6

Maria inda que cançada
gritava com tal pujança,
que acudio a visinhança
vendo tanta matinada:
mas vendo a luz apagada

cuydavaõ, que eram ladrões:

Maria cahio lhe a saya,
e ao Muleyro os calções.

7

Veyo a luz n'um castiçal,
e sem temer maos agouros
achaõ a Maria em couros,
/479/ ao Muleyro outro que tal:
ella a contar o seu mal,
e elle a dar suas razões,
Maria cahio-lhe a saya,
e ao Muleyro os calções.

Descreve

agora o Poeta,
como obrigáram a este sugeyto
a casar com esta Moça,
tendo dado huns pontos no vazo
para se fingir donzella.

Decimas

1

Casou Felippa rapada
com o Guapo do lugar
e porque quiz bem casar,
ficou arto mal casada:
hoje he a mal maridade
do sitio de Sam Francisco,
porque o Guapo vendo o risco,
que seu credito corria,
/480/ em vez de dar lhe a maquia
se contentou c'um belisco.

2

Que não consumou, se falla,
porque o Noyvo em tanta gloria
se poz fraco da memoria,
e esqueceo lhe o cavalgâ-la:
a Noyva fez disto gala,
porque ficou co'a honrinha,
e elle diz, que assim convinha:
porque se hum homem de bem
não tira a honra à ninguem,
menos à quem à não tinha.

3

Elle està muy arriscado
à hum successo infeliz,
porque o que delle se diz,
he, que o tinha bem provado:
à mim me não dê cuydado
ver, que o Noyvo consentio,
porque se à Noyva dormio,
e diz, que ò ha de provar,
se cumprio, hey de eu mostrar,
que ja provou, e cumprio.

/481/ [4]

Fez o Noyvo as carreyrinhas
huma ayrosa retirada,
vendo estar fortificada
a praça com tantas linhas:
mas eu ja por contas minhas
tenho a maranha entendida,
e he, que o Noyvo em sua vida
não quiz, que o Povo malvado
dicesse, que andava assado
por huma mulher cosida.

5

Se coseo o berbigão,
como diz a gente toda,
muyto a Moça me accomóda
para arrais de hum galeão:
porque se a sua intenção
foy acaso em tanta bulha
metter (fora vá de pulha)
huma fragata alterosa
por barra tam perigosa
he, que se fiou na agulha.

6

O Noyvo se veyo embora,
e ella chora, ao que eu creyo,
/482/ porque o Noyvo se não veyo,
não entendo esta senhora:
mas o que se teme agora,
he, que hum dos cunhados mande,
que o pleyto vá a Roma, e ande;
eu não sey, que o demo ó toma,
pois quer, que passe por Roma
mulher de nariz tam grande.

Ao Nascimento
de huma Menina,
que se dizia ser Filha
de Joan de Morales castelhano
amigo do Poeta
fez Silvestre Cardozo
huns desconcertados versos,
ao que o Poeta fez estas

Decimas

1

Compoz Silvestre Cardozo
hum poema esta manhã,
e era o assumpto a Monã

/483/ nascida ao Moráes famoso:

por ser o verso jocoso,
foy festejado em verdade
com toda a celebridade,
e não deyxey de notar,
que sendo o Pay secular
folgou co' a paternidade.

2

A hum Pay qualquer filho enguiça,
se a May puta lhe imputou,
e o Moráes esta aceytou
só por credito da piça:
que como o mal se lhe atia,
e he de tam mao navegar,
que sempre anda a bordejar:
aceytou a filha parda
por mostrar, que da may sarda
soube o golfo penetrar.

3

Pela conta da cartilha
ficou verdadeyra a may;
Pasquinha ficou com pay,
e o Moráes ficom com filha:
todos nos os da quadrilha
/484/ ficamos de par em par,
Pissarro a combetear,
e eu a pasmar, e aplaudir,
Moráes a rir, e mais rir,
Silvestre a nos sopportar.

Naõ podia
o Poeta
levar em capello
o continuado mentir
deste Silvestre Cardozo,
e por isso ó sacode agora.

Motte

Em qualquer risco de mar
quereis, Silvestre, ser Ema:
se a Ema no mar naõ rema,
como vos heis de salvar?

Gloza

1

Sois Silvestre tam manemo,
tam cagaõ, e tam coytdado,
/485/ que antes que branco afogado,
dezejais ser negro Emo:
Se ao Emo lhe falta o remoda pata para nadar,
quem se naõ ha de espantar
de ver, que hum branco indiscreto
se passe de branco a preto
Em qualquer risco de mar.

2

As Emas no mar naõ vogaõ,
que naõ saõ patos modernos,
ós pretos naõ saõ eternos,
as aves tambem se afogaõ:
logo como assim a vogaõ

à divindade suprema
vossos ays com tanto emblema,
e virando o papa figo
para livrar do perigo
Quereis, Silvestre, se Ema.

3

Nesta herezia tam crassa
deo Pithagoras gentil
/486/ [3]
crendo, que a alma he tam vil,
que de hum corpo à outro passa:
a vossa sim tem mais graça,
porque he asneyra da gema:
senaõ vede o entimema,
como trocáis em tal calma
em Ema o corpo, e a alma,
se a Ema no mar não rema.

4

Sendo erro o transmigrar-se
(como Pithagoras dice)
a alma, he gram parvoice
alma, e corpo transmutar-se:
e se deve condénar-se
alma, e corpo transmigrar,
e vos vos possais trocar
em Ema, isso nada voga,
porque se a Ema se afoga,
como vos heis de salvar?

/487/ Ao Mesmo

sugeyto
naõ só por mentir muyto,
mas tambem por negar,
huma fornicaçaõ,
em que foy visto com huã negra.

Decimas

1

Vio-vos o vosso Parente
n'uma moyta fornicando,
e vos o caso negando
sois Pectro Sylvestremente:
vos mentis, ou elle mente
dizendo a verdade pura:
vos estareis na espessura,
onde a Negra vos espera,
e onde vos viram, ou era
o demo em vossa figura.

2

Ja por vosso menos cabo
depois de injurias tamanhas
dizem das vossas entranhas,
/488/ que he morada do diabo:
porque no cabo, ou no rabo
me dizia o coraçãõ,
que se há demo fodinhaõ, havendo o tal de foder,
naõ podia tal fazer,
senaõ com vosso pismaõ.

3

Naõ sey, que menos torpeza
a vossa torpeza rara
acha na moyta mais clara,
que na moyta mais espesa:
tudo he foder a monteza,
e naõ tendes, que dizer,
replicar, nem defender,
que aqui foy, e naõ ali,
porque seja ali, ou aqui,
Silvestre, tudo he foder.

4

Se mudais de situaçaõ
naõ mais que por concluir,
em que anda sempre a mentir
vosso parente Fuaõ:
eu vos digo em conclusaõ,
/489/ que o tirar des acaçaca,
e abaxar-se vos a ataca
(como diz vosso Parente)
tudo he signal evidente,
de que sois o auctor da caca.

A Propençaõ
com que este
Silvestre Cardozo
sempre queria imitar o peyor.

Decimas

1

Senhor Silvestre Cardoso,
so eu invejar sey bem
a inveja, que aqui vos tem
à esse membro façanhoso:
vosso Primo de invejoso
tanto ó abate, e quebranta,
que isso à todos nos espanta,
pois quando a mentira encayxa,
como de falso ó abaxa,
elle he, quem vo-lo levanta.

/490/ [2]

Diz, que Christina jurou,
que se vos não levantára,
vos dizeis, que alguem tomára
levar, o que ella levou:
e eu, que tam perplexo estou
entre crer, e duvidar,
quero levar, e apostar,
que tal não levou Christina,
porque se acabe a contina
de alguem tomára levar.

3

Se vos poem algum deffeyto,

costumais logo dizer:
isso vi eu succeder
em tal parte à tal sugeyto:
day ao demo esse conceyto,
que a alheya imperfeyção
he triste consolação;
porque o amigo, ou parente
he como vos tam doente,
ficais vos acaso saõ?

4

Naõ vos mova â desayrado
o mal daquelle, e deffeyto:
/491/ tratay vos de andar direyto,
e ande o mundo corcovado:
o mao exemplo estampado
no bronze, jaspe, ou historia
o seu fim, e a sua gloria
naõ he para se imitar,
se naõ para ó desterrar
pelo escarmento a memoria.

5

Vos toda a falta inquiris,
e em achegando a saber,
em vez de à aborrecer,
correntemente à seguis:
se a vossa má sorte quiz,
que fosseis, do que he peyor
hum perpetuo imitador,
e tendes habilidade
para imitar a maldade,
naõ he a virtude melhor?

6

E se o alheyo senaõ
tomais por vossa desculpa,
quando vola daõ em culpa,
athe isso he imitaçaõ:
/492/ desculpay-vos co'a razaõ,
se à tendes para emprende-lo,
se não callâ-lo, e soffre-lo,
porque geralmente dito,
do peccado, e do delicto
a desculpa he não faze-lo.

7

Verbi gratia huma senhora
captiva do coadjutor,
aque nos trabalhos de amor
hoje he vossa coadjutora:
porque à bateis cada hora
com tanto afan, e canceyra
no pasto, praya, e ladeyra,
para que heis de publicar,
que vos não deyxá parar,
porque he grande bolideyra?

8

Este excesso tam infano
será acaso menos grava,
para que menos aggrave,
porque o mesmo fez Fulano?
naõ: que fora entonces llano
poderdes herege arder,
/493/ porque Luthero o quiz ser:
poderdes ser hum Mafoma,
poderdes ser hum Sodoma,
tendo, à quem vos parecer.

9

Ter succedido o delicto,
haver-se feyto o peccado,
naõ faz, que esteja acabado
seu rencor, ou ja prescripto:
antes hum, e outro afflicto
co'a pena, que se lhe poz
pelo seu delicto atroz,
faz à esses, que imitaveis
homens irremediaveis,
e incorrigivel à vos.

10

Este amoroso vexame
vos dá hum amigo, e applica,
que naõ queyrais naõ, que implica,
que vos censure, e vos ame:
antes, porque o mundo aclame
o zelo, com que me atrevo,
vendo, que nada relevo,
à quem devo obrigações,
/494/ vos mostro nestas razões,
que assim pago, o que vos devo.

Saudoso

de Pernamerim,
e sendo acaso topado naquella villa
hum moleque
chamado o Moçorongo
de Thomar Pinto Brandaõ
sem carta, nem recado do Senhor
para o Poeta,
elle se mostra sentido neste

Romance

Veyo aqui o Moçorongo
tam occulto, e escondido,
que naõ sey se ó tenha a elle,
se á vos por meu inimigo.

Chegou terça feyta a tarde,
metteo-se em casa de chico,
passou a tarde, e a noyte,
e o peyor he, que dormindo.

/495/ Porque havia de dormir
o Moçorongo maldito,
sabendo, que eu estava
desvellado, e affligido.

Amanheceo quarta feyra,
chegou o nosso Arcebispo,
gastou-se toda a manhã
com visitas, e visitos.

Deo meyo dia, e fuy eu
para casa dos amigos
esfaymado como hum cam,

e como hum lobo faminto:

Quando o cam do Moçorongo
sahio do seu escondrigio
e sem cuydar no encontro
deo de focinho commigo.

Alegrey-me, e engadey-me,
que há casos, em que he preciso,
que se mostre ao mesmo tempo
alegre hum peyto, e mofino.

Amofinou-me a trayçaõ,
com que elle esteve escondido,
e alegrey-me de encontrar
com gente desse destrito.

/496/ Perguntey logo por vos,
por Ignacio, e Antonico,
por Luzia, e por Catona,
e mais gente desse sitio.

Todos estam de saude,
me dice o criollo esquivo
hum tanto triste da cara,
pouco alegre do focinho.

Mas eu fiz lhe muyta festa,
assim por ser seu amigo,
como por ser cousa vossa,
e nesse pasto nascido.

Perguntey, se me escrevéras:
zombou disso, e deo-me hum trinco;
zombou com cara risonha,
trincou com dedo tangido.

Disto formo a minha queyxa,
disto fico muy sentido,
pois sey, que tendes papel,

tinteyro, penna, e juizo.
Mas andar lá nos veremos,
e vereis, que de sentido
vos hey de estrugir a vozes,
e me hey de espojar a gritos.

/497/ Por este

Moleque,
que deo ao Poeta muytas lembranças
da parte de Catona,
lhe remetteo elle o seguinte

Romance

Mandais-me vossas lembranças,
eu as não hey de mister,
porque de vos sempre ás tenho,
quer m'as deis, que não m'as deis.

Se o fazer mal não se perde,
como he adagio portuguez,
quem me faz tam grandes males,
como me póde esquecer?

Sinto, que vossas lembranças
me viessem esta vez
na desconfiança envoltas
lembrarey, não lembrarey.

Como não ha de lembrar-me
hum coração tam cruel,
se as feridas n'alma dadas
nem curadas saram bem?

/498/ A cada passo me lembram
os rigores, e os desdens,
com que, ingrata, castigastes
a culpa de vos querer.

O certo he, que este temor
nasce da vossa mâ fé,
que quem se sangra em saude
culpada deve de ser.

De vos mesma desconfiai,
que de mim não póde ser:
de vos sim, que me matastes,
de mim não, que vos amey.

Porque se aquella pessoa
na minha memoria fez
entrada por mão de amor,
quem lhe havia de empecer?

Se haveis medo de querer-me,
porque isso me mereceis,
e o que me mereceis, não faço,
faço por vos merecer.

Mereceis-me ja esquecido
do tempo, que vos quiz bem,
e nem me lembra esquecer-me
afim de inda vos querer.

/499/ Pelo que sois não vos amo,
que não se adora o cruel,
o bello sim, e eu vos amo,
pelo que me pareceis.

Pois por mais que fosseis dura,
izenta, ingrata, e cruel,
quem vos não quita o ser linda,
não vos quitará o querer.

Aggravos não m'os fizestes,
males, e injurias tambem:
se de alguém hey de queyxar-me,
de hum neiguem me queyxarey.

Vos não tivestes a culpa:
toda a culpa teve, quem
vos quiz tratar com lizonjas,
succeda, o que succeder.

Quem vos não diz a distancia,
que o negro do branco tem,
esse teve a culpa toda,
he amigo, pôde-o fazer.

Mas deyxando estes queyxumes,
que será força offender
com queyxas, quem nunca pôde
com finezas dar prazer:

/500/ Digo, que as vossas lembranças
tanto n'alma as estimey,
como vos sois testemunha,
que la as vistes receber.

Queyra Amor restituir-me
dos aggravos, que me fez,
e vos faça ja a destroca
do branco pelo guinë.

Por este

mesmo escravo
escreve tambem o Poeta
a outro amigo em pernamerim
chamado Ignacio,
queyxoando-se de lhe não escrever,
nem lhe mandar novas das femeas.

Romance

Senhor Ignacio, he possivel,
que quizestes desdizer
daquella boa opiniaõ,
que eu tinha na vossa fé?
/501/ He possivel, que hum amigo,
de quem tanto confiey,
nem por escrito me falla,
nem em pessoa me vê?
He possivel, que huma ausencia
tanta potestade tem,
que ao vivo morto reputa,
no que toca ao bem querer?
Se isto em vos a ausencia faz,
como em meu peyto ó não fez?
não sois vos o meu ausente,
que em minha idea viveis?
O certo he, meu amigo;
dice amigo: mas errey,
que não sois amigo ja,
fostes meu socio talvez.
Fostes socio nos caminhos
daquella terra infiel,

onde Luzia traydora,
e Catona descortez
Me priváram dos sentidos,
e me deyxáram crueis
o corpo huma chaga viva
a golpes de seus desdens.
/502/ Mas eu me não queyxo dellas,
que de nehuma mulher
mâ, ou boa ha de queyxa-se
homem, que juizo tem.
Queyxo-me de vosso Thio,
que se foy por me empecer
esta terceyra jornada
para acabar o entremez.
Praza a Deos, que ache Simoa,
à quem amante foy ver,
como ha de achar Antonica
farta do xesmeninez.
Daquella Antonica fallo,
que poz no negro poder
das Quitas, para que à guardem,
e à guardáram ao revez.
Que à Silvestre à entregáram,
o qual, como vos sabeis,
apesar dos dias santos
lhe deo tanto que fazer.
Mas pois em Pernamerim,
e em suas cousas toquey,
neste mesmo assumpto quero,
me façais huma mercê.
/503/ Dizey-me, se está o Antonio
recolhido à seu vergel,

onde era geral Adaõ
das Evas, que Deos lhe deo.

E se acaso tiver vindo,
vos peço, que lhe mandeis
este romance fechado
em hum molhado papel.

Porque no molhado veja
o choro, com que lancey
estes versinhos tam tristes
por amar, e querer bem.

A elle, que me fugio
desta casa, ha mais de hum mez,
e à Catona, que ó imita
no esquivo, e no infiel.

E com isto, e outro tanto,
que me fica por dizer,
a Deos, athe que tenhais,

quem vos traga à meu vergel.

/504/ Descreve

o encontro,
que teve com a Mulata Esperança
no sitio da Catalla.

Romance

Na catalla me encontrey
honte honte com Esperaná
e porque à Catalla fuy,
dizem, que fuy a catá-la.
Mentem por vida d'El Rey,
que mal podia ir buscá-la,
quem em sua negra vida
não tinha visto tal Parda.
Dey em buscá-la ao depois,
porque a boa da Mulata
fez de andar por mim perdida
os meyo de ser buscada.
Dey com ella, e perguntando,
onde vivia, e morava,
de quem era, â quem servia,
e se andava amancebada:
/505/ Ella respondeo em forma,
e dice as formáis palavras =
eu, meu Senhor dos meus olhos,
e meu Doutor da minha alma,
Sou cativa de vosse
e de Luiz Correa escrava,
onde vivo, he la na Ponta,
onde mato, he na Catalla.
Amancebada não sou,

porque a sorte me guardava
este encontro de vosse
para enlaçar-nos as almas.

Aqui estou a seu servió,
veja agora, o que me manda,
que se me manda assentar,
me verá logo deytada.

Naõ sou mulher de invenções,
que ceremonias naõ gasta
com os homens de respeyto,
quem corre do mundo amassa.

Agradei lhe os favores
com meu par de pataratas,
fuy-me chegando para ella,
fuy lhe erguendo logo as fraldas.

/506/ Fuy pelas fraldas ao monte,
e quando lhe puz a palma,
foy pouca para o cobrir,
porque o monte era montanha.

Foy isto na capoeyra,
e ella me cacarejava
tanto, que com à galinha
eu gallo deytey lhe a galla.

Outra gala me pedio,
que eu prometti com maõ larga,
e à hey de gallar mais vezes
por lhe cumprir a palavra.

A Mesm

Mulata

aparecendo em outra occasiaõ

ao Poeta

muy desfigurada, amarella,

e cheya de gallico.

Decimas

1

Queyxam se, minha Esperança,
/507/ os que com vosco tem copia,
que sendo em sangue Ethiopia,
sois nos maos humores França:
eu, que ó não tomey por chança,
logo desesti da empreza
de lograr essa belleza,
porque he o mesmo, e peyor
ter do mal francez humor,
que os narizes a franceza.

2

Se estais tam afrancezada,
que lascivia vos provoca
a dares beyjos na bocca,
devendo-os dar na queyxada?
mas vos tendes tam trocada
a paz do nosso Paiz
no alamo de Pariz,
que como o bom portuguez
traduzis em mal francez,
athe os beyjos traduzis.

3

Deyxay mudas de huma vez,
/508/ sendo (pois vos accõmoda)
ou do bom portuguez toda,
ou toda do mal francez:
curay, inda que vos pez,
com cuydado, e sem detença
essa gallica doença,
ou borracheyra gavacha,
que entre gavacha, e borracha
ha muy pouca differença.

4

Se andastes qual peregrina
toda a França em huma alparca,
e passando à Dinamarca
voltastes de marca digna:
e que apuro pao da China
nos hemos de desmarcar,
todos podemos clamar,
de que com tantos aballos
vos fostes deytar c'os gallos
a fim de nos gallicar.

5

Dizem, que em cada tutano
/509/ do vosso corpo podrido
anda impresso, e esculpido
hum reportorio do amor:
mathematico tyranno
saõ os vossos olhos fritos,
e se estando mais afflictos
tudo adivinhando estaõ,
he triste adivinhaçaõ

prognosticar tudo a gritos.

6

Naõ quizera eu, meus amores,

aprender noyte, nem dia

essa vossa astrologia

a custa de minhas dores:

saber do tempo os rigores,

do ar a serenidade

será sciencia em verdade

dessa vossa pestilencia,

mas tomay vos a sciencia,

e day-me a simplicidade.

/510/ A Neosa

Margarida,
que acariava hum Mulato
chamando lhe Senhor
com demaziada permissã delle.

Decimas

1

Carira, que acariais
aquelle Senhor Jozé
hontem tanga de guiné,
hoje Senhor de cascais:
vos, e outras catingas mais,
outros cães, e outras cadellas
amais tanto as paventellas,
que imagina o vosso amor,
que em chamando ao cam senhor
the dourais suas mazellas.

2

Longe vá o mao agouro;
tiray-vos desse furor,
que o negro não toma cor,
e menos tomará ouro:
/511/ quem nasceo do negro couro,
sempre a pintura o respeyta
tanto, que nunca ó enfeyta
de outra cor, pois fôra aborto,
he, como quem nasceo torto,
que tarde, ou nunca endireyta.

3

A nenhum cam chameis tal;

Senhor ao cam? isso naõ:
que o senhor he perfeçaõ,
e o cam he perro neutral:
do diluvio universal
à esta parte, que he,
desde o tempo de Noé,
gerou Cam filho maldito
negros de Guiné, e Egipto,
que os brancos gerou Jafé.

4

Gerou o maldito Cam
naõ só negros negregados,
mas como amaldiçoados
sugeytos à escravidão:
ficou todo o canzarraõ
sugeyto a ser nosso servo
/512/ por maldito, e por protervo;
e o forro, que inchar se quer,
naõ póde deyxar de ser
dos nossos cativos nervo.

5

Os que no direyto expertos
penetraõ termos tam finos,
bem sabem, que os libertinos,
distaõ muyto dos libertos:
se há brancos tam inexpertos,
que daõ benignos, ou bravos
alforrias por aggravos:
os que destes saõ nascidos
por libertinos saõ tidos,
porem saõ filhos de escravos.

6

O filho da minha escrava,
e dos meus vizinhos velhos,
que eu vejo pelos artelhos,
que hontem soltáram da trava;
porque tanto se deprava
com tal brio, e pundonor,
que quer lhe chamem senhor:
se consta o seu senhorio
/513/ de hum bananal regadio,
que cavou com seu suor!

7

E se são fustos os brios
daquelles, que escravos tem,
nisso à môr baxeza vem,
pois tem por servos seus thios:
e se algum com desvarios
diz, que o ter por natural
sangue de branco o faz tal,
nisso a condénar-se vem,
porque se o branco faz bem,
com o negro não faz mal?

8

Tomem de leyte hum cabaço,
lancem-lhe hum golpe de tinta,
a brancura fica extinta,
todo o leyte çujo, e basso:
assim succede ao madraço,
que com a negra se tranca;
do branco o leyte se arranca,
da negra a tinta se entorna,
o leyte negro se torna,
e a tinta não se faz branca.

/514/ [9]

Mas tornando a vos, Carira,
que ao negro senhor chamais,
porque he Senhor de Cascais,
quando vos casca, e atira:
crede, amiga, que he mentira
ser branco hum negro da Mina,
nem vos sejais tam menina,
que creais, que elle não crê,
que he negro, pois sempre vê
em casa a may Catherina.

10

Dizey ao vosso senhor
entre hum, e outro carinho,
que o negro do seu fucinho
he cor, que não toma cor:
e que dê graças a Amor,
que vos poz os olhos tortos
para não ver tais abórtos,
mas que hade esbrugar mantenha
daqui athe que Deos venha
julgar os vivos, e mortos.

/515/ A Francisco

Ferreira,
de quem o Poeta se acompanhava
naquelle retiro,
faltando lhe hum dia aprazado
para certa viagem.

Soneto

Naõ vêm, com mentio Chico Ferreira!
Ou elle mente mais que huma sigana,
Ou naõ conhece os dias da semana,
E lhe passou por alto a quarta feyra.
Dice-me, que hia ver lá da ladeyra
O arrozal, que plantou na terra lhana,
Porem como olhos tem de porsolana,
Em trez dias naõ vio a sementeyra.
Amanheceo o dia promettido
Formoso, alegre, claro, e prazenteyro:
Bom dia, dice eu ca, para a viagem.
Sahi ao meu passeio mal vestido,
E tomando exercicio de gageyro,
Naõ vi vela, e fiquey como hum selvagem.

/516/ Ao Mesmo

e pelo mesmo caso,
que clamava ao Poeta
seu mestre na solfa,
porque com elle cantava as vezes.

Soneto.

Quem deyxá o seu amigo por arroz,

Naõ he homem, nem he de o ser capaz,

The Rola, Codorniz, Pomba torquaz,

Naõ fallo em Papagayos, e Socós.

Quem diz, que vay ficar dous dias sós,

E seis dias me tem neste solaz,

Tam pouco caso do seu mestre faz,

Como faz do seu burro catrapoz.

Andar: elle virá cantar os res,

E entaõ lhe hey de entoar tam falsos mis,

Que sayba, como pica o meu revez.

Day vos ao demo o dedo do aprendiz,

Que a seu mestre deyxou tam triste res

Por quatro graõs de arroz, quatro ceytiz.

/517/ A Hum

visinho
dá conta o Poeta
em huma manhã de inverno,
do que passava com o frio.

Soneto

Que vay por lá, Senhor, que vay por lá;
Como vos vay com este vento sul,
Que eu já tenho de frio a cara azul,
E mais roxo o nariz, que hum mangavá?
Vos na tipoya feyto hum Cobepá
Estais mais regallado que hum Gazul
E eu sobre o espinhaço de hum baul
Quebrey duas costellas, e huma pâ.
Traz Zabel o caximbo a fazer sono,
E se o sono pezar como o caximbo,
Dormireys mais pezado do que hum mono.
Vem as brazas depois, que valem gimbo:
E eu de frio não drumo, nem resono,
E sem pena, nem gloria estou no limbo.

/518/ A Persuações

de Thomaz Pinto
escreve Catona ao Poeta
huma carta
toda eleyta de amores, e finezas,
e elle lhe responde com este

Romance

Recebi as tuas regras,
meu amor, minha Antonica,
as quais, te juro, me deram
para mais penas mais vida.
Resucitey , quando as li
do lethargo, em que me via,
mas quem vive para as penas,
morre, quando resucita.
Teu objecto em cada letra
contempley por vida minha,
mostrando-me em cada termo
tua essencia huma alegria.
Recebi os teus abraços,
gozey-me em tuas caricias,
/519/ e por te ver, meus amores,
todo me enche de alegrias.
Eu zeloso te fallava,
tu mil zellos me pedias,
eu queyxoso, e tu queyxosa,
eu morto, e tu insofrida.
Nesta amante confusaõ,
no logro destas delicias
me vi, Tona dos meus olhos,

quando tuas regras lia.
Mas porem foram de amor
tudo apparencias fingidas,
tudo sombras fabulosas,
e tudo doces mentiras.
Porque logo o desengano,
que as verdades acredita,
me fez ponderar-te ausente
na distancia, onde me ficas.
Vendo entãõ, que era sonhada
a fortuna sobredita,
comecey com meus excessos
a fazer, o que convinha.
Eternecido e saudoso,
meus olhos lacrymas vivas
/520/ lançaõ, vendo-me ja morto
em correntes repetidas.
Hum suspiro ás acompanha
pronostico de agonias,
que publicando saudades
os mesmos astros lastima.
E como a causa tu sejas,
minha ausente, minha rica,
haõ de ser della os effeytos
por desiguais sem medida.
Os effeytos, que me causaõ
saudades tam repetidas,
meu affecto t'os relata,
meu grande amor t'os publica.
Considero-te, meu bem,
distante da minha vista,
e como vivo de ver-te,

sem ver-te não tenho vida.

Sempre está meu coração
em sobre salto, e fadigas,
porque sabe bem sentir
qualquer achaque, que sintas.

Entra logo a combater-me
dos zelos a bateria,
/521/ e como Troya o meu peyto
abrazaõ em chamas vivas.

Considero-te lograda,
de quem es mal merecida,
falsa, no que me promettes,
ingrata à tantas caricias.

Logo torno a descupar-te,
julgando cousas impias,
as que de ti considero,
por saber, que es compassiva.

Esta consolação traz
por saudosa companhia
huma esperança, que tenho
para ver sedo cumprida.

E como por festa chega,
e na festa se limita,
quanto esta festa me tarda,
tanto o prazer se anniquila.

Estes dias para mim
saõ annos, e não saõ dias,
as horas parecem mezes,
dos quartos não sey, que diga.

Considera tu agora
como estará, minha vida,
/522/ quem tantos contrarios tem

para tantas agonias.

Quem combatido se vê
com rigor, e tyrannia
de esperanças dilatadas,
suspiros, ansias, fadigas.

No mais aqui te não fallo,
tudo deyxo para a vista;
entretanto Deos te guarde.
Deste, que muyto te estima.

Teve

Catona

huma grande enfermidade
logo a este tempo,
e chegando as novas ao Poeta
lhe mandou este

Motte

Hontem soube o vosso mal
e de entaõ, meu doce emprego,
naõ pude enchugar meus olhos,
nem callar meu sentimento.

/523/ Gloza

1

Dizem os experimentados
nos bens, e males da vida,
que os males vem de corrida,
e os bens chegam retardados:
eu tomo em termos trocados
esta sentença fatal,
pois estando vos mortal
doente de tantos dias,
tam mal, com tantas sangrias,
Hontem soube o vosso mal.

2

Como a nova chegou tarde,
perdeo tempo o meu pezar,
que para mim foy desar,
pois de amar-vos faço alarde:
que, quem no vosso amor arde
tam louco, arrojado, e cego,
no vosso desasocego
quizera meu coração
padecer antes de entaõ,
E de entaõ, meu doce emprego.
/524/ Quando a triste nova ouvia,
fiquey tam amortecido,
que depuro estar sentido
naõ senti, o que sentia:
quem tam confuso se via,
vendo como por amtolhos,
que estava pizando abrolhos
entre a vossa, e minha magua,

como chores mares d'agua,
Naõ pude enchugar meus olhos.

4

Alma me puz a partir,
e em pedaços à chorey,
toda junta à naõ botey
so por viver, e sentir:
assim vim a conseguir
dar à minha dor augmento,
e como era o meu intento
faze-la extensiva hum tanto,
naõ pude parar meu pranto,

Nem callar meu sentimento.

/525/ Desta
enfermidade
passou Catona a curar-se
na villa de Sam Francisco,
onde o Poeta estava,
e a sua vinda lhe cantou este

Romance

He chegada a Catona,
e vem muyto doente,
que se há gostos, que matem,
have-los ha, que enfermem.

Se enferma de seus gostos,
gosta, do que padece,
e assim ninguem á cure,
que, quem à cura, à offende.

Da gente desta casa
ninguem há, que penetre,
se elle apertou com ella,
se ella apertou com elle.

O que se sabe ao certo,
he, que se ella adocece
/526/ daquillo, de que vive,
livre está de morrer-se.

Oh ditosa Catona,
que quanto mais padece,
mais assegura a vida,
pois vive, do que geme.

Para si não enferma,
contra mim adocece,
se morre por deyxar-me

hey medo, que me deyx.

Na sua enfermidade

logra dous interesse,

o gosto de enfermar-se,

e o prazer de morrer-me.

Se à curo, entãõ à offendo,

pois lhe tiro os prazeres:

se à não curo, me mato,

valha-me Deos mil vezes.

Que nesta confusaõ,

em que o fato me mette,

ou se cure, ou não se cure,

hey medo, que me enterre.

/527/ A Hum Pardo

chamado Lopo Teyxeira,
por quem mandou o Poeta
comprar huãs melancias a Saubara,
e lhe trouce muyto mâ compra.

Decimas

1

Amigo Lopo Teyxeira,
com a vossa cotta honrada
naõ diz bem a verdugada
desta compra estafadeyra:
fosse malicia, ou asneyra
o negocio, ou mercancia,
eu por qualquer desta via
creyo, que he vosso cuydado
nas de mais fruytas honrado,
porem naõ na menlancia.

2

Tinheis-me da vossa parte,
porque hum homem sabichaõ
na arte da fornicaçaõ
cri, que fosse em qualquer arte:
/528/ mas vos sois hum Durandarte
nisto de huma compra cara;
quem tal nunca imaginára,
ou quem me dicera a mim,
que honras de Pernamerim
se perdéram na Saubara.

3

Quero com vosco apostar,

que em sabendo desta asneyra
a Marcellina Pereyra,
com vosco se hade agastar!
naõ so vos hade negar
o debito em cima d'arca,
porem pezada da alparca
tam froxa se ha de estender,
que vos haveis de dizer:
naõ vi mais ronceyra barca.

4

Marcellina naõ direis,
que he boa femea jamais,
com que os Moços alterais,
e athe os velhos accendeis:
vos, amigo, amargareis
a doçura da rapina,
/529/ e direis com voz mofina
naõ trocarey em meus dias
por doce de melancias
o doce de Marcellina.

5

Vosso filho naõ será
por nenhum meyo ordinario
clerigo, porque o vigario
esta taxa lhe porá:
nos banhos escreverá,
que lhe sahio na estaçaõ,
que era filho de hum ladraõ,
e ladraõ de melancias;
tenhaõ tudo as clerezias,
amigos da fruyta naõ.

6

Se sabe o Governador
desta vossa ladroice,
acabou-se a fidalguice,
a estimaçãõ, e o amor:
Heis de viver de favos
tam falto, e de tal maneyra,
que a filha naõ será freyra,
ou quem a flor lhe tirou,
/530/ Se donzella à engeytou,
à engeytará parideyra.

7

A vos vos ha de engeytar
athe a vossa Apollonia,
porque a negra he huma demonia
em cascar, e escarnicar:
hontem he ouvi eu chamar
á vos, Lopo, de asneyraõ,
porque eu profetize, ou naõ,
ja desde honte adivinhára,
que havia vir da Saubara
hum gatto, quem fora hum caõ.

8

De perjuizo tam raro,
que passará a desacato,
ninguem dirá, que barato
comprastes, senaõ bem caro:
este monte he tam avaro,
e vive de tais ajudas,
que por quatro tana judas,
que querem morrer, se há visto,
mas quem compra para hum Christo,
que hade sair senaõ Judas.

AS ONZE FOLHAS SEGUINTEs
TRAZEM
O ÍNDICE DOS ASSUNTOS
E
O ÍNDICE ALFABÉTICO